

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

ADÁURIA AZEVÊDO FARIAS DE MEDEIROS

**PRÁTICAS ESPÍRITAS DIVERSIFICADAS:
variações de conduta dentro de uma
mesma doutrina institucional**

RECIFE/2010

ADÁURIA AZEVÊDO FARIAS DE MEDEIROS

**PRÁTICAS ESPÍRITAS DIVERSIFICADAS:
variações de condutas dentro de uma
mesma doutrina institucional**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco.

Área do conhecimento: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Dr. Drance Elias da Silva

RECIFE/2010

M488p Medeiros, Adáuria Azevedo Farias de
Práticas espíritas diversificadas : variações de conduta dentro
de uma mesma doutrina institucional / Adáuria Azevedo Farias de
Medeiros ; orientador Drance Elias da Silva, 2010.
157 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado em Ciências da Religião,
2010.

1. Religião e sociologia. 2. Espiritismo. 3. Religião e cultura.
4. Ciências sociais. I. Título.

CDU 301:2

ADÁURIA AZEVÊDO FARIAS DE MEDEIROS

**PRÁTICAS ESPÍRITAS DIVERSIFICADAS:
variações de conduta dentro de uma
mesma doutrina institucional**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco, pela seguinte Banca Examinadora.

Prof. Dr. Drance Elias da Silva - UNICAP
Orientador

Profa. Dra. Aurenéia Maria de Oliveira - UFPE
Examinadora Externa

Prof. Dr. Newton Darwin Andrade Cabral - UNICAP
Examinador Interno

RECIFE/2010

DEDICATÓRIA

A Deus, como Pai criador a quem devo todas as possibilidades de vida e de progresso;

À minha mãe, cujo ventre acolhedor me ofereceu a oportunidade reencarnatória envolvida no amor materno;

Ao meu pai, a quem devo a firmeza de caráter e a honestidade;

Ao meu marido, pela parceria integral;

Aos meus queridos filhos Jutay Marcelo, Igor George e Thiago Alessandro, grandes jóias preciosas, amores de minha vida;

Enfim, a todos que por mim passaram e àqueles pelos quais passei na troca da vida, deixando suas marcas engrandecedoras.

“Uma dolorosa observação surpreende o pensador no ocaso da vida. Resulta também, mais pungente, das impressões sentidas em seu giro pelo espaço. Reconhece ele, então, que se o ensino ministrado pelas instituições humanas, em geral religiões, escolas, universidades, nos faz conhecer muitas coisas supérfluas, em compensação quase nada ensina do que mais precisamos conhecer para encaminhamento da existência terrestre e preparação para o Além”

Léon Denis

AGRADECIMENTOS

Especial gratidão a todos aqueles que de mais perto ou de mais distante me ajudaram, ora com reflexões de ajuda positiva, ora com reflexões cuja potencialidade da vontade e da determinação no objetivo buscado se fazia cobrada para uma tomada de posição na continuação da caminhada.

Quero deixar meu profundo agradecimento aos meus pais, através dos quais, hoje, rendo homenagem, principalmente à possibilidade da reencarnação para o meu próprio crescimento.

Agradeço de forma especial a meus filhos, que, direta ou indiretamente, foram convidados a renunciar à presença, ao carinho e ao conforto de uma mãe mais próxima, sempre redundando em crescimento e fortalecimento para eles mesmos.

Ao meu marido, companheiro de todas as horas, com posturas diversas conforme o momento, que tanto ajudou a me posicionar frente aos requisitos da vida e do curso.

A todos eles agradeço, pelo meu crescimento e por mais uma etapa na minha existência, certa de que outras advirão e quero contar com todos eles, já que a vitória é, na realidade, de todos nós e não só minha.

Agradeço àqueles que, ora despojados do corpo visível aos olhos da carne, continuam me ajudando de uma forma ou de outra, conforme também seus padrões de crescimento, mas sempre dentro das leis da inteligência maior chamada por nós de Deus.

Enfim, àqueles doces caminheiros da ação do bem que aproveitam nossos esforços e boa vontade, muitas vezes diminutas ainda, para nos dar pequenos empurrões sob a forma de incentivos, quando buscamos crescer e melhorar a nós mesmos e ao outro.

Para eles, os abnegados trabalhadores do bem, tiro o chapéu e reverencio respeitosamente pela vitória atingida nesse momento, ultrapassando limites materiais e aqueles mais sutis, os que são próprios do ser.

Para a realização deste trabalho, contei com a paciência, compreensão e cooperação das seguintes pessoas e instituições:

Professor Drance, meu orientador, a quem agradeço os apontamentos sempre prontos no desenrolar da dissertação, desde a elaboração do projeto de pesquisa. Quero deixar a minha gratidão pelo acompanhamento científico nos meus estudos, pela liberdade concedida e a confiança no desenvolvimento deste trabalho, ao jeito tranquilo, descontraído e despojado do atendimento. No acompanhamento e compreensão frente às minhas limitações. Tenho que reconhecer que seria de maior dificuldade caso fosse o contrário.

Professor Newton Darwin de Andrade Cabral, pelos lembretes e sugestões no início do trabalho. Ao professor Marcos Roberto Nunes, pelo apoio decisivo na estruturação final do trabalho.

Não poderia esquecer o querido professor de longas e breves datas, desde o meu segundo grau, e agora já mais maduro, nas salas de pós-graduação da UFPE.

Professor Roberto Motta, pela leitura e sugestões ao projeto de pesquisa, que me foram tão caras, e pelo grande apoio que me dispensou.

Professores Sérgio Sezino Douets Vasconcelos, Zuleica Dantas Pereira Campos e Gilbraz de Souza Aragão pelo incentivo, apoio e importantes sugestões.

Minha gratidão ao apoio administrativo e burocrático que tornou possível a realização deste trabalho e fez de minha estada na casa algo agradável, dando-me a sensação de uma grande família.

Não poderia esquecer aqueles que se encontram nos bastidores, mas que formam toda a respeitável e querida teia, em que nos reconhecemos como gente, pessoas queridas e respeitadas. A elas, minha gratidão e a lembrança eterna pela simpatia e presteza sempre que os buscamos.

Minha gratidão aos funcionários e religiosos espíritas das instituições em que realizei a pesquisa, pelo acolhimento e presteza para fornecer as informações e conceder as entrevistas.

Aos queridos colegas cuja convivência me foi tão útil e agradável, com suas características bem particulares, e que tanto acrescentaram à minha caminhada de experiências.

RESUMO

Trabalho sobre as práticas utilizadas em centros espíritas localizados nas cidades de Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes e Paulista, com foco na doutrina organizada por Allan Kardec. A pesquisa foi elaborada com o objetivo de analisar os relatos de lideranças dos centros espíritas sobre como eram realizadas as práticas doutrinárias, buscando interpretar, compreender e explicar tais fenômenos e suas causalidades, atentando-se à subjetividade e suas representações. Com essa finalidade, uma metodologia qualitativa foi utilizada para obter os melhores resultados possíveis. Como instrumento de pesquisa optou-se pela observação em 11 centros espíritas, além de entrevistas com 19 líderes espíritas e aplicação de questionários. Os dados coletados foram categorizados e analisados, com base na fundamentação dos teóricos da Sociologia da Religião, da Antropologia, da Pedagogia Espírita e os preceitos da doutrina espírita, codificados por Allan Kardec. O estudo possibilitou constatar que, dentro do "universo espírita", existem diferenças nas práticas da doutrina, tendo em vista a herança cultural, isto é, os símbolos e mitos arraigados na sociedade e transmitidos através dos tempos, que resultam em uma resistência a novos costumes, o que influenciou diretamente as práticas espíritas. Desse modo, o "motivo" da variação na diversidade das práticas está relacionado com o nível de conhecimento da doutrina, pelos seus praticantes.

Palavras-chave: Ciências Sociais, Ciências da Religião; Espiritismo Kardecista; Allan Kardec; variação de conduta; religião; cultura.

ABSTRACT

This work explain the practices inside of 'Spirit Centers' in the cities of Recife, Olinda, Paulista and Jaboatão dos Guararapes, focusing doctrine organized by Allan Kardec. The research was conducted with the aim of analyzing the reports of leaders of the 'Spirit Centers' on how to perform doctrinal practices, seeking to interpret, understand and explain these phenomena and their causes, paying attention to the subjectivity and its representations. For this purpose, a qualitative methodology was used to obtain the best possible results. As a research tool was chosen for observation on 11 spiritual centers, and interviews and questionnaires with its 19 leaders. The collected data were categorized and analyzed based on the theoretical foundations of the Sociology of Religion, Anthropology, Spirit Pedagogy and the precepts of spiritual doctrine, codified by Allan Kardec. The study made it possible to see that, inside of "The Spiritism's Universe", there are differences among the practice of the doctrine based on the cultural inheritance, in other words, the symbols and myths ingrained in society and transmitted through time, resulting in a resistance to new behaviors, which directly influences the Spiritism practices. Thus the "reason" for the variation in the diversity of practice is related to the level of knowledge of doctrine, by its practitioners.

Keys-words: Social Sciences, Sciences of Religion, Spiritism Kardecist; Allan Kardec; range of conduct, religion, culture.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 O PROBLEMA, REVISÃO BIBLIOGRÁFICA, OBJETIVOS E METODOLOGIA | 17 |
| 1.1 Apresentação do problema | 17 |
| 1.2 Revisão bibliográfica | 20 |
| 1.2.1 Discussão entre o pensamento de Marx e Weber: a religião nas Ciências Sociais | 20 |
| 1.2.2 Conceito de religião para os clássicos das Ciências Sociais | 23 |
| 1.2.3 Weber e a Sociologia da Religião: uma metodologia compreensiva | 25 |
| 1.3 Objetivos, enfoques metodológicos e procedimentos técnicos | 28 |
| 1.3.1 Estratégias e ação | 30 |
| 1.3.2 Percurso metodológico da pesquisa | 32 |
| 1.3.3 A escolha dos centros espíritas | 34 |
| | |
| 2 A CONCEPÇÃO ESPÍRITA KARDECISTA | 35 |
| 2.1 O Espiritismo na sua origem e etapas históricas | 35 |
| 2.2 Uma trajetória na educação e produção doutrinária | 40 |
| 2.3 Espiritismo: identificando práticas diferenciadas | 51 |
| | |
| 3 O ESPIRITISMO E SUAS PRÁTICAS DIFERENCIADAS NA MESMA DOCTRINA ESPÍRITA | 56 |
| 3.1 Mapeando práticas diferenciadas dentro do Espiritismo | 56 |
| 3.2 Análise das práticas diferenciadas | 58 |
| 3.3 O Espiritismo e suas práticas diferenciadas | 76 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 87 |
| REFERÊNCIAS | 91 |
| APÊNDICE | 95 |

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho foi compreender interpretativamente o sentido da ação, a fim de explicar a causalidade da diversidade na prática do **“Espiritismo”**¹ e os seus efeitos, em centros espíritas das cidades de Recife, Jaboatão, Olinda e Paulista, no Estado de Pernambuco, a partir da visão da doutrina organizada por Allan Kardec. Especificamente, buscou-se: observar e descrever o comportamento dos praticantes espíritas em suas atividades, levando em conta as intenções e motivações subjetivas, responsáveis pela condução de determinadas ações nas instituições; identificar e descrever os motivos que causam tais ações em grupos nas mesmas práticas dos princípios doutrinários espíritas.

A pesquisa pretendeu analisar os relatos de lideranças de centros espíritas sobre suas práticas distintas, buscando interpretar, compreender e explicar tais fenômenos e suas causalidades, atentando-se à subjetividade e suas representações. O desafio proposto foi analisar as diferenças de conduta na casa espírita e extrair subsídios para a compreensão do sentido da ação a partir da observação direta e relatos de líderes. Procurou-se então percorrer o caminho traçado, em busca da compreensão e interpretação dos dados, a fim de produzir uma explicação plausível para as práticas diferenciadas em centros espíritas kardecistas.

No desenvolvimento deste estudo, a expressão **“Espiritismo Kardecista”**² é utilizada a exemplo de muitos autores que também a empregaram, como Oliveira (2006), no

¹ Este termo é considerado por Incontri (2006, p. 26) como um “[...] neologismo, criado pelo próprio Kardec: [...]”. Essa expressão, produto da doutrina organizada por Kardec, surgiu no momento da elaboração do seu trabalho *O Livro dos espíritos*, para definir um segmento de visão de mundo e de entendimento da vida. A Doutrina Espírita ou o Espiritismo “[...] tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas ou, se quiserem, os espiritistas. Como especialidade, o Livro dos Espíritos contém a doutrina espírita; como generalidade, prende-se à doutrina espiritualista, uma de cujas fases apresenta. Essa a razão por que traz no cabeçalho do seu título as palavras: Filosofia espiritualista”. (KARDEC, 1997, p. 13). Ainda em referência à doutrina espírita, o Cap. 1 do Livro dos Espíritos menciona: “O Espiritismo é a nova ciência que vem revelar aos homens, por provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, e suas relações com o mundo corporal; ele no-lo mostra, não mais como uma coisa sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e incessantemente ativas na natureza, como a fonte de uma multidão de fenômenos incompreendidos, até então atirados por essa razão, ao domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo faz alusão, em muitas circunstâncias, e é por isso que muitas coisas que Ele disse permaneceram ininteligíveis ou foram falsamente interpretadas. O Espiritismo é a chave com a ajuda da qual tudo se explica com facilidade”. (*Ibid.*, p. 36). O Espiritismo marcha ao lado do materialismo, no campo da matéria; admite tudo o que o segundo admite; mas, avança para além do ponto onde este último pára. O Espiritismo e o materialismo são como dois viajantes que caminham juntos, partindo de um mesmo ponto; chegados a certa distância, diz um: “Não posso ir mais longe.” O outro prossegue e descobre um novo mundo. Por que, então, há de o primeiro dizer que o segundo é louco, somente porque, entreando novos horizontes, se decide a transpor os limites onde ao outro convém deter-se? (KARDEC, 1985, p. 234).

² A expressão “Espiritismo Kardecista” é bem usual nos trabalhos de Lewgoy (2006), como em seu artigo intitulado *Incluídos e letrados Reflexões sobre a vitalidade do espiritismo Kardecista no Brasil atual*. De acordo

início da introdução da sua Tese de Doutorado, que teve como objetivo “[...] analisar o relacionamento tolerante e/ou intolerante que os **espíritas kardecistas** travam com os adeptos de outras religiões, a partir da visão que esboçam sobre as outras crenças [...]”; Lewgoy (2004), que define: “O **espiritismo kardecista** é uma religião que confere fundamental importância ao estudo de uma literatura própria [...], sem esquecer a contribuição de Giumbelli (1997), em seu artigo intitulado *Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais*.

Entretanto, nesta pesquisa, a expressão “Espiritismo Kardecista” é utilizada no mesmo sentido empregado por Arribas (2008): “[...] as designações *espiritismo Kardecista*, ou *espiritismo de mesa branca*, ou ainda *alto espiritismo* para designar a teoria espírita criada originalmente por Allan Kardec [...]”.

O interesse pelo tema é consequência de minha vinculação ao movimento espírita ³, desde 1958. Nos anos 60, ganhei de presente *O Livro dos Espíritos* ⁴, de Allan Kardec, cujo conteúdo despertou a minha curiosidade, motivando-me a ler e reler a obra, com o intuito de reter o conhecimento ali guardado e tão essencial à minha visão de mundo.

com Lewgoy (2006, p. 178): “O **espiritismo kardecista** é um movimento espiritualista moderno surgido no século XIX, na França, sob a liderança do pedagogo francês Allan Kardec (1804-1869)”. Ainda segundo Lewgoy (2006, p. 179), “[...] o **espiritismo de Kardec** representará para Marion Aubrée e Francois Laplantine (1990), um tipo de religiosidade anticatólica, republicana e ‘à esquerda’ [...] (destaque nosso)”. Ao fazer considerações sobre o “Espiritismo Kardecista” Lewgoy mostra em termos estatísticos a posição que o “espiritismo kardecista” ocupa no cenário brasileiro, assim como o crescimento linear: “Dos cerca de 2,2 milhões de autodeclarados **espíritas kardecistas** no censo de 2000, 340.000 residem na cidade de São Paulo, e 270.000 no Rio, na época do recenseamento [...]”. “Se comparado à umbanda (cerca de 400.000) e ao candomblé (118.000) ou ainda a outras religiões ‘afro’ (cerca de 9.500) ele é a primeira força no campo mediúnico [...] (destaque nosso)” (LEWGOY, 2006, p. 174). Ao longo do seu trabalho, já mencionado, Lewgoy é fiel ao uso da expressão “Espiritismo Kardecista”, basta uma rápida leitura para observar como o termo é referenciado constantemente e é enfático em dizer que “[...] o **espiritismo kardecista** não é apenas uma ‘Religião do Livro’, mas uma religião dos livros, da leitura e da escrita, que não apenas presume a passagem num circuito institucional centrado na escola como mimetiza uma representação idealizada de suas regras e funcionamento, [...] (destaque nosso)” (*Ibid.*, p. 183). O autor, ao encerrar o seu artigo, faz a seguinte alusão: “a força do **espiritismo kardecista** não é demográfica, mas antes de tudo, da ordem de um poder simbólico específico que emprega múltiplas associações com os pólos referenciais do saber e da religiosidade ocidentais [...] (destaque nosso)” (*Ibid.*, p. 187).

³ Movimento Espírita é o conjunto das atuações que o Espiritismo comporta, tais como os lares e centros, os institutos culturais, associações profissionais, hospitais, asilos, orfanatos, e imprensa, que tenham como objetivo a correta divulgação do Espiritismo (CAVALCANTI, 1983, p. 26).

⁴ Conforme Incontri (2006, p. 53), “[...] *O Livro dos Espíritos* foi lançado um ano antes das teorias darwinistas e ao mesmo tempo se alia a essa corrente, por intermédio de Russel Wallace, que participou do movimento espírita na Inglaterra. Mas mostra o princípio inteligente germinado na matéria, de modo que o evolucionismo se torna psíquico-biológico [...]”. Em *O Livro dos Espíritos*, de Kardec, a doutrina espírita aparece como um “[...] repositório de seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e mediante ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito do sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem obra daquele que recebeu a missão de os publicar”. (KARDEC, 1999, p. 49).

Em seguida, passei a participar das reuniões públicas e do grupo de “evangelho no lar”, na residência de Elizabete Dantas Cavalcante (Niná)⁵, presidente do Núcleo Espírita Investigadores da Luz (Neil), naquela época localizado na Rua Augusta, hoje Av. Dantas Barreto, no bairro de São José, no Recife. A partir dos anos 70, morei em vários estados do Brasil, onde tive a oportunidade de vivenciar e conhecer diversas formas de “ser espírita” com proposta kardecista.

No Rio de Janeiro, trabalhei durante 16 anos no Centro Espírita Léon Denis (Celd), no qual havia uma preocupação, por parte de sua Direção, em estimular o estudo da doutrina, um dos principais propósitos do Espiritismo, o que demanda “socialização no espiritismo”. Neste sentido, Lewgoy⁶ (2004) explica a importância da socialização no meio espírita. Para ele, socializar é estar familiarizado com os ensinamentos da doutrina, fazer parte de grupos de estudo, discutir sobre autores e livros espíritas de autores respeitados pela doutrina. É ingressar num universo de debate. É refletir sobre os autores, sobre a produção literária espírita e sobre as palestras.

Com o passar do tempo, observei e vivenciei muitas e marcantes diferenças, formando mesmo um caleidoscópio de expressões e práticas espíritas. Mediante observações diretas em alguns centros espíritas, percebi que a prática da doutrina apresentava diferentes procedimentos relativos ao exercício dos trabalhos. O mesmo acontecia em relação à conduta da direção da casa espírita, resultando em atitudes de conforto ou desconforto para o trabalhador.

As atitudes diversificadas eram visíveis até para o público leigo, o que despertou meu interesse pelo problema deste estudo. Dicotomias do tipo: em certa casa espírita, dois companheiros de doutrina, ao se encontrar nos corredores, cumprimentam-se com abraços e beijos e gestos de felicidade, enquanto em noutro centro o trabalhador, ao voltar para casa, está insatisfeito, inquieto, com mal-estar, refletindo num relacionamento frio e agressivo com a família. A justificativa de tal comportamento estava no ambiente da casa em que trabalhava,

⁵ Elizabete Dantas Cavalcanti nasceu em 2 de julho de 1907, na cidade de Goiana, Pernambuco. No ano de 1937, fundou o Núcleo Espírita Investigadores da Luz – Neil. Participou do I Congresso Espírita de Mocidades Espíritas do Brasil. Em 1953, aceitou fazer parte da Comissão Estadual do Espiritismo, em que ocupou, por vários anos, o cargo de Diretora do Departamento Feminino. Criou a Semana da Mulher Espírita Recifense em 1967, atualmente Semana da Mulher Espírita Pernambucana, com a finalidade de confraternizar, instruir e estimular a mulher espírita para que possa, em obediência ao “Ide e Pregai”, elevar bem alto a doutrina espírita. Para maiores informações acessar (<http://investigadoresdaluz.blogspot.com/2009/05/elizabeth-dantas-cavalcante.html>).

⁶ Bernardo Lewgoy é doutor em Antropologia pela USP e professor adjunto do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS. Pesquisador do Núcleo de Estudos da Religião, tem colaborado em diversas publicações acadêmicas, onde vem escrevendo sobre o Espiritismo, patrimônio, cultura espírita e cotas raciais. É autor do livro *O Grande Mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira* publicado pela EDUSC.

resultante das atitudes e maneira de ser da liderança diretora responsável pelos trabalhos daquele centro.

Fatos como estes me levaram a questionar: Que motivos justificariam as posturas diferenciadas entre centros de uma mesma doutrina institucional? Estaria na transmissão do conhecimento da doutrina, na atividade de assistência social, ou na prática da mediunidade?⁷ No tratamento dispensado aos cooperadores, médiuns ou não, aos que buscam as casas espíritas, bem como nas relações sociais mantidas dentro das mesmas?

Para responder a essas indagações fui buscar em autores da área das Ciências Sociais e Humanas a interpretação das ações, com o objetivo de explicar a realidade. Após o retorno ao Recife, tive a oportunidade a uma defesa de tese que fortaleceu ainda mais o meu interesse em aprofundar o estudo sobre a diversidade de conduta dentro do Espiritismo.

Outros aspectos observados foram as visíveis lacunas quanto ao domínio do conhecimento do Espiritismo organizado por Kardec e seus seguidores, como Léon Denis⁸, Chico Xavier⁹, Divaldo Franco¹⁰ e outros. Esse pouco conhecimento pode gerar condutas em

⁷ A partir de então, tomamos a expressão *mediunidade* corresponde ao sentido colocado por Cruz (2001, p. 67): “A Doutrina dos Espíritos entende que a mediunidade é sempre potencialidade do espírito; no entanto, não há produto mediúnico sem equilíbrio biomático do organismo do médium.” Neste sentido, a mediunidade independe do corpo físico porque ela é imanente do ser essencial, que é o espírito. O autor ainda acrescenta: “O produto mediúnico, resultante da superação, produz diversidade, promovendo alteridade nos diversos segmentos do conhecimento humano” (CRUZ, 2003, p.71).

⁸ “Léon Denis merece referência especial, principalmente em vista de ter sido o continuador lógico da obra de Allan Kardec ao lado de Gabriel Delanne e Camille Flammarion. “Cabia-lhe desenvolver os estudos doutrinários, dar continuidade às pesquisas mediúnicas, impulsionar o movimento espírita na França e no mundo, aprofundar o aspecto moral da Doutrina e, sobretudo, consolidá-la nas primeiras décadas do século [...]. Foi cognominado o *Apóstolo do Espiritismo*, pela magnífica atuação desenvolvida, pela palavra escrita e falada, em favor da nova Doutrina. [...] conhecido como o *filósofo do Espiritismo*. [...] ele mesmo resumiu assim a missão que viera desempenhar em favor de uma nobre causa: *Consagrei esta existência ao serviço de uma grande causa, o Espiritismo ou Espiritualismo moderno, que será certamente a crença universal, a religião do futuro*”. Maiores esclarecimentos acessar (<http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/biografias/leondenis.html>). “Em 1855, publicou o seu primeiro livro: ‘*O Porque da Vida*’; em 1889, ‘*Depois da Morte*’; em 1898, nasceu: ‘*Cristianismo e Espiritismo*’; em 1903, ‘*No Invisível*’, (um verdadeiro tratado de mediunidade). Depois, sucessivamente: em 1908, ‘*O Problema do Ser, do Destino e da Dor*’; em 1910, ‘*Joana D’Arc, Médium*’; em 1911, ‘*O Grande Enigma*’; em 1919, ‘*O Mundo Invisível*’; E, sua última obra foi: ‘*Catecismo Espírita*’. Denis nasceu numa aldeia chamada Foug, situada nos arredores de Tours, na França, e morreu na mesma cidade, em 1927. Defendia ativamente a ideia da sobrevivência da alma e suas consequências nas relações humanas (LUCE, 1989, p. 324).

⁹ Francisco Cândido Xavier, conhecido como Chico Xavier, é considerado um modelo de espírita exemplar. Lewgoy (2000, p. 152) diz: “[...] Médium psicógrafo com uma prodigiosa produção, que ultrapassa aos 400 livros em quase 70 anos de produção mediúnica, Chico é a principal referência do espiritismo no Brasil [...]”. Sua forma de conduta levou pesquisadores como Stoll e Lewgoy a interpretar e analisar a trajetória desse trabalhador obediente que ultrapassou os limites do espiritismo, chegando a ser tomado como um homem santo. Em nota de rodapé, na sua tese de doutorado *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no Espiritismo Kardecista*, Lewgoy acrescenta: “Em verdade, a mitificação do Espiritismo brasileiro começou por Bezerra de Menezes, que passa a ser o médico por excelência do mundo espiritual. As atividades de cura acabam passando sempre pela ‘equipe do Dr. Bezerra’. No entanto, isso só aconteceu depois de sua morte, enquanto Chico é cultuado em vida” (LEWGOY, 2000, p.152).

¹⁰ Divaldo Franco nasceu em 1927, na cidade de Feira de Santana, Bahia. “É reconhecido como um dos maiores médiuns e oradores Espíritas da atualidade e o maior divulgador da doutrina Espírita por todo o mundo. Orador

desacordo com os princípios reguladores das atividades realizadas nos centros espíritas, repercutindo na diversidade das respostas dos que procuram a casa como apoio.

Um outro aspecto teve influência na escolha da temática: ser este um assunto pouco explorado no domínio do conhecimento acadêmico, como bem explica Incontri (2006), em seu artigo *O espiritismo e a universidade*. Para a autora, no Brasil, já existe um grande número de acadêmicos espíritas, em várias áreas do conhecimento científico; mesmo assim, poucos assumem a postura de pesquisador enfocando o Espiritismo, despreocupados de ver em Kardec um intelectual com contribuições na área da pedagogia, da filosofia, da ciência, antes mesmo de se dedicar à organização do Espiritismo.

Deste modo, o objetivo do trabalho foi compreender interpretativamente o sentido da ação, a fim de explicar as causas da diversidade na prática da doutrina e os seus efeitos, em centros espíritas das cidades pernambucanas do Recife, Jaboatão, Olinda e Paulista. Especificamente, buscou-se: observar e descrever o comportamento dos praticantes espíritas em suas atividades, levando em conta as intenções e motivações subjetivas, responsáveis pela condução de determinadas ações nas instituições; identificar e descrever os motivos que causam tais ações em grupos dedicados às mesmas práticas dos princípios doutrinários espíritas.

A estrutura formal do trabalho dividiu-se em três capítulos. O primeiro tratou do problema, revisão bibliográfica, objetivos e metodologia. Momento em que busquei inserir o tema do meu trabalho no universo de conhecimento da minha formação acadêmica – Ciências Sociais. Prossegui levantando conceitos relativos às Ciências da Religião, ora em prática de estudo.

O segundo capítulo foi dedicado às concepções teóricas e pesquisas de cientistas sociais, sociólogos e antropólogos no campo do Espiritismo, pesquisas essas que vão desde a gênese às etapas de desenvolvimento do Espiritismo.

No terceiro capítulo, o propósito foi analisar o objeto de estudo, observando os pontos divergentes na prática da doutrina, em centros espíritas. Para a análise, trabalhei com Max Weber (2009), adotando a metodologia – Sociologia Compreensiva – como suporte para compreender, interpretar e poder explicar a causalidade das diferentes formas de condução da prática da doutrina, a partir do sentido da ação, defendido por Weber (2009), numa abordagem qualitativa.

com mais de 11.000 conferências, viajou por 2.000 cidades em todo o Brasil e em 62 países. Entre as suas obras, destacam-se: *A Veneranda Joanna de Ângelis, Amor Imbatível Amor, Atualidade do Pensamento Espírita, De Bezerra de Menezes, Desperte e seja feliz, Em Busca da Verdade, entre outros*". Outras informações confira (<http://www.divaldofranco.com/biografia.php>).

Nas considerações finais, procurei reunir os resultados de todos os passos seguidos na construção da teoria e apresentar as conclusões, após uma longa jornada de estudos e observações.

1 O PROBLEMA, REVISÃO BIBLIOGRÁFICA, OBJETIVOS E METODOLOGIA

As contribuições teórico-metodológicas de clássicos e de contemporâneos das Ciências Sociais e das Ciências da Religião ¹¹, somadas às do Espiritismo, foram decisivas para o estudo e compreensão dos aspectos que tratam da natureza da ação social e das incursões no campo das religiões. Em cada uma delas, buscou-se o aporte para a sustentação do objeto e do problema em estudo nesta dissertação.

1.1 Apresentação do problema

A partir de observações feitas em várias casas espíritas, foi possível perceber a diversidade de práticas existentes que utilizam a abordagem espírita. A escolha da temática constituiu uma tentativa de responder a determinados questionamentos, como: Por que há tantas formas diferentes de vivenciar o Espiritismo dentro e fora da casa espírita, já que a base doutrinária é a mesma, ou seja, a kardecista? Será que a razão estaria no “olhar” de cada espírita trabalhador para com os frequentadores do centro? A comunicação da doutrina por seus adeptos, através da oratória oferecida ao público visitante, muitas vezes com diferenças muito fortes no seu teor, teria por base o conhecimento da própria doutrina ou um componente de ordem social, econômica e cultural? Questões como essas trazem inquietação, principalmente quando se trata de um cooperador dentro da doutrina.

Para esclarecer esta problemática, foram coletados subsídios em diversos pesquisadores no campo do Espiritismo. Na literatura selecionada, inicialmente houve identificação com a concepção de Lewgoy a respeito da importância das letras e da oralidade, dentro do Espiritismo. Para esse autor, no Espiritismo Kardecista,

[...] há uma pluralidade de modos de crer e de participar desse movimento, mas não há como explorar as possibilidades mais valorizadas de participação sem absorver um certo cultivo literário de si, materializado nos hábitos de leitura e de estudo em grupo de obras espíritas (LEWGOY, 2006, p. 183).

Em consonância com este autor, vale lembrar, apesar da doutrina espírita abrir espaço à participação de quaisquer membros da sociedade, independentemente da sua posição

¹¹ Entre os cientistas da religião, não há um consenso sobre o termo “Ciências da Religião”, que não faz parte do senso comum, mas, sim, do conhecimento de especialistas, como bem afirma Greschat (2005, p. 17),

social e cultural, um maior número de pessoas letradas com percentual elevado de conhecimento tem participado dos trabalhos nas instituições espíritas. Dificilmente seriam aproveitados os potenciais de determinados indivíduos, já que, quanto menor o nível de conhecimento, menor será o aproveitamento daquilo que a doutrina espírita oferece na sua proposta e conteúdo.

O ideal do Espiritismo é levar o indivíduo a um progresso espiritual, através do estudo dos livros que compõem o Pentateuco Espírita ¹², somado às obras mediúnicas e à prática da caridade. A justificativa para tal conduta ética e moral pode residir nas atividades encampadas pelo movimento espírita, como as de ordem médica, terapêutica e de aprimoramento do próprio ser espiritual.

O Espiritismo sugere o hábito da reflexão, com importantes contribuições para a conscientização do ser essencial, levando-o a agir com acerto e consciência nos vários cometimentos que lhe são próprios, como sugere a mentora ¹³ do médium ¹⁴ Divaldo Pereira Franco – Joanna de Angelis ¹⁵ –, ao tratar da psicologia espírita, afirmando que:

esclarecendo que os “[...] demais articulam a vaga sensação de que se trata de ‘Teologia ou algo semelhante’ [...]”. Desse modo, as “Ciências da Religião” servem de apoio à compreensão dos aspectos religiosos.

¹² A preponderância da autoridade da mensagem escrita deita raízes no que os espíritas chamam de *codificação* por Kardec, considerada como a *Terceira Revelação*, ao lado do Antigo e do Novo Testamento. A Codificação é também conhecida como “Pentateuco Kardequiano”, sendo formada pelos seguintes livros 1) *O livro dos Espíritos* (1857); 2) *O livro dos médiuns* (1862); 3) *O evangelho segundo o espiritismo* (1864); 4) *O céu e o inferno* (1865); 5) *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo* (1868). A ideia de uma “codificação”, como inscrição sistematizada de um código jurídico na forma escrita, em livro, não deixa de ser altamente significativa enquanto emblema de uma pretensão legalista de erigir um cânone religioso em bases reveladas, mas não clericais. Herdeira dos ideais igualitários da Revolução Francesa e de um difuso iluminismo científico e jurídico pós-napoleônico, as elaborações de Kardec buscam conciliar razão e revelação numa mesma proposta, na qual bases religiosas de uma nova moralidade são lançadas, baseadas nas crenças da vida após a morte, na releitura da oposição cristã entre corpo e alma, na escala espírita de desenvolvimento evolutivo dos espíritos, na reencarnação como fator de regeneração moral (que no século XIX foi consignada na arquicategoria “carma”, de alta densidade ética, simbólica e narrativa) e na existência de uma pluralidade de mundos habitados. Na concepção espírita, os livros não são de “autoria” de Allan Kardec: ele funcionou como um compilador, um editor ou “codificador” de uma mensagem revelada por uma equipe de Espíritos, em cujo seio figurariam indivíduos anônimos e outros que, em vida, teriam sido Platão, Santo Agostinho, São Luís, São Paulo etc. (LEWGOY, 2000, p. 117).

¹³ Mentor espiritual é um ‘espírito’ responsável pela parte espiritual das reuniões mediúnicas. A cada médium é designado um mentor espiritual – anjo da guarda – que o acompanhará ajudando-o, intuindo-o em suas decisões e nos momentos de maior perigo. Isso quer dizer que Deus não deixa nenhum de seus filhos à mercê de Sua misericórdia. Se falharmos, é porque, em nossas fraquezas, nos entregamos a impulsos e nos ofuscamos com as ilusões terrenas, não por falta de condições ou ajuda de nossos Amigos Espirituais (XAVIER, 2007). São vanguardeiros do progresso, sem serem infalíveis. São grandes almas em abençoado processo de sublimação, credoras de toda a reverência pelo grau de elevação que já conquistaram; contudo, são Espíritos ainda ligados à Humanidade terrena e em cujo seio se corporificarão, de novo, no futuro, através do instituto universal da reencarnação, para o desempenho de preciosas tarefas.

¹⁴ O médium (do latim *médium*) é aquele que serve de traço de união aos Espíritos, para que esses possam comunicar-se com os homens: Espíritos encarnados (FRANCO, 1982, p.137).

¹⁵ Trata-se do Espírito que se faz conhecido pelo nome Joanna de Ângelis, reencarnado na terna figura de Joana de Cusa; numa discípula de Francisco de Assis; na grandiosa Sórora Juana Ignés de la Cruz. Passados 66 anos do seu regresso à Pátria Espiritual, retornou, agora na cidade de Salvador, na Bahia, em 1761, como Joana Angélica, filha de uma abastada família. Aos 21 anos de idade ingressou no Convento da Lapa como franciscana, com o

O ser psíquico-moral é o verdadeiro indivíduo. [...] A nobre tarefa da psicoterapia é trabalhar esse *Self* que centraliza todas as atenções e cuidados, nele descobrindo os registros das aflições defluentes das experiências malogradas, dos comprometimentos desastrosos, do que poderia haver realizado de meritório e ficou na expectativa (destaque nosso) (FRANCO, 2009, p. 229).

O *Self*¹⁶, entendido como o ser espiritual, o princípio inteligente em ascensão permanente, ou seja, em crescimento gradativo em direção à sua plenitude, requer um despertar para a realidade que lhe cabe viver. O despertar desse *Self*, um processo lento, deve nascer, começar no interior do ser, onde se encontra o fulcro de todas as questões que envolvem o indivíduo, quer de ordem física, quer psicológica. O trabalho deve ser iniciado pelo *Self*, pois ali se registram todas as marcas das experiências de felicidade, infelicidade, sucesso ou frustrações.

Em se tratando da pedagogia desenvolvida nos centros espíritas, as instituições seguem uma estrutura sistematizada do saber, que consta de uma parte teórica e outra prática, nas variadas atividades, como o tratamento da obsessão¹⁷, passe de cura¹⁸, passe¹⁹, palestras, aulas, grupos de estudo²⁰, evangelização infantil e educação doutrinária para a juventude.

Na verdade, não foi simples para o Espiritismo alcançar o seu espaço de ação na sociedade da época republicana. As discussões foram ferrenhas, em especial no campo da

nome de Sórora Joana Angélica de Jesus, fazendo profissão de Irmã das Religiosas Reformadas de Nossa Senhora da Conceição. Em 1822, defendeu, corajosamente, o Convento, assim como a honra das jovens que ali moravam. Foi assassinada por soldados que lutavam contra a Independência do Brasil. Lutou pelos direitos das mulheres e dos enfermos. Extrato da biografia disponível em: (www.universoespirita.org.br).

¹⁶ O *Self* é “o arquétipo básico da vida consciente, o *princípio inteligente*, o somatório de todas as experiências evolutivas, sempre avançando na direção do estado *numinoso* (grifos do autor)” (FRANCO, 2009, p. 20). O *Self* é definido por Carl G. Jung como sendo “[...] a totalidade da psique consciente e inconsciente [...] essa totalidade transcende a nossa visão porque, à medida que o inconsciente existe, não é definível; sua existência é um mero postulado e não se pode dizer absolutamente nada a respeito de seus possíveis conteúdos” (JUNG, *apud* FRANCO, 2002, p. 155).

¹⁷ Obsessão “[...] é o domínio que alguns espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticado senão por espíritos inferiores que procuram dominar” (KARDEC, 2006).

¹⁸ *Passe de cura* consiste na aplicação de fluidos - feita por um médium curador - cicatrizantes, adstringentes, reabilitadores, vitamínicos, entre outros, para propiciar o bem-estar. Na maioria das vezes, esses espíritos foram médicos e curandeiros em encarnações anteriores. Outras informações acessar (www.guia.heu.nom.br/passe_de_cura.htm).

¹⁹ O *passe* consiste na imposição das mãos feita por um “passista” sobre outro indivíduo, que é o receptor. Segundo diversos teóricos e praticantes do espiritismo, o ato teria o poder de canalizar “fluidos” ou “energias” benéficos, oriundos do próprio passista, de bons espíritos, ou ainda de ambas as fontes somadas. A prática íntegra, habitualmente, o chamado tratamento espiritual (MELO, 1992).

²⁰ Os grupos de estudo se formam no intuito de agregar indivíduos com o interesse de obter formação de cooperadores para a própria casa e, por outro lado, desenvolver potenciais interiores. Dependendo da casa, o número de grupos de estudo pode ser maior ou menor. Há casas com grupos de estudo que se reúnem diariamente, como pode haver casas que oferecem dois dias na semana em um único horário para os interessados. Existem grupos de estudo da mediunidade (com base nas obras de Allan Kardec, Ivone do A. Pereira, Léon Denis, André Luís, psicografadas por Chico Xavier, Hermínio Miranda, Divaldo Franco etc.), assim como há grupos de estudo de educação doutrinária (O Livro dos Espíritos, O Problema do Ser, do Destino e da Dor, entre outros).

Psiquiatria, que, mais tarde, veio a fortalecer a ideia de que o espiritual seria a única área de atuação e contribuição da medicina espírita. Como resultado, materialistas e cientistas não-espíritas ocuparam o seu espaço em consequência dos limites estabelecidos.

Entretanto, as diversidades de crenças não pararam por aí. No âmbito católico, desencadearam-se discussões a partir da Parapsicologia ²¹. Esses movimentos, por si sós, já são suficientes para assinalar as várias ressonâncias socioculturais e implicações sociológicas. Possivelmente surgiram variações de conduta e efeitos inesperados na operacionalização das ideias de ciência e religião. O Espiritismo, por seu caráter institucional cultural de sentido e ação ²², mantém fortalecida a sua identidade frente aos seguidores da doutrina, de forma sólida e consistente.

1.2 Revisão bibliográfica

1.2.1 Discussão entre o pensamento de Marx e Weber: a religião nas Ciências Sociais

O estudo da religião, em especial no século XIX e na primeira metade do século XX, enseja valiosas teorias sobre o fenômeno religioso no contexto das Ciências Sociais e Humanas. Notadamente, o que difere nas correntes que se dedicaram ao estudo do fenômeno religioso é a abordagem dos princípios que envolvem a questão, quanto ao entendimento teórico. Motta ²³ (1995), em notas para a leitura de *A ética protestante e o espírito do capitalismo* ²⁴, sugere alguns pontos divergentes entre Karl Marx ²⁵ e Max Weber ²⁶ quanto à teoria da religião.

²¹ Parapsicologia é o estudo de certos fenômenos psíquicos de natureza especial e ditos ocultos, telepatia, metapsíquica (DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa, 1999).

²² Por ação deve-se entender uma conduta humana, seja um “fazer externo ou interno, de omitir ou permitir”, sempre que o sujeito ou os sujeitos da ação atribuam a ela um sentido subjetivo (WEBER, 1991, p.3).

²³ Roberto Motta é doutor em Antropologia pela Columbia University (1973) e tem sido professor, pesquisador permanente ou visitante em várias instituições do Brasil e do exterior. Para maiores informações conferir (<http://lattes.cnpq.br/0828507755265572>).

²⁴ *A ética protestante e o espírito do capitalismo* foi escrito entre 1904 e 1905 como uma série de ensaio que, mais tarde, em 1920, ano de sua morte, foi complementado pelo autor e publicado em um livro, no qual ele investiga as razões do capitalismo se haver desenvolvido inicialmente em países como a Inglaterra ou a Alemanha, concluindo que isso se deve à mundividência e hábitos de vida instigados ali pelo protestantismo.

²⁵ Karl Heinrich Marx foi um intelectual e revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista moderna, que atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista. Maiores esclarecimentos acessar (http://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx).

²⁶ A importância de Max Weber (1864-1920) para o desenvolvimento das Ciências Sociais é imensa. As contribuições weberianas se estendem por todas as áreas das Ciências Sociais, com exceção da Antropologia. A Sociologia o reconhece como um dos seus mestres máximos, e quase não há trabalho sociológico em que a

Para Karl Marx: “O mundo religioso é apenas o reflexo do mundo real” (MARX, *apud* MOTTA, 1995, p. 66). Motta comenta que Marx estabelece uma relação do mundo religioso com o real, em que o Cristianismo é a forma de religião mais adequada para as sociedades capitalistas. Essa correlação pode ser compreendida a partir do que afirma Paden ²⁷ (2001, p. 59): “[...] os tipos de religião são explicáveis em termos das diferenças entre os tipos de sociedade, e de que os ingredientes da religião são em última análise os valores projetados ou codificados da sociedade e da cultura”.

A religião, sob o ponto de vista de Weber, longe de estar ligada à continuidade da racionalidade prática (Marx), enquanto racionalidade teórica e substantiva, introduz, de forma consistente, um conteúdo ético com o potencial para romper os modos de vida e atitudes tradicionais que imputam grande carga simbólica à sociedade. Para Marx, religião é a teoria geral do mundo, sua soma enciclopédica, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua consolação e justificação universal. Ela é a realização fantástica do ser humano porque ele não possui verdadeira realidade.

Tais interpretações afastam o julgamento de valor da religião, mas evidenciam que existe uma correspondência entre sociedade e religião. Nessa circunstância, vale lembrar o pensamento de Cruz ²⁸ (2004, p. 53), ao se referir à religião como “[...] forma de explicação do mundo e como mantenedora da ordem social”.

Assim, a proposta da religião é manter uma ligação do homem com Deus, o que, nas palavras de Karl Marx, significa o suspiro da oprimida humanidade, entendido como o momento de aproximação do Ser com o seu Criador. Essa ligação com Deus cria uma

presença de suas ideias não se faça sentir. A presença muito forte de Weber no pensamento sociológico latino-americano foi facilitada pelo empreendimento pioneiro da edição mexicana. Maiores esclarecimentos acessar (http://pt.wikipedia.org/wiki/Max_Weber).

²⁷ William E. Paden atua como professor de religião da Universidade de Vermont, nos Estados Unidos. Graduado em Filosofia, é mestre e doutor no campo da religião, comparada. Outras informações (<http://www.beacon.org/contributorinfo.cfm?ContribID=1289>).

²⁸ Eduardo Rodrigues da Cruz é professor da PUC de São Paulo, na qual coordena o Programa de Estudos e Pós-graduação em Ciências da Religião. É doutor em Systematic Theology pela University of Chicago. Atua nas linhas de pesquisa: Diálogos ciências naturais e teologia; Teologia e Cultura. Publicou: Sabedoria para jovens, De volta ao ventre, Passageiro do destino, Mar drogado, Com a morta no porão, A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza. Este último traz as questões sobre o que se sabe a respeito da teoria da evolução. O autor aborda a grande variedade religiosa no Brasil e trata do modo muito particular que o “jeitinho brasileiro” achou para lidar com a questão religiosa. Ao lado dessa avaliação, problematiza a identidade nacional e toca em assuntos relevantes, como a pluralidade e a tolerância religiosa, a separação Igreja-Estado e a controvérsia em torno da obrigatoriedade do ensino religioso no país. No âmbito mais geral, discute o entendimento moderno da religião como forma de cultura, com ênfase nos contextos de que ela surge e propõe- uma reflexão sobre as características universais da religião, debatendo a forma como ela produz deuses e seus mundos sobrenaturais. O autor sugere reflexão e debate com relação ao modo como a religião se manifesta no ambiente em que a sociedade vive: família, escola, meios de comunicação, shoppings, clubes, etc. Maiores informações (<http://lattes.cnpq.br/5905920724597703>).

oportunidade do homem trabalhar os seus conflitos, dores e insatisfações, entre outras aspirações.

A religião pode ser compreendida como uma forma de manter o homem calmo, em consequência do encontro com o seu Deus que ela propicia. Por outro lado, os poderosos utilizam a religião como instrumento de contenção das reações humanas, mantendo os indivíduos submissos. Dessa forma, mantém-se uma ordem aparente.

Na visão sociológica de Berger ²⁹ (1981), a religião é uma representação humana, com bases específicas, valendo-se de símbolos que projetam o sagrado ³⁰, a fé, a esperança, a consolação necessária ao convívio humano. Para esse teórico, a constituição de um campo religioso relativamente autônomo se realiza dentro de uma relação de interdependência, com o processo de "sistematização" e "moralização" das práticas religiosas.

A busca do equilíbrio entre unidade e pluralidade exprime dois elementos fundamentais do campo religioso: o carácter monopolizador (logo, tendendo à unidade) e a conformidade à oferta e à procura religiosas (tendendo à adaptação entre oferta e procura).

A estrutura de um sistema religioso monopolizador como a Igreja, aqui entendida como igreja católica, é resultante da ação de coerções internas – que consistem na codificação das regras que regem a hierarquização, a formação profissional e a homogeneização do exercício sacerdotal – e forças externas, que se referem aos interesses dos diferentes grupos de leigos capazes de impor concessões na prática religiosa hegemônica e à concorrência do profeta (ou seita) e do feiticeiro.

²⁹ Peter Ludwig Berger (Viena, 17 de março de 1929) é um sociólogo e teólogo luterano austro-americano, conhecido por sua obra *A construção social da realidade*, publicada em coautoria com Thomas Luckmann. Nasceu em Viena, em 1929. Emigrou aos Estados Unidos aos 17 anos. Estudou no Wagner College e sociologia na New School for Social Research de Nova York, na qual se doutorou. Sua atividade docente se desenvolveu nas Universidades da Geórgia e Carolina do Norte, para voltar à New School for Social Research de Nova York, como professor de sociologia. Posteriormente, ensinou sociologia e teologia na Escola de Teologia da Universidade de Boston, de cujo Institute for the Study of Economic Culture foi diretor. Junto com Thomas Luckman, teoriza acerca da realidade como construção social (*The Social Construction of Reality. A Treatise in the Sociology of Knowledge*, 1967). Sua maior dedicação científica, no entanto, aparece no campo da sociologia da religião, que o define como um teólogo laico, condição que impregna sua obra, na qual, além disso, aparecem relevantes textos no campo da teoria sociológica e a sociologia política, a globalização e o desenvolvimento etc. É doutor honoris causa da Loyola University, do Wagner College, da University of Notre Dame de Paris, Genebra e Munique. Foi premiado pelo governo austríaco com o Mannes Sperber Prize. Outros esclarecimentos (http://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_L._Berger).

³⁰ De acordo com Berger (1981), a religião possibilita a ligação do homem com Deus ou com o sagrado mediante experiências e vivências. Esse sagrado, assim como o profano, existe em crenças religiosas, quer simples, quer complexas. A extensão do domínio do sagrado é, para Durkheim (1989, p. 68), “[...] *infinitamente variável conforme as religiões* [...]”, compreendendo seres, objetos, fórmulas, palavras... (o budismo, por exemplo, na falta de deuses, tem como sagradas as [...] quatro verdades santas e as práticas que delas derivam)”. Ainda, em Durkheim (1989), encontra-se a explicação de que as coisas sagradas são aquelas que os interditos protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas às quais esses interditos se aplicam e que devem permanecer à distância das primeiras. As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações

1.2.2 Conceito de religião para os clássicos das Ciências Sociais

Na obra de Émile Durkheim ³¹ (1989), *As formas elementares da vida religiosa*, encontram-se conceitos gerais que apontam para o fenômeno religioso, objeto central da análise durkheimiana. Dentre os postulados do sociólogo e antropólogo, no capítulo *A origem das crenças totêmicas*, há uma descrição do totem:

[...] simplesmente a forma material sob a qual se representa para as imaginações, através de toda a espécie de seres heterogêneos, essa substância imaterial, essa energia difusa, única do culto. [...] o universo, tal como o totemismo o concebe, é atravessado, animado por certo número de forças que a imaginação representa sob a forma de figuras tomadas de empréstimo, com poucas exceções, ao reino animal e ao reino vegetal: elas são tantas quantas são os clãs da tribo e cada uma delas circula através de determinadas categorias de coisas das quais constituem a essência e o princípio vital (DURKHEIM, 1989, p. 240-241).

A partir dessa acepção simbólica, derivada de representações descritas do sistema de clãs e totemismo das tribos australianas, é possível compreender a origem das religiões, tomando por base as coisas mais simples e primitivas, como observava Durkheim, nas suas investigações, partindo das formas mais elementares expressas na natureza animal e vegetal. A crença no *mana*, impregnado em tudo, nutria uma composição religiosa que se manifestava mediante cultos e ritos, para compreender a essência das religiões. Nesse sentido, a religião emana da crença em uma força que atravessa o universo, representada por animais ou vegetais.

Essas representações sensíveis “[...] encontram-se em fluxo perpétuo; empurram-se umas às outras como as ondas de um rio e, também, enquanto duram, não permanecem

que essas mantêm entre si e com as coisas profanas. Enfim, os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas.

³¹ Émile Durkheim nasceu em 1858, em Épinal, no noroeste da França. Depois de formar-se, lecionou Pedagogia e Ciências Sociais na Faculdade de Letras de Bordeaux, de 1887 a 1902. A cátedra de Ciências Sociais foi a primeira em uma universidade francesa e foi concedida justamente àquele que criaria a Escola Sociológica Francesa. “Durkheim não repartiu o seu tempo nem o pensamento entre duas atividades distintas por mero acaso. Abordou a educação como um fato social. ‘Estou convicto de que não há método mais apropriado para por em evidência a verdadeira natureza da educação’, declarou. Durkheim acreditava que a sociedade seria mais beneficiada pelo processo educativo. Para ele, “a educação é uma socialização da jovem geração pela geração adulta”. E quanto mais eficiente for o processo, melhor será o desenvolvimento da comunidade em que a escola esteja inserida. A partir de 1902, foi auxiliar de Ferdinand Buisson na cadeira de ciência da educação na Sorbonne e o sucedeu em 1906. Estava plenamente preparado para o posto, pois não parara de dedicar-se aos problemas do ensino. Dentro da educação moral, psicologia da criança ou história das doutrinas pedagógicas, não há campos que ele não tenha explorado. Suas obras mais famosas são *A Divisão do Trabalho Social* e *O Suicídio*. Morreu em 1917, supostamente pela tristeza de ter perdido o filho na Primeira Guerra Mundial, no ano anterior”. Outras informações confira (<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/criador-sociologia-ducacao-423124.shtml>).

iguais a si mesmas. Cada uma delas está em função do instante preciso em que ocorre [...]” (*Ibid.*, p. 511).

Outro ponto que merece destaque na obra de Durkheim (1989) está relacionado com a crença e a prática religiosa, reiteradas pela ideia de que sua existência é uma realidade e que são análogas às práticas totêmicas. Para o sociólogo,

[...] não há dúvida de que uma sociedade tem tudo o que é preciso para despertar nos espíritos, unicamente pela ação que ela exerce sobre eles, a sensação do divino; porque ela é para os seus membros o que um deus é para os seus fiéis. Um deus, com efeito, é antes de tudo um ser que o homem imagina, em determinados aspectos, como superior a si mesmo e de quem acredita depender. [...] Ela exige que, esquecidos de nossos interesses, nos tornemos seus servidores e nos impõe toda espécie de incômodos, de privações e de sacrifícios sem os quais a vida social seria impossível. É por isso que a cada instante somos obrigados a nos submeter a regras de comportamento e de pensamento que não fizemos nem quisemos, e que às vezes são até contrárias às nossas tendências e aos nossos instintos fundamentais (*Ibid.*, p. 260-261).

A leitura do capítulo 1: *Definição do fenômeno religioso e da religião* do clássico livro de Durkheim possibilita estabelecer uma ponte teórica no que tange à definição de religião ³². A partir do conceito de religião adotado por Durkheim (1989, p. 79), como “[...] um sistema solidário de crenças seguintes [...] que unem, na mesma comunidade moral, [...] todos os que a ela aderem”, é possível colocar o Espiritismo no universo da compreensão das religiões, a ser estudado pelas Ciências da Religião. A definição proposta por Durkheim, no campo religioso, coloca a religião como fenômeno social, o que dá margem para considerar o Espiritismo de igual modo.

Com base na teoria de Durkheim (1989), referente às diferenças entre religião e magia, é possível considerar que, no Espiritismo, algumas atividades podem se enquadrar

³² Inicia-se por dizer que, conforme Durkheim (1989), nos estudos religiosos, a questão da divindade é frequente como forma de definição da religião. Tylor chega a estabelecer a crença em seres espirituais como definição mínima de *religião*. Esses seres são entendidos como sujeitos conscientes, com os quais o homem pode manter uma relação. A religião de outrora teria por função orientar essa relação através dos sacrifícios, oferendas, ritos propiciatórios. Mas existem grandes religiões que prescindem da ideia de divindade, ou lhe conferem um papel de reduzida importância. É o caso do budismo (segundo Barth, Burnouf e Oldenberg, uma religião sem deus) e do jainismo, cuja “[...] indiferença pelo divino se encontra desenvolvida a tal ponto no budismo e no jainismo [...] é porque já se encontrava em germe no bramanismo [...]” (DURKHEIM, 1989, p. 64), na religião da qual derivaram. O Buda, embora objeto de culto (extremamente simples, aliás, reduzindo-se a um culto da lembrança) em algumas divisões da doutrina budista, é figura eminentemente humana. A ideia de sua divindade é concepção completamente exterior ao que existe de essencial no budismo. De maneira semelhante, o jainismo, ainda que alguns de seus membros se tenham voltado para uma espécie de deísmo, são, segundo Barth, ateus, “[...] não admitem a ideia de um criador; para eles o mundo é eterno e negam explicitamente que possa haver um ser eternamente perfeito [...]” (*Ibid.*, p.64). Mesmo as religiões onde a ideia de divindade é central incluem ritos “[...] completamente independentes de qualquer ideia de deuses ou de seres espirituais [...]” (*Ibid.*, p. 65). Esses ritos têm uma eficácia própria, agem por si, desde que corretamente executados: acreditava-se, por exemplo, que o ato de agitar o ar com um ramo de salgueiro, na festa judaica dos Tabernáculos, resultava automaticamente em vento e chuva (a intervenção divina está aí ausente).

nesta dicotomia. Neste sentido, deve-se distinguir, claramente, religião e magia, porquanto ambas são constituídas de crenças e ritos ³³. Há, sobretudo, uma linha de demarcação entre essas duas expressões religiosas, no aspecto social da relação que mantêm com os indivíduos praticantes.

Basicamente, os fenômenos religiosos distinguem-se por categorias essenciais: as crenças e os ritos. As primeiras entendidas como os estados da opinião, que incidem em representações, enquanto os segundos se baseiam em modos de ação determinados. Enfim, os ritos são regras de comportamento que determinam como o homem deve se comportar com as coisas sagradas.

As crenças propriamente religiosas fundam uma identidade coletiva e é nela que se definem. Seus membros estão ligados pela fé que partilham e expressam em práticas idênticas, constituindo o que se chama igreja. Nas crenças mágicas, por sua vez, não existem laços duradouros que tornem os indivíduos praticantes de um mesmo corpo moral. O mago tem clientela, não igreja. Assim, tais argumentos afastam a possibilidade de interpretações do Espiritismo como magia.

No conjunto das ideias extraídas dos postulados de Durkheim (1989) percebe-se a sua preocupação em abordar o fenômeno religioso e o seu exercício, através da história, com argumentos enfáticos, valorizando aspectos que levam à compreensão do estudo religioso.

1.2.3 Weber e a Sociologia da Religião: uma metodologia compreensiva

Com relação à Sociologia da Religião ³⁴, Mariz ³⁵ (2003, p. 67) afirma que entre Marx, Durkheim e Weber, este último “[...] foi o que mais se preocupou com o fenômeno

³³ Rito significa o conjunto das práticas mágicas, realizadas durante as cerimônias, cujo objetivo é assegurar o controle sobre as forças sobrenaturais ou orientar uma força oculta para uma ação determinada. Também é o conjunto das regras cerimoniais de uma religião; liturgia. “O rito coloca ordem, classifica, estabelece as prioridades, dá sentido do que é importante e do que é secundário. O rito nos permite viver num mundo organizado e não caótico, permite-nos sentir em casa, num mundo que, do contrário, apresentar-se-ia a nós como hostil, violento, impossível” (TERRIN, 2004, p. 19).

³⁴ Reafirmando o pensamento de Mariz (2003), nota-se que em Bourdieu todas as principais teorias da religião podem ser situadas em relação às posições representadas por Marx, Durkheim e Weber, que melhor exprimiram a dimensão política dos sistemas religiosos, explorando um elemento ausente nas outras posições: o trabalho religioso efetuado pelos agentes (produtores e porta-vozes) especializados, investidos do poder de responder, através de um discurso e prática próprios, a uma categoria particular de necessidades de certos grupos sociais. Em Weber encontra-se a explicação para esse espírito impregnado do fenômeno religioso, na figura da sua mãe, fiel religiosa, seguidora do metodismo, responsável pela maior parcela dessa veia religiosa, na sua obra. Como observou Mariz (2003), a influência que Weber exerceu na sociologia da religião levou muitos sociólogos a tomarem o seu pensamento como referência primeira. Os que comungam plenamente dessa ideia procuraram entender a linha de raciocínio weberiana a partir da compreensão do conceito de racionalização e da metodologia

religioso e, conseqüentemente, é o que mais tem influenciado a Sociologia da Religião [...]”. Mariz (2003, p. 69) lembra que: “Para evitar equívocos de interpretação e entender melhor a obra de Weber, e sua sociologia da religião em particular, é necessário ter claro o que ele queria dizer com racionalidade e processo de racionalização [...]”.

Weber não estava preocupado com as sociedades simples, o que seria uma das razões de seu distanciamento de Durkheim. Na realidade, ele buscou entender a sociedade moderna³⁶ ocidental na qual vivia, por meio do estudo dos aspectos políticos, econômicos e culturais, considerando-os resultantes de uma conjunção de fatores históricos combinados com o contexto da civilização ocidental judaico-cristã.

Em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Weber (2001a, p. 21) questiona:

[...] qual é a combinação de fatores a que se pode atribuir o fato de que, na civilização ocidental, e somente na civilização ocidental, terem aparecido fenômenos culturais dotados (como queremos crer) de um desenvolvimento universal em seu valor e significação.

Esse questionamento faz crer que o centro de preocupação de Weber era a sociedade moderna, bem como o processo de racionalização que a constituiu. Noutra instância, Weber comparou, por meio de estudos históricos, as religiões das diferentes civilizações, com o propósito de identificar o que fez surgir e como se produziu esse processo. Hipoteticamente, pelo pensamento de Weber as religiões que formam a base da cultura ocidental tiveram parcela fundamental no surgimento e desenvolvimento da racionalização ocidental. Diferentemente do que se costuma pensar, para Weber, as religiões são responsáveis por esse processo.

Na concepção weberiana, o fenômeno histórico é único e individual. Ele negava a existência de leis determinantes de fatos históricos futuros. Para Weber, toda e qualquer

do “tipo ideal”. Os que se opõem aos postulados de Weber, naturalmente, se descuidaram de leituras mais atentas, contribuindo para interpretações equivocadas, como pensa Mariz (2003). Desta pesquisa foi feita uma apropriação da teoria weberiana porque, diferentemente de Marx e Durkheim, que explicam a sociedade a partir do coletivo, Weber, na sua sociologia compreensiva, procura explicar o social a partir do indivíduo e do sentido da ação. De outro modo, a concepção de Weber a partir dos “tipos ideais” é um instrumento para a compreensão da realidade empírica deste estudo, pois estão ligados intimamente à tipologia de ação social. Como este estudo tem como problemática aspectos que envolvem variações de conduta em uma mesma religião, entende-se que Weber representa um fio condutor.

³⁵ Cecília Loreto Mariz tem Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (1982) e Doutorado em Sociology of Culture and Religion, realizado na Boston University, Massachusetts (1989). Atualmente, é professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Religião e da Cultura.

³⁶ “Sociedades modernas, para Max Weber, são feitas tanto de lutas como de acordos. O combate é uma relação social fundamental. O processo de integração dos atores pode levar à criação de uma sociedade ou da comunidade” (Cf. ARON, 1999, p. 491-492).

civilização tinha sua história própria, constituindo-se na sua individualidade. De igual modo, a *evolução*³⁷ de cada sociedade seria própria e única.

Na tentativa de entender como nasceu e se difundiu o tipo de racionalidade moderna do Ocidente, Weber encontra respostas na religião. De início, se defronta com o protestantismo, no qual buscou compreender a motivação para a racionalização da vida econômica, levando em conta a proposta da ascese. A ascese vocacional, para Calvino³⁸, era um trabalho dirigido a Deus. Essa labuta teria como recompensa o dinheiro, que não devia ser gasto com futilidades, pois o crente objetivava a conquista do seu espaço no céu. Weber procurou entender como os aspectos dessa religiosidade se interligam com o processo de racionalização, através dos tipos ideais, a partir dos quais foi possível comparar as diferentes práticas religiosas, caracterizando suas peculiaridades, não somente do protestantismo como da tradição judaico-cristã.

Weber (1991, p. 3) considera a Sociologia como “uma ciência que pretende compreender interpretativamente a *ação social* e, assim, explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos”. É, pois, a partir dessa interpretação e compreensão do fenômeno social que Weber aponta as causas e os efeitos da *ação social*.

Segundo Nunes (2007, p.104), “[...] o objeto da sociologia são as crenças e práticas religiosas tomadas enquanto fatos sociais explicáveis por outros fatos sociais e determinados – ou, pelo menos por eles condicionados [...]”.

Weber apresenta o *método compreensivo*, através do qual desenvolveu uma teoria sociológica que busca explicar o que ele denominou *ação social*:

[...] um comportamento humano (tanto faz tratar-se de um fazer externo ou interno, de omitir ou permitir) sempre que e na medida em que o agente ou os agentes o relacionem com um *sentido* subjetivo. Ação ‘social’, por sua vez, significa uma ação que, quanto ao seu sentido visado pelo agente ou os agentes se refere ao comportamento de *outros*, orientando-se por este em seu curso (WEBER, 1991, p. 3).

Trata do comportamento humano dotado de um significado, de um *sentido* direcionado à conduta de outro indivíduo, como uma forma de estudar e explicar o comportamento humano pelo significado subjetivo.

Para explicar as concepções fundamentais desenvolvidas por Weber – os quatro tipos de ação social que orientam o sujeito – vale recorrer à análise do sociólogo Raymond

³⁷ Entenda-se aqui o termo *evolução* no sentido simples de transformação, portanto, diferente da compreensão das Teorias Evolucionistas.

Aron (1999, p. 448), em *As etapas do pensamento sociológico*, pela acuidade, fluidez e organização descritiva do articulista, facilitando a compreensão do pesquisador:

[...] a ação racional com relação a um objetivo [...] é uma ação do engenheiro que constrói uma ponte, do especulador que se esforça por ganhar dinheiro, do general que quer ganhar uma batalha. [...] é definida pelo fato de que o ator concebe claramente seu objetivo e combina os meios disponíveis para atingi-lo;

[...] a ação racional com relação a um valor é, por exemplo, a do socialista alemão Lassalle, que se deixou matar num duelo, ou do capitão que afunda com o seu navio. A ação é racional não porque tende a alcançar um objetivo definido e exterior, mas porque seria desonroso deixar de responder a um desafio ou abandonar o navio que afunda. O ator age racionalmente, aceitando todos os riscos, não para obter um resultado extrínseco, mas para permanecer fiel à sua idéia de honra;

[...] a ação que Weber chama de afetiva é a ação ditada imediatamente pelo estado de consciência ou o humor do sujeito. É a bofetada dada pela mãe na criança que se comporta de modo insuportável, é o soco dado numa partida de futebol pelo jogador [...]; [...] a ação é definida por uma reação emocional do ator, em determinadas circunstâncias e não em relação a um objetivo ou a um sistema de valores;

[...] a ação tradicional é aquela ditada pelos hábitos, costumes, e crenças, transformada numa segunda natureza. Para agir de conformidade com a tradição, o ator não precisa conceber um objeto, ou um valor, nem ser impelido por uma emoção; obedece simplesmente a reflexos enraizados por longa prática.

1.3 *Objetivos, enfoques metodológicos e procedimentos técnicos*

De acordo com o objeto e o problema desta pesquisa, foi adotada a metodologia desenvolvida por Weber (1991), através da categoria central – tipo ideal –, que contempla a classificação e comparação de fatos sociais produzidos em uma mesma sociedade, na tentativa de aliar o conhecimento científico à realidade empírica³⁸. O tipo ideal se situa no ponto de convergência de várias tendências do pensamento weberiano. Todo tipo ideal é uma organização de relações inteligíveis, próprias a um conjunto histórico ou a uma sequência de

³⁸ O francês João Calvino foi, antes de tudo, um humanista. Foi professor e teólogo cristão. Teve um papel histórico fundamental na Reforma Protestante, iniciando o movimento conhecido por Calvinismo. Faleceu na Suíça, em 1564. Outras informações acessar (<http://www.suapesquisa.com/calvino/>).

³⁹ A importância da realidade empírica para este trabalho foi devido ao fato do objeto escolhido ter um espaço físico delimitado, que são as casas espíritas, e o momento histórico observado. Entende-se como “[...] realidade empírica um objeto delimitável no tempo e no espaço, perceptivelmente observável e compreensível” (OSAKABE, 1979, p.10).

acontecimentos. Por outro lado, o tipo ideal está associado ao que é característico da sociedade e da ciência moderna, a saber, o processo de racionalização⁴⁰.

O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista realizada com 19 líderes de 11 centros espíritas localizados nas cidades de Recife, Jaboatão dos Guararapes, Olinda e Paulista. A entrevista foi semiestruturada, com algumas perguntas predeterminadas, porém abertas (Anexo E), buscando favorecer o aspecto dialógico, ou seja, possibilitar ao entrevistado discorrer livremente sobre o tema proposto. Após coletados, os dados foram reunidos, com o objetivo de conhecer as causas e o sentido da ação. A entrevista foi antecedida de contato individual com cada sujeito (espírita líder), no qual lhe foram explicados os objetivos da pesquisa, bem como os instrumentos que seriam utilizados. Cada entrevistado recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após ser devidamente esclarecido sobre seu significado, para que o lesse e assinasse, caso concordasse com o conteúdo. O pesquisador comprometeu-se, ainda, a manter sigilo a respeito da identidade dos participantes.

A entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, utilizado em pesquisas das Ciências Humanas e, quando assumida como uma prática discursiva, segundo Pinheiro (2000, p. 186), constitui uma “ação contextualizada, por meio da qual se produzem sentidos e se constroem versões da realidade”.

Quando alguém diz algo para o outro, não é possível considerar apenas esse dizer, mas sim a relação existente entre estes interlocutores e a situação no contexto concreto, que é de significativa importância, considerando que:

[...] o sentido é produzido interativamente e a interação presente não inclui apenas alguém que fala e um outro que ouve, mas todos “os outros” que ainda falam, que ainda ouvem ou que, imaginariamente, poderão falar ou ouvir. É sob esse ângulo que o diálogo amplia-se, incluindo interlocutores presentes e ausentes (PINHEIRO, 2000, p.194).

Minayo (1999) afirma que, na entrevista, podem ser obtidos dados que se referem diretamente ao indivíduo entrevistado, isto é, suas atitudes, valores e opiniões, dados esses que só podem ser conseguidos com a contribuição dos atores sociais envolvidos. Em busca

⁴⁰ Weber procura produzir uma sociologia para compreender a racionalidade do pensamento ocidental, não interessando a marca, mas a sua essência. [...] Weber, no seu estudo abrangente da racionalização da sociedade moderna, diz que, na sociedade ocidental, para acompanhar a modernidade, era necessário desvincular-se da concepção do tradicional “mundo pronto para se viver”. A Reforma Protestante veio contribuir com a ética religiosa, que estabeleceu grande contribuição para o desenvolvimento da sociedade moderna. Weber encontra, na religião, a racionalização ética, de caráter autônomo, ao observar a sociedade, solucionando problemas políticos e sociais, exercendo influência religiosa através da legitimação inovadora de comportamentos, nos quais, pela predestinação, os indivíduos se engajariam como eleitos através do seu desempenho produtivo. Para maiores informações conferir (www.alumac.com.br/maerlio.htm).

dos subsídios contidos no material registrado, procurou-se identificar, nas transcrições, os relatos dos espíritas (líderes) sobre cada uma das questões que lhes foram apresentadas. O material resultante das entrevistas foi transcrito integralmente, sendo depois analisado, buscando agrupar as opiniões formuladas pelos entrevistados (19 espíritas líderes) em categorias, que deram origem aos quadros que serão apresentados na análise e discussão dos resultados.

1.3.1 Estratégias de ação

Esta pesquisa tomou como base de análise o método compreensivo, na perspectiva sociológica de Weber (1991), tratada na sua obra *Economia e sociedade*, mais especificamente, no primeiro capítulo – Conceitos Sociológicos Fundamentais –, que busca estudar e explicar não somente o comportamento humano, como também entender e interpretar o sentido das ações de cada indivíduo.

No método compreensivo, Weber propõe o estudo dos fenômenos que têm significação para o conteúdo das ações sociais, interpretando-os a partir do sentido que os indivíduos lhes dão. Consiste, ainda, na interpretação do passado e de sua repercussão nas características peculiares das sociedades. Essa atitude de compreensão é que permite ao cientista atribuir aos fatos difundidos um sentido social e histórico. Weber faz uma análise complexa de significados sociais.

Com base nesse procedimento, é possível chegar ao *motivo* gerador da ação, a partir do que acontece na mente da pessoa, no momento da ação. De outro modo, na relação entre o pensar e o agir, o homem é que dá sentido à sua ação social e estabelece a conexão entre o motivo da ação, a ação propriamente dita e seus efeitos. Para Weber (1991, p. 8), o *motivo* consiste em:

[...] uma conexão de sentido que, para o próprio agente ou para o observador, constitui a ‘razão’ de um comportamento quanto ao seu sentido. Denominamos ‘adequado quanto ao sentido’ um comportamento que se desenrola de maneira articulada quando afirmamos, conforme os hábitos médios de pensar e sentir, que a relação entre seus componentes constitui uma conexão de sentido típica (costumamos dizer ‘correta’). Ao contrário, é ‘causalmente adequada’ uma seqüência de fenômenos na medida em que, segundo as regras da experiência, existe a possibilidade de que se efetue sempre da mesma maneira.

Tal afirmativa faz parte da explicação de Weber (1991) quanto à Sociologia Compreensiva, que consta de duas etapas. A primeira consiste na interpretação do sentido da ação, como princípio básico da Sociologia, e a segunda, a causalidade, como procedimento necessário para a explicação do mundo empírico e o conhecimento sociológico da realidade. Segundo o sociólogo:

Uma interpretação causal correta de uma ação concreta significa: que o desenrolar externo e o motivo são conhecidos de maneira exata e, ao mesmo tempo, compreensível quanto ao sentido em seu nexos. Uma interpretação causal correta de uma ação típica (tipo de ação compreensível) significa: que o desenrolar considerado típico tanto se apresenta como adequado quanto ao sentido (em algum grau) quanto pode ser confirmado (em algum grau) como causalmente adequado (WEBER, 1991, p. 8).

É válido ressaltar que, além da relação das conexões de sentido, é preciso uma sustentação empírica da conduta efetiva que corresponda a determinadas ocorrências.

Na revisão da literatura, observou-se que Weber (1991) trabalhou com a dicotomia entre o racional e o irracional. O primeiro é orientado para um objetivo devidamente formulado, ou, ainda, para um conjunto de valores ⁴¹ bem ordenados e logicamente sólidos. O autor faz alusão a esses conceitos fundamentais de sua metodologia e adverte quanto à necessidade de aplicação do método tipológico, como forma de alcançar o objetivo proposto. Com efeito, os tipos ideais devem ser tomados como modelos para o conhecimento, pois despertam interesses específicos em tratar a realidade. Representam categorias com fins de operacionalizar as questões do pensamento científico, com equivalência no mundo da prática.

Essa contribuição weberiana é explicada e defendida por ele como uma forma de ordenamento de questões empíricas. A realidade que Weber pretende analisar através de seus tipos ideais é qualitativamente variável quanto à natureza das ações. De outra forma, o *tipo ideal* serve à preservação do caráter múltiplo da realidade cultural. Representa os traços próprios mais acentuados de uma personalidade. Nesse contexto se insere a *relação social*, entendida como:

[...] o comportamento reciprocamente *referido* quanto ao seu conteúdo de sentido por uma pluralidade de agentes e que se orienta por essa referência. A relação social *consiste*, portanto, completa e exclusivamente, na *probabilidade* de que se aja socialmente numa forma indicável (pelo sentido), não importando, por enquanto, em que se baseia essa probabilidade (destaque nosso) (WEBER, 1991, p. 16).

⁴¹ As obras humanas são criadoras de valores, ou se definem por referência a valores. Segundo os conceitos weberianos, uma conduta racional é aquela cuja finalidade é atingir julgamentos de fato, universalmente válidos (ARON, 1999). O objetivo específico da ciência é a validade universal.

Desse modo, essa relação não tem sentido recíproco, mas equivale à probabilidade empírica de comportamentos recíprocos. Uma relação social pode se tornar estável se existir uma probabilidade de repetição. Ademais, é possível estabelecer-se, numa relação, um “[...] caráter inteiramente transitório, bem como implicar permanência [...]. A ‘existência’ de uma relação social nada mais significa do que a presença dessa possibilidade, maior ou menor [...]” (*Ibid.*, p. 17). Para o autor, a ideia de *sentido* tem o propósito, tão somente, de estudar as ações:

Alheios ao sentido permanecem, ao contrário, todos os processos ou estados – animados, inanimados, extra-humanos e humanos – que não tenham um conteúdo de sentido ‘subjeto’, na medida em que não entrem em relações com a ação como ‘meios’ ou ‘fins’, mas representem apenas a ocasião, o estímulo ou o obstáculo desta [...] (*Ibid.*, p. 5).

Assim, para existir uma significação social, necessariamente deverá haver uma ação determinada. Desse modo, o sentido constitui um elemento da realidade, mediante o qual o indivíduo se apresenta como criador do mundo. Para Weber (1991), deve ser observado um padrão de comportamento, e não a particularidade das ações individuais.

1.3.2 Percurso metodológico da pesquisa

Para este estudo, considerou-se mais adequada a utilização de uma metodologia compreensiva e interpretativa que viabilize diferentes estratégias e recursos de investigação. A finalidade foi estudar a ação praticada por frequentadores e trabalhadores de centros espíritas dentro de um mesmo contexto, e que, supostamente, compartilharam das mesmas orientações subjetivas da prática da doutrina do Espiritismo, a fim de explicá-las causalmente.

Assim, passou-se pelas seguintes etapas:

1. visita inicial a cada centro participante da pesquisa, num primeiro contato, com o objetivo de conhecer o local e expor as razões do encontro; entregar e receber a carta-aceite das instituições participantes do projeto;
2. visitas de observação e registro sobre a prática da doutrina espírita em centros das cidades do Recife, Jaboatão de Guararapes, Olinda e Paulista, em Pernambuco, no campo da mediunidade, quanto à medicina espiritual – passe

e desobsessão⁴². Foram incluídos, nessa fase, entrevista e questionário, como forma de construção da confiança necessária para que o conhecimento tenha validade científica. Os entrevistados foram intencionalmente escolhidos;

3. seleção e determinação das particularidades no exercício da prática da doutrina;
4. escolha das situações já codificadas que evidenciem pontos e contrapontos;
5. identificação dos “motivos” geradores de ações;
6. decodificação e estudo sistemático das ações;
7. análise das situações concretas diversificadas quanto à prática da doutrina, com enfoque na sociologia compreensiva, reflexiva e simbólica⁴³ e abordagem qualitativa.

Sobre a análise qualitativa, Deslauriers e Kérisit (2008, p. 131) afirmam que é:

[...]o sentido⁴⁴ que adquirem a ação da sociedade na vida e os comportamentos dos indivíduos, assim como o sentido da ação individual quando ela se traduz em ação coletiva.

[...] pode-se dizer que o objeto por excelência da pesquisa qualitativa é a ação interpretada, simultaneamente, pelo pesquisador e pelos sujeitos da pesquisa; de onde a importância da linguagem e das conceituações que devem dar conta tanto do objeto ‘vivido’, como do objeto ‘analisado’.

Em consonância com o pensamento daqueles autores, Melucci (2005, p. 40) afirma que:

Os pontos de vista qualitativos na pesquisa social se referem à ação social como capacidade dos atores de construir o sentido da ação no interior das redes de relações que permitem partilhar a produção de significados. Neste campo de observação, a ação não é mais simples comportamento, mas construção intersubjetiva dos significados através de relações.

⁴² A palavra desobsessão significa, em seu sentido amplo, o ato de curar alguém da obsessão. A cura espírita da obsessão baseia-se na conscientização do enfermo e do espírito agressor, pois paciente é o agente da própria cura. Outros esclarecimentos (<http://www.espirito.com.br>). Para isso a Doutrina propõe: a) O esclarecimento através do estudo b) Renovação interior por intermédio da ação do pensamento e da vontade. Outras informações (<http://www.batuiranet.com.br/espiritismo/81/obsessao-e-desobsessao>).

⁴³ Sobre o símbolo “[...] o sentido primeiro do símbolo não tem necessidade de ser filiado a um sentido comum interpretativo para *ser* e, pois, *ser compreensível*; existe um sentido original, e apenas a compreensão permite as derivações terrestres [...]”. O símbolo funciona como o “[...] produto de uma construção mental autônoma, como sublinha, por exemplo, Eliade, que dá ao símbolo uma autonomia própria na existência (destaque nosso)” (DESLAURIERS ; KÉRISSIT, 2008).

⁴⁴ *Sentido* aqui utilizado refere-se ao sentido que os espíritas escolhidos para as entrevistas dão às suas ações, e como vêm as variações da conduta kardecista nas casas espíritas. Foi utilizada a concepção weberiana de que “[...] não se trata de modo algum de um sentido objetivamente ‘correto’ ou de sentido ‘verdadeiro’ obtido por indagação metafísica” (WEBER, 1991, p.4-5).

Assim, o argumento que se apresenta para a utilização do método qualitativo, nesta pesquisa, de cunho social, deve-se ao fato de buscar um novo olhar para a interpretação e prática da doutrina espírita, bem como para detectar mecanismos que levem às modificações de práticas diferenciadas em uma mesma doutrina. Para tanto, deve-se observar o que diz Greschat ⁴⁵ (2005, p. 127):

Quando queremos saber o que é nosso objeto, como ele é constituído e colocado em um contexto, buscamos observá-lo com paciência sob todos os ângulos, como se fosse algo imóvel. [...] Poderíamos perguntar, também, como algo funciona – isso faz sentido, sobretudo, quando estudamos procedimentos, ações e processos. [...] Aqui o tempo torna-se um fator importante e, muitas vezes, temos de levar em conta vários fatos simultâneos que contribuem para determinada função religiosa. Perguntamos, por exemplo, como funciona a remissão dos pecados nas religiões ‘a’ e ‘b’: temos de descobrir como e quando, do ponto de vista de cada uma delas, o indivíduo peca, quem ou o que redime os pecados, sob que condições, de que forma e assim por diante.

1.3.3 A escolha dos centros espíritas

Considerando-se os objetivos gerais e específicos, e dada a ênfase socioantropológica, buscou-se focar fatores sociais, econômicos e culturais como indicadores para a escolha das instituições espíritas que atendessem as seguintes variantes: casas espíritas antigas e recentes, tradicionais e modernas, muito e pouco frequentadas, bairros diversificados (mais nobres e mais simples) e com maior e menor número de trabalhadores. Foram visitadas as cidades pernambucanas de Jaboatão dos Guararapes, Recife, Olinda e Paulista.

Os centros espíritas funcionaram como “laboratórios”, nos quais ocorreram as observações empíricas, os diálogos, as anotações dos diários de campo e as entrevistas gravadas, assim como foram aplicados e respondidos os questionários, formando o leque instrumental para o desenvolvimento da pesquisa.

Antes de iniciar a parte prática da pesquisa, houve o cuidado de resgatar a teoria desenvolvida por antropólogos e sociólogos que se debruçaram em questões religiosas, aprofundando conclusões no campo do Espiritismo. No primeiro momento, dialogo foi com Incontri, Stoll, Giumbelli e Oliveira. Posteriormente, trabalhamos com Lewgoy, Silva, Stoll e Arribas, de grande auxílio na parte analítica e conclusiva.

⁴⁵ Hans-Jürgen Greschat é Professor Hemérito de História da Religião na Universidade de Marburgo, Alemanha. Um de seus livros mais conhecidos é *O que é a ciência da religião?* Maiores esclarecimentos conferir

2 A CONCEPÇÃO ESPÍRITA KARDECISTA

2.1 O Espiritismo na sua origem e etapas históricas

Em pleno século XVIII, época do Racionalismo, “[...] havia na Europa uma germinação de idéias e práticas que se afastavam da ortodoxia cristã” (INCONTRI, 2006, p. 24)⁴⁶. Isso foi um precedente para que aspectos relacionados à realidade social sofressem modificações, em especial no campo religioso. Entretanto, todas as inquietações não passaram de “[...] idéias esparsas, práticas diversas e ecléticas que se misturavam numa incursão ousada ao domínio do que se via como sobrenatural” (*Ibid.*, p. 25).

A partir de 1840, com os fenômenos atribuídos às irmãs Fox, na cidade de Hydesville, nos Estados Unidos, iniciou-se o movimento peculiar das *mesas girantes*, que consistia no posicionamento das pessoas em volta de mesas apoiando as mãos sobre elas, que

[...] se levantavam e, com um dos pés, davam certo número de pancadas, respondendo desse modo – *sim*, ou – *não*, conforme fora convencionado, a uma pergunta feita. Até aí nada de convincente havia para os cépticos, porquanto bem podiam crer que tudo fosse obra do acaso (KARDEC, 1999, p. 20).

As batidas seriam provocadas, segundo observadores, por espíritos, com intervenção de médiuns, que teriam a faculdade de proporcionar a comunicação entre o mundo físico e o mundo espiritual. Tamanha foi a repercussão dada ao fato, que refletiu com profundidade na estrutura da sociedade parisiense, tornando-se conhecido em todo o mundo. *L’Illustration*, um dos jornais mais eminentes da época, considerou o episódio mais barulhento do que a descoberta de Galileu de que a terra girava em torno do sol.

É possível entender que, naquele momento, se estava diante do *que* “[...] poderíamos chamar de movimento mediúnico assumindo outros aspectos – como psicografia (comunicação escrita), materializações, clarividência, telepatia, fenômenos de transporte e levitação – continuou décadas afora [...]” (INCONTRI, 2006, p. 25).

(<http://www.revistasextosentido.net/news/sextosentido-076/>).

⁴⁶ Dora Alice Colombo (Dora Incontri) é paulistana e jornalista. Lançou o livro *Pedagogia espírita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas*, adaptado de sua tese de doutorado, defendida em 2001, na USP. Logo na apresentação do livro a própria autora define a sua pesquisa como sendo “[...] um trabalho científico, sujeito aos critérios de objetividade, racionalidade e coerência, que fazem parte da estrutura do pensamento acadêmico, trazendo um tema inédito para a reflexão na Universidade [...]”. Afirma ainda que para tal intento “[...] Apoiou-se em pesquisas sérias e exaustivas, para ter a devida consistência e figurar entre as teses bem fundamentadas das inúmeras que frequentam as bancas de doutorado [...]”. Ao final da *apresentação*, Incontri (2006) chama a atenção para o fato de que a dimensão espiritual do homem, na esfera acadêmica, foi de algum modo emudecida no passar do século XX. E reforça a ideia de que a sua tese teve como objetivo mostrar que a visão espiritualista – a espírita – tem o direito de ocupar espaço dentro da universidade.

Tais fenômenos paranormais, espíritas ou mediúnicos ⁴⁷, propagaram-se e despertaram a curiosidade científica de pesquisadores com propostas filosóficas, sociais e pedagógicas. Nessa realidade histórica, relata Arribas (2008, p. 19-20), “[...] encontrava-se [...] Hippolyte Léon Denizard Rivail ⁴⁸, reconhecido, por espíritas e não espíritas, como o codificador ⁴⁹ de um corpo teórico filosófico-religioso-científico”. Para Incontri (2006, p. 27), *Hippolyte Rivail* adotou o pseudônimo de Allan Kardec ⁵⁰, “[...] segundo revelação de um Espírito, um nome seu em uma vida passada, como druida entre os antigos celtas”.

Kardec julgava que o fenômeno das mesas girantes apresentava características verossímeis. Sua mente inquieta levou-o a tentar descobrir que tipo de inteligência estava por trás da manifestação mediúnica. Para isso, partiu da “premissa de que ‘o sobrenatural não existe’” (KARDEC, *apud* ARRIBAS, 2008, p. 20) e passou a coordenar sessões espíritas, com médiuns escolhidos anteriormente.

Em sua obra *O Livro dos Espíritos*, Kardec compilou, sistematizou e editou as mensagens que considerava ditadas pelos espíritos. O pedagogo francês Allan Kardec utilizou o método indutivo-racional ⁵¹ (através de testes experimentais, observação sistemática e raciocínio lógico na análise dos fenômenos), cuja aplicabilidade partiu de observações realizadas atentamente e de comparações e deduções das consequências:

[...] dos efeitos procurava remontar às causas, pela dedução e o encadeamento lógico dos fatos, não admitindo uma explicação como válida senão quando podia resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que sempre procedi em meus trabalhos anteriores [...] (KARDEC, 1993, p. 259).

⁴⁷ Esses fenômenos são, pela primeira vez, noticiados no Brasil pelo periódico carioca *Jornal do L'Illustration*, no dia 14 de junho de 1853 (INCONTRI, 2006). Sobre o funcionamento desses fenômenos, informa Wantuil: “Os próprios espíritos indicaram, em fins de 1850, nova maneira de comunicação: bastava simplesmente que se colocasse ao redor de uma mesa, em cima da qual se poriam as mãos. Levantando um dos seus pés, a mesa daria (enquanto recitava o alfabeto) uma pancada toda vez que fosse proferida a letra que servisse ao Espírito para formar as palavras” (ALBUQUERQUE, 2009, p. 19).

⁴⁸ “Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869) foi, até a década de 1850, emérito professor, autor de livros didáticos e pedagógicos, membro de variadas academias científicas [...] funda a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* e a *Revista Espírita*, na qual publica mensalmente os resultados das pesquisas feitas”. Para maiores informações acesse (http://pt.wikipedia.org/wiki/Allan_Kardec).

⁴⁹ Para ARRIBAS (2008), os termos “[...] ‘codificador’ e ‘codificação’ [...] são apropriação da linguagem êmica espírita. Allan Kardec é tido como o ‘codificador do espiritismo’ porque foi dele o trabalho de organização e sistematização dos conteúdos da teoria espírita”.

⁵⁰ Será usado o pseudônimo *Allan Kardec* em todas as citações, incluídas as que antecedem a adoção do mesmo.

⁵¹ Método indutivo é o processo racional através do qual se estabelecem leis gerais mediante a observação de casos particulares. Método também usado por Kardec, em que, pela observação dos efeitos, remontou-se às causas. Kardec também utilizou o método experimental, processo que se coloca à prova através da observação, repetição e comparação dos fatos, chegando assim a conclusões. Foi o método adotado pelo Codificador para com os fatos e os fenômenos espíritas. Outras informações acesse (<http://www.annex.com.br/pessoais/confriahpe/m.htm>).

Assim nasce, no ambiente francês do século XIX, o Espiritismo Kardecista – movimento espiritualista moderno –, que despertou o interesse de muitos estudiosos pesquisadores, cientistas e filósofos. Para Kardec, o Espiritismo é formado por três conceitos:

[...] é uma ciência com objeto e metodologia próprios; [...] é uma ‘filosofia racional sem os prejuízos do espírito de sistema’, uma reflexão livre e dinâmica [...] é uma revelação religiosa, porque, pela mediunidade, os espíritos propõem teorias teológicas e morais, filosóficas e cosmológicas (INCONTRI, 2006, p. 28-30).

Kardec encarnou o ideal racionalista do século XIX, quando a ciência, a filosofia da história e o determinismo passaram a tomar o lugar do voluntarismo subjetivo na imaginação moral. Muito de sua figura tem a ver com a austeridade burguesa da época e a visão de ciência experimental aplicada à religião, influenciada pelo positivismo⁵², pela ontologia naturalista e pelo método transcendental. Criou uma religião com os ideais de sua época: a laicidade, o progresso e o espírito científico.

A estreita relação entre o kardecismo e a ciência da modernidade – o Espiritismo se define não só como religião, mas também como filosofia e ciência – vai influenciar o relacionamento dos espíritas com os membros de outras crenças, pois vai aprofundar para aqueles a concepção de que as verdades religiosas devem apoiar-se nas verdades científicas. Em decorrência disso, defenderão a ideia de que as verdades oriundas das religiões passem a ser demonstradas segundo métodos e princípios científicos, deixando de ser revelações. Devido a isso é que os espíritas vão insistir na ideia de que o conhecimento advindo de outros credos é dogmático, irracional, conseqüentemente não verdadeiro e não passível de credibilidade.

O que vai nortear um tipo de conduta de diversidade no Espiritismo, segundo Lewgoy (2000), pode ser interpretado a partir da interação entre três modelos sociais altamente institucionalizados: o templo, o hospital e a escola. O templo aqui referido consiste em um templo religioso, onde se realizam preces e serviços de ordem espiritual: pregações, palestras, preces, irradiações, atendimento com passes, consultas etc.

Há uma longa história de relacionamento entre o Espiritismo e a Medicina. Bezerra de Menezes e Dias da Cruz eram médicos homeopatas e a própria história do kardecismo se mistura à da homeopatia.

⁵² Positivismo foi uma corrente filosófica iniciada por Auguste Comte, no século XIX. Apareceu como reação ao idealismo, propondo a ideia de uma ciência sem teologia ou metafísica, baseada no mundo físico/material. O antropólogo Edmund Leach descreveu: “Positivismo é visão de que o inquérito científico sério não deveria procurar causas últimas que derivem de alguma fonte externa, mas, sim, confinar-se ao estudo de relações

A representação de escola, a partir do papel do estudo, já reconhecido em seu sistema ritual, coaduna-se com algumas noções mestras da doutrina espírita, tais como a elaboração da dor e do sofrimento como um aprendizado, do qual devem ser tirados ensinamentos, e o exercício de sua retórica, em que a instrução, bem como as fontes escritas, são constantemente enfatizadas.

No Brasil ⁵³, o Espiritismo foi introduzido na segunda metade do século XIX, momento em que a sociedade brasileira estava sob forte influência do pensamento anticlericalista ⁵⁴ e das correntes científicas e filosóficas europeias, como o Iluminismo, o Positivismo e o Darwinismo.

Portanto, a adesão ao movimento espírita ⁵⁵ aconteceu sob um clima ao mesmo tempo de aceitação e rejeição, com acirradas discussões. Houve resistência de intelectuais, como juristas, jornalistas e até mesmo de profissionais da área médica, como na psiquiatria, que, à época, estava em desenvolvimento, buscando espaço no campo científico e, no caso, passou a competir com o Espiritismo. Resultado: o movimento espírita passou por grandes dificuldades para legitimar-se como ciência, filosofia e religião.

Muitas dúvidas permearam o surgimento do Espiritismo no Brasil. Essa doutrina seria uma distorção do Espiritismo europeu ou uma nova construção? Para responder, a antropóloga Stoll ⁵⁶ parte da afirmação:

[...] o Espiritismo sofreu uma significativa mudança no processo de sua transplantação para o Brasil, considerando-se que, na França, onde teve origem, prevalecia a ênfase na dimensão experimental e científica da doutrina; enquanto, no Brasil, tornou-se dominante a feição mística, religiosa (STOLL, 2002, p. 365-366).

existentes entre fatos que são diretamente acessíveis pela observação”. Outras informações conferir em (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Positivismo>).

⁵³ Há cinco linhas de estudos sobre Espiritismo no Brasil: na primeira, estão os trabalhos daqueles que se debruçaram sobre aspectos da cosmologia e prática espírita; na segunda, os trabalhos que enfocam a partir de uma investigação de uma macrossituação; na terceira, os que analisam determinado período histórico do Espiritismo no Brasil; na quarta, aqueles trabalhos que abordam o Espiritismo de uma maneira abrangente no país, caracterizando-o como uma religião, e, na quinta, os trabalhos históricos de cunho proselitista (GIUMBELLI, 1997, *apud* OLIVEIRA, 2006, p.17).

⁵⁴ Anticlericalismo se apresenta como “[...] um movimento histórico que se caracteriza por condenar a influência dominante de instituições religiosas, especialmente do clero da Igreja Católica, sobre aspectos sociais e políticos da vida pública”. Para maiores informações (<http://pt.wikipedia.org/wiki/anticlericalismo>).

⁵⁵ Movimento Espírita é o “[...] conjunto das atuações que o Espiritismo comporta, tais como: os lares e centros, os institutos culturais, associações profissionais, hospitais, asilos, orfanatos, e imprensa que tenham como objetivo a correta divulgação do Espiritismo” (CAVALCANTI, 1983, p. 26).

⁵⁶ Sandra Jacqueline Stoll fez graduação em História pela Universidade de São Paulo (1977), Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (1986) e Doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (1999). Atualmente, é Adjunta da Universidade Federal do Paraná. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia da Religião e Antropologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: religião, performance ritual e narrativas biográficas. Maiores esclarecimentos conferir (<http://sistemas3.usp.br/tycho/CurriculoLattesMostrar?codpes=1935589#Dadospessoais>).

Stoll (1999) fez um acompanhamento da caminhada do médium Francisco Cândido Xavier, cujos princípios são bem aproximados do que prega a Igreja Católica, quanto à renúncia, ao sacrifício, à simplicidade, à caridade e à santificação. Para a pesquisadora, não houve distorção do Espiritismo adotado no Brasil ⁵⁷, mas uma influência da formação cultural brasileira, submetida, naquela época, ao comando do Estado sobre as religiões ⁵⁸, à influência da medicina junto ao aparelho do Estado, com relação aos chamados cuidados da saúde pública, às imposições da imprensa e, entre outros, a fatores místicos aos quais se prende o povo brasileiro.

Trata-se de reinterpretação, isto é, de uma particularização cultural e histórica de ideias e práticas concebidas com pretensão de universalidade. Nesse sentido, o *Espiritismo à brasileira* seria uma versão original e não um produto menor, adulterado ou desviante (STOLL, 2002, p. 367).

É pertinente observar mais um fator característico do fenômeno espírita no Brasil: os participantes possuem um grau elevado de escolarização. Lewgoy enfatiza que o Espiritismo é expressão do letramento, devido ao fato de se basear num conjunto de textos explicativos e normativos que anunciam uma espécie de *revelação*, considerados por seus integrantes como a “terceira revelação”, logo após os livros bíblicos:

[...] tanto a identificação com o racionalismo moderno quanto com a idealização nativa dos usos e costumes dos letrados – em suas facetas de escola laica, de ciência, de saber erudito, mas também de códigos burocráticos – é fundamental para entender a preservação do lugar de prestígio ocupado pelo espiritismo kardecista no campo religioso, e principalmente com a escolarização relativamente superior de seus membros (LEWGOY, 2006, p. 173).

Além da margem de variação no entendimento do que é ser espírita, o letramento, aqui entendido como o nível de instrução formal e de participação na cultura erudita ou de elite, em seus conteúdos, hábitos e pretensões, é condição de participação efetiva, que acaba por definir um formato sociológico e cultural como uma religião de camadas médias urbanas (LEWGOY, 2000).

Lewgoy (2006, p. 174) também se preocupou em esclarecer o processo de transnacionalização ⁵⁹ pelo qual passou o Espiritismo no Brasil, cuja experiência histórica

⁵⁷ Com Stoll (1999), questionamentos como esse procedem da perda do caráter experimentalista e científico original do Espiritismo quando chegou ao Brasil.

⁵⁸ Apesar da hegemonia católica daquela época, como também do secularismo e anticlericalismo, a força do Estado e da polícia se fazia presente no Espiritismo.

⁵⁹ Os congressos e encontros em Portugal, Estados Unidos e França, as obras de Kardec e Chico Xavier, em várias línguas, e o movimento federado internacional dão conta da vitalidade renovada e não circunscrita do Espiritismo num circuito brasileiro e transnacional, nas últimas décadas.

acumulada, a imensa literatura de referência produzida e mesmo o prestígio de seu trabalho social passam a atuar como vetores de difusão e organização do espiritismo em outros países.

Em meio às adaptações por que passou o espiritismo no Brasil, surge a Federação Espírita Brasileira (FEB), fundada em 1883, pelo movimento carioca, sob a direção de médicos e advogados da alta sociedade. Sua função era disseminar a doutrina espírita e livrar os praticantes das perseguições judiciais. Com o advento da República, que traz consigo o princípio constitucional da liberdade religiosa, o Espiritismo consagra-se, naquele momento, como doutrina da caridade e da assistência aos pobres.

2.2 Uma trajetória na educação e produção doutrinária

A Psicologia Espírita agrega o conceito da Antiguidade Grega sobre a Psicologia enquanto ciência da alma, associada à Filosofia, à moderna concepção do Espiritismo, gerando um saber mais intenso e analítico sobre a existência humana, o universo e o seu Criador. Em outras palavras, a Psicologia, sob o ângulo espírita, resgata a visão dos gregos, aliando-a ao conhecimento proporcionado pelo avanço da Ciência e pela doutrina espírita. “Em todos os períodos da cultura ancestral, encontramos o esforço da religião e do pensamento tentando estabelecer os paradigmas em que se apoiam um e outro, para melhor explicá-los” (FRANCO, 1994, p. 89) ⁶⁰.

A passagem do século XIX para o XX foi também o momento em que as investigações acerca da mediunidade receberam de pesquisadores da área de saúde mental um tratamento especializado, motivado pelo grande impacto que esse fenômeno tem sobre a humanidade.

Em seu livro *O ser consciente*, Divaldo Franco (1994, p. 89) relata, no tópico relacionado ao Bem e o Mal:

A questão de alta complexidade para a criatura humana, o dualismo do bem e do mal, encontra-se ínsito na sua psicologia interior, confundindo-a e perturbando-lhe, não raro, o discernimento. [...] Com características metafísicas, na sua formulação abstrata, essa dualidade concretiza-se nos atos do ser, gerando fenômenos relevantes de consequência de consciência,

⁶⁰ Divaldo Franco (1927-) nasceu na Bahia. É reconhecido como um dos maiores médiuns e oradores Espíritas e o maior divulgador da Doutrina Espírita. Com mais de 11.000 conferências, em mais de 2.000 cidades em todo o Brasil e em 62 países, publicou 202 livros, com mais de 8 milhões de exemplares, onde se apresentam 211 autores espirituais. Fundou o Centro Espírita Caminho da Redenção e, em 1952, com Nilson de Souza Pereira, a Mansão do Caminho, instituição que acolhe e educa crianças sob o regime de Lares Substitutos. Outras informações (<http://www.divaldofranco.com/>).

que contribuem para o equilíbrio ou a desordem psíquica, de acordo com as respectivas manifestações.

A Medicina Espírita é uma decorrência da natureza e das finalidades do Espiritismo, pois a Doutrina Espírita é destinada não apenas a estabelecer princípios humanistas, mas também a agir no homem pelo homem, decifrando-lhe os mistérios do corpo e do espírito e proporcionando-lhe os recursos culturais para a humanização do mundo.

O escritor Herculano Pires, em seu livro *Mediunidade: conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais* (1997), afirma que a Medicina Espírita não é uma aplicação pura e simples da mediunidade curadora a casos de doenças incuráveis, nem uma forma de curandeirismo, mas o que Kardec denominava de “uma aplicação dos princípios espíritas no plano cultural”.

Léon Denis ⁶¹ explica, no seu livro *O problema do ser, do destino e da dor*, que as doenças do corpo físico resultam dos desequilíbrios do espírito, do emocional, ou seja, de doenças morais. O orgulho, o egoísmo, a avareza, entre outros, desconectam o homem da sua meta, que é a felicidade, trazendo como consequência a dor.

O estudo do ser, a que consagramos a primeira parte daquela obra, deixou entrever a poderosa rede das forças, das energias ocultas em nós. Mostrou-nos que todo o nosso futuro, em seu desenvolvimento ilimitado, lá está contido no gérmen. As causas da felicidade não se acham em lugares determinados no espaço; estão em nós, nas profundezas misteriosas da alma, o que é confirmado por todas as grandes doutrinas (DENIS, 2005, p. 311).

Segundo a visão do autor, para iniciar o processo de cura espiritual é fundamental que cada um possa olhar cuidadosamente para dentro de si mesmo e esquecer o mundo externo. É necessário se acostumar aos sentidos psíquicos, à escuridade e ao silêncio, para ganhar força e consolo:

Mas, há poucos homens que saibam ler em si, que saibam explorar as jazidas que encerram tesouros inestimáveis. Gastamos a vida em coisas banais, improfícuas: percorremos o caminho da existência sem nada saber de nós mesmos, das riquezas psíquicas, cuja valorização nos proporcionaria gozos inumeráveis (DENIS, 2005, p. 311).

⁶¹ Léon Denis (1846-1927) nasceu na França. Foi um filósofo espírita e um dos principais continuadores do espiritismo após a morte de Allan Kardec, ao lado de Gabriel Delanne e Camille Flammarion. Fez conferências por toda a Europa, defendendo a ideia da sobrevivência da alma e suas conseqüências no campo da ética nas relações humanas. Autodidata, aos 18 anos travou contato com O Livro dos Espíritos e tornou-se adepto da Doutrina, enfrentando as críticas do positivismo materialista, do ateísmo e a reação do Catolicismo. Em 1925 foi aclamado presidente do Congresso Espírita Internacional (Paris), no qual foi formada a Federação Espírita Internacional. A sua grande produção na literatura espírita, bem como o seu caráter afável e abnegado, valeu-lhe a alcunha de Apóstolo do Espiritismo.

A vontade é que detém todo o princípio da evolução, pois é um agente cujos desdobramentos estão voltados tanto para as coisas materiais como para as imperceptíveis. “O princípio superior, o motor da existência, é a vontade. A Vontade Divina é o supremo motor da Vida Universal” (*Ibid.*, p. 313). E continua o autor: “O que importa, acima de tudo, é compreender que podemos realizar tudo no domínio psíquico; nenhuma força fica estéril, quando se exerce de maneira constante, em vista de alcançar um desígnio conforme ao Direito e à Justiça” (*Ibid.*).

Dessa maneira, o Espiritismo contribuiria com a mediunidade e a Medicina com o saber e a experiência dos médicos. Existem casos em que essa dupla contribuição se conjuga numa mesma pessoa: o caso dos médicos espíritas que também seriam médiuns. Os médiuns representam os médicos espirituais, que, através deles, dariam a contribuição das observações do outro lado da vida. Os médicos representam a Medicina da atualidade material e procuram estabelecer as ligações necessárias para um esforço comum em benefício da humanidade. A conjugação do mundo espiritual com o mundo material é um aspecto importante do ideal espírita de Kardec. Segundo Léon Denis (2005), o Espiritismo realiza uma síntese do espiritual e do material.

Sua declaração de conversão ao Espiritismo custou-lhe o afastamento de muitos “amigos” e a perda de vantagens financeiras advindas da sua atuação como deputado, cargo a que renunciou no mesmo ano da declaração.

Danner ⁶² (2006), em sua tese de doutorado, fez uma análise dos textos escritos por Bezerra de Menezes, reunidos em três volumes. Em *Espiritismo: estudos filosóficos*, o médico se preocupa em apresentar principalmente as bases doutrinárias do Espiritismo ao público leigo, em linguagem clara e acessível. Em um intenso trabalho de divulgação doutrinária, escreveu mais de trezentos textos, em sete anos. Bezerra de Menezes dirige-se, de forma vigorosa, contra aqueles que, na época, seriam considerados os grandes opositores da causa espírita: a Igreja Católica, o Positivismo e o Cientificismo ⁶³. Nesse embate, Bezerra de

⁶² Mário Fernando Passos Danner é Mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2000). Atualmente, é Professor da Universidade Estácio de Sá, Professor de História da Universidade Gama Filho e Professor Tutor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

⁶³ O Cientificismo é a “[...] doutrina dos que consideram os conhecimentos científicos como definitivos. Ele tem a razão como base e pode ser tomado como uma doutrina semelhante ao racionalismo. Para o Cientificismo ‘Tudo é explicável pela Ciência’. Somente o conhecimento científico é um conhecimento verdadeiro e real, isto é, somente aquilo que pode ser expresso quantitativamente ou ser formalizado, ou ser repetido à vontade sob condições de laboratório, pode ser o conteúdo de um verdadeiro conhecimento. Sua concepção era mecanicista, formalista ou analista da natureza: o sonho da ciência. [...] o pensamento do espírito (compreendendo todos os tipos de experiências psíquicas) em termos de circuitos de neurônios [...]. No limite, o mundo não é senão uma estrutura particular no seio da matemática”. Para outras informações acessar (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cientificismo>).

Menezes utilizou-se de armas poderosas: a palavra e a razão. Sua bagagem intelectual inclui formação científica como médico e educação religiosa de base católica, o que o credencia como o maior porta-voz do movimento espírita brasileiro. Sua força moral o conduziu à presidência da Federação Espírita Brasileira (FEB), entidade máxima do Espiritismo no Brasil.

De acordo com Incontri (2006), o paradigma do espírito que busca a libertação do homem remonta aos precursores da era cristã, como Sócrates ⁶⁴ e Platão ⁶⁵, passando por Cristo, Comenius ⁶⁶, Rousseau ⁶⁷ e Pestalozzi ⁶⁸, até chegar a Kardec.

Ainda de acordo com a autora, esse paradigma se sustenta, com referência a Kardec:

[...] com sua afirmação do sujeito autônomo e livre — porque radicado na alma imortal — com sua segura racionalidade, aliada à fé sem fanatismos, propondo acima de tudo um projeto de educação humana, que faça brotar as potencialidades do homem e o conduza à felicidade individual e coletiva (INCONTRI, 2006 p. 90).

⁶⁴ Sócrates nasceu em Atenas, em 470 A.C., e tornou-se um dos principais pensadores da Grécia Antiga. Seus primeiros estudos e pensamentos discorrem sobre a essência da natureza da alma humana. Elaborou um método de transmissão de conhecimentos e sabedoria: o diálogo socrático. Através da palavra, o grande filósofo transmitia ensinamentos sobre as coisas do mundo e do ser humano. Maiores esclarecimentos (<http://www.suapesquisa.com/socrates/>).

⁶⁵ Platão nasceu em Atenas, provavelmente em 427 a.C. e morreu em 347 a.C. Suas idéias baseiam-se na diferenciação do mundo entre as coisas sensíveis (mundo das ideias e a inteligência) e as coisas visíveis (seres vivos e a matéria). Em sua obra, Apologia de Sócrates, valoriza os pensamentos do mestre; O Banquete, fala sobre o amor de uma forma dialética; e A República, em que analisa a política grega, a ética, o funcionamento das cidades, a cidadania e questões sobre a imortalidade da alma.

⁶⁶ Jan Amos Komenský (1592-1670), cujo nome em latim é Comenius, foi um professor, cientista e escritor checo, considerado o fundador da Didática Moderna. Propôs um sistema articulado de ensino, reconhecendo o igual direito de todos os homens ao saber. O maior educador e pedagogo do século XVII produziu obra fecunda e sistemática, cujo principal livro é a *Didática Magna*. Maiores informações (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Comenius>).

⁶⁷ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) foi um filósofo suíço, escritor, teórico político e um compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau defendeu que todos os homens nascem livres, e a liberdade faz parte da natureza do homem, Rousseau inspirou todos os movimentos que visavam a uma busca pela liberdade. Incluem-se aí as Revoluções Liberais, o Marxismo, o Anarquismo etc. Sua influência se faz sentir em nomes da literatura como Tolstói e Thoreau, influencia também movimentos de Ecologia Profunda, já que era adepto da proximidade com a natureza e afirmava que os problemas do homem decorriam dos males que a sociedade havia criado e não existiam no estado selvagem. Foi um dos grandes pensadores nos quais a Revolução Francesa se baseou, apesar de esta se apropriar erroneamente de muitas de suas ideias. Para outras informações (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rousseau>).

⁶⁸ Johann Heinrich Pestalozzi (Zurique, 12 de janeiro de 1746 — Brugg, 17 de fevereiro de 1827) foi um pedagogo suíço e educador pioneiro da reforma educacional. Em 1801, Pestalozzi concentrou suas ideias sobre educação num livro intitulado “Como Gertrudes ensina suas crianças” (Wie Gertrude Ihre Kinder Lehrt). Ali expõe seu método pedagógico, de partir do mais fácil e simples, para o mais difícil e complexo. Continuava daí, medindo, pintando, escrevendo e contando, e assim por diante. Pestalozzi foi um dos pioneiros da pedagogia moderna, influenciando profundamente todas as correntes educacionais, e longe está de deixar de ser uma referência. Fundou escolas, cativava a todos para a causa de uma educação capaz de atingir o povo, num tempo em que o ensino era privilégio exclusivo. Maiores esclarecimentos (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pestalozzi>).

Esse arquétipo, baseado na compreensão do espírito livre, de essência divina, não deve se estruturar apenas na fé ou na razão, mas, sim, dentro de um projeto racional que faça crescer, no homem, os potenciais próprios da criação de Deus, e que serão revertidos na felicidade do próprio homem e da coletividade. O princípio espírita sugere que a felicidade é de responsabilidade unicamente do próprio indivíduo – o ser espiritual eterno.

Nesse contexto, estão inseridos nomes de figuras importantes que deram força à construção do Espiritismo no Brasil, como Anália Franco ⁶⁹ e Eurípedes Barsanulfo ⁷⁰, personagens importantes e respeitados, dentro do Espiritismo, por quererem mudar os costumes de antigas sociedades, nas quais ainda imperavam a escravidão e a obediência cega.

O desafio enfrentado por Anália Franco faz lembrar o que escreveu Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, sobre as leis morais da vida quanto à igualdade:

[...] A lei humana, para ser equitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher. Todo o privilégio a um ou a outro concedido é contrário à justiça. A emancipação da mulher acompanha o processo de civilização. Sua escravização marcha de par com a barbárie. Os sexos, além disso, só existem na organização física. Visto que os Espíritos podem encarnar num e noutro, sob esse aspecto nenhuma diferença há entre eles. Devem, por conseguinte, gozar dos mesmos direitos (KARDEC, 1999, p. 381).

Por outro lado, Incontri reforça o valor da participação de Anália Franco, quando afirma que a sua obra está de acordo com os princípios da doutrina espírita, pela

[...] visão social transformadora, alavancada pela educação, com claras conotações igualitárias e democráticas. Liberdade de pensamento, valorização da mulher, respeito às diversidades religiosas e étnicas — todos esses são elementos espíritas encontrados na ação de Anália [...] (INCONTRI, 2001, p.234-235).

Outro nome que merece destaque é Herculano Pires, considerado um dos filósofos do Espiritismo, um crítico de movimentos espíritas brasileiros, autor do livro *O Centro Espírita*, cujo teor trata das lacunas existentes no entendimento dos espíritas em torno da doutrina de Kardec, o significado e a função do centro; a assistência social prestada pela instituição, a relação comunidade *versus* Centro, dentre outros.

⁶⁹ Anália Franco (São Paulo, 29/03/1853-20/01/1919), educadora e escritora, foi um exemplo de vocação bem direcionada e de completo êxito. Formou-se em 1878, na escola normal de São Paulo. Após sua formatura, fundou abrigos para órfãos, asilos, creches e escolas maternas nas quais aplicou seus próprios métodos de educação e ensino. Para maiores informações acessar (http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/analia_vida.html).

⁷⁰ A primeira experiência pedagógica espírita no Brasil, e uma das primeiras no mundo, foi a de Eurípedes Barsanulfo (1880-1918). “Esta experiência, embora mal documentada, permanece até hoje não superada pela sua originalidade e pela pujança com que se manifestam os elementos mais significativos da Pedagogia Espírita. Isso se deve à personalidade extraordinária de seu fundador” (INCONTRI, 2001, p. 211).

A Pedagogia Espírita visa, pois, despertar as potencialidades do espírito e preocupa-se também com a educação integral, que busca promover uma maior amplitude da proposta educativa, em que sejam desenvolvidos os aspectos afetivos, intelectuais, mediúnicos, religiosos, estéticos, físicos, sexuais etc.

Desde o início de sua constituição até os dias atuais, o Espiritismo adota os chamados mecanismos da mediunidade, que teriam revelado ao homem a existência do Mundo Espiritual, de onde ele veio e para onde ele vai depois da morte, um dos princípios da doutrina espírita. A mediunidade, termo cunhado por Kardec, é, segundo Franco, a faculdade orgânica que se encontra:

[...] em quase todos os indivíduos, não constituindo patrimônio especial de grupos nem privilégio de castas; é inerente ao espírito que dela se utiliza, encarnado ou desencarnado, para o ministério do intercâmbio entre diferentes esferas de evolução. A mediunidade tem características próprias por meio das quais, quando acentuadas, facultam vigoroso comércio entre homens e Espíritos, entre as criaturas reciprocamente, bem como entre os próprios Espíritos (FRANCO, 1982, p. 137).

Em tempos primitivos:

[...] a mediunidade exerceu preponderante influência, porquanto, através dos sensitivos, nominados como feiticeiros, magos, adivinhos e mais tarde oráculos, pítons, taumaturgos, todos médiuns, contribuindo decisivamente na formação do clã, da tribo ou da comunidade em desenvolvimento, revelando preciosas lições que fomentavam o crescimento do grupo social, impulsionando-o na direção do progresso (*Ibid.*, p. 139).

São inúmeras as aparições e manifestações tidas como de mortos e do mundo invisível povoado por eles. No Antigo e no Novo Testamento há registros de aparições de anjos, de espíritos dos justos, revelações feitas pelas almas dos mortos, especialmente de profetas. Dentro desse princípio, Franco explica que:

[...] ao exercício da mediunidade com Jesus, isto é, na perfeita aplicação dos seus valores em benefício da criatura, em nome da Caridade, é que o ser atinge a plenitude das suas funções e faculdades, convertendo-se em celeiro de bênçãos, semeador de saúde espiritual e da paz nos diversos terrenos da vida humana, na Terra (*Ibid.*, p.141).

Em *O Livro dos Médiuns*, Kardec se refere ao médium:

É o ser, o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam comunicar-se com facilidade com os homens: espíritos encarnados. Por consequência, sem médium, não há comunicações tangíveis, mentais, escritas ou físicas, nem de qualquer espécie que seja (2006, p. 271).

O médium Carlos Pereira (2007), em seu recente trabalho *Novas utopias*, com mensagens de Dom Hélder Câmara, discorre sobre a continuação da vida do ser humano numa

outra dimensão, após a morte, e sobre as possibilidades da comunicação, do diálogo entre as duas dimensões, de acordo com um princípio do Espiritismo, que é o da continuidade da vida.

A psicografia é a modalidade mediúnica mais fácil de desenvolver-se, porque só depende do exercício, da dedicação e da disciplina do praticante. Assim, para que esse mecanismo de comunicação se efetive, é necessário estabelecer uma sintonia entre as mentes: encarnada (médium) e desencarnada (espírito) (PERALVA, 1956).

Sobre a psicografia, Kardec (2006, p. 197) afirma:

[...] permite estabelecer com os espíritos relações tão seguídas e tão regulares como as que existem entre nós. A ela nos devemos aplicar tanto mais que é o meio pelo qual os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau de sua perfeição ou de sua inferioridade. A facilidade que eles têm para se exprimir, eles nos dão a conhecer seus pensamentos íntimos e nos põem em estado de julgá-los e de apreciar seu valor. A faculdade de escrever, para um médium, é, além do mais, a que é mais susceptível de se desenvolver pelo exercício.

No campo da escrita mediúnica ou psicografia ⁷¹, segundo Kardec, existem os médiuns: *mecânicos* – escrevem de forma automática, não tendo plena consciência do que fazem; *intuitivos* – recebem a mensagem e a interpretam; *semi-mecânicos* – diferentemente do médium mecânico, têm a consciência do que escrevem, mas fazem uma escrita mais ou menos automática, de acordo com a formação das palavras; *inspirados* – caracterizados pela espontaneidade, que se assemelham ao intuitivo; e, por fim, os de pressentimentos – caracterizados pela capacidade de se antecipar aos acontecimentos.

Como exemplo do processo da mediunidade, cujo objetivo seria passar a mensagem trazida pelo espírito comunicante, poder-se-ia apresentar esta passagem histórica do pesquisador:

Havia-me sentado perto da médium, a Srta. Fox, e as outras únicas pessoas presentes eram minha mulher e uma de suas parentas. Eu mantinha as duas mãos da médium numa das minhas, enquanto os seus pés descansavam sobre os meus. Uma folha de papel havia sido colocada sobre a mesa, diante de nós, e, com a mão que eu conservava livre, segurava um lápis. Uma mão luminosa desceu do teto do salão e, depois de ter flutuado alguns segundos perto de mim, tomou-me o lápis da mão, escreveu rapidamente na folha de papel, atirou o lápis, depois elevou-se acima de nossas cabeças, perdendo-se pouco a pouco na obscuridade (CROOKES, *apud* DENIS, 1919, p. 220)⁷².

⁷¹ Psicografia é a capacidade que um médium tem para transmitir a mensagem de um espírito através da escrita. A fidelidade e a pureza da mensagem está diretamente ligada à educação moral do médium. Quanto maior a harmonia psíquica, maior também será a fidelidade e afinidade da comunicação do espírito. A afinidade é um outro fator relevante na comunicação mediúnica.

⁷² William Crookes (1832-1919), químico e físico inglês, membro da Sociedade Real e das mais importantes sociedades científicas de seu tempo, prêmio Nobel de Química (1907), estudou a matéria radiante, descobriu o

A finalidade e função dessa psicografia direta é demonstrar que a vida continua, independente do corpo somático. A intensidade de significações de uma psicografia em seu contexto é representada, conforme o caso, com maior evidência, em consonância com a particularidade de cada médium.

No prefácio do livro *Novas Utopias*, de Pereira (2007), há uma afirmativa de Strieder, de que existem dois autores no universo espírita: um material e outro espiritual. Nesse caso, o primeiro – Carlos Pereira –, é tomado como o instrumento que oferece seu cérebro para a outra inteligência – Dom Hélder⁷³ –, manifestar o seu pensamento espiritual.

As mensagens psicografadas por Carlos Pereira, ditas de Dom Hélder Câmara, revelam o pensamento do espírito desencarnado desse sacerdote e suas reflexões após a morte, como também demonstram que o médium, ao psicografar, se colocou apenas como instrumento da comunicação da linguagem espiritualizada. Dom Hélder retrataria a individualidade de um ser espiritual que trabalha a sua individuação.

Segundo Denis (2005, p. 99-100), o espírito do homem se encontra num

[...] estado de liberdade absoluta, isto é, depois da morte, manifestando-se [...] intelectualmente aos seus amigos da Terra. Não há solução de continuidade entre estes diferentes estados psíquicos. Que estes fenômenos se dêem durante a vida material ou depois, são idênticos nas suas causas, nas suas leis e nos seus efeitos; produzem-se segundo modos constantes.

Tal princípio se aplica a Dom Hélder, que, sob essa condição, viria com suas mensagens esclarecer o homem, para que ele pudesse entender a realidade da vida na qual ele, Dom Hélder, teria despertado, procurando transmiti-la para o seu rebanho.

É duro afirmar, mas eu repito, a vida não apenas continua depois da morte como ela se reveste de muitas transformações corporais em quantas existências sejam necessárias para o aperfeiçoamento do espírito (PEREIRA, 2007, p. 143).

No Espiritualismo moderno, isso significa a compreensão do processo de evolução como uma das leis naturais da vida. Noutras palavras, ao ser despojado do corpo

Thallium, inventou o radiômetro e o tubo de raios catódicos. No campo espírita, pesquisou a materialização de Espíritos, chegando a pesar o ectoplasma – matéria despreendida do corpo do médium – para a materialização do Espírito, documentando este estudo com fotografias e relatórios. “As pesquisas dos fenômenos espíritas por Sir William Crookes durante os anos de 1870 a 1874 constituem os mais significativos incidentes na história do movimento. São notáveis devido ao elevado padrão científico do investigador, o severo e justo espírito com que o inquérito foi conduzido, os extraordinários resultados e a corajosa profissão de fé que a seguiu.” Outras informações conferir em (http://en.wikipedia.org/wiki/William_Crookes).

⁷³ Dom Hélder Pessoa Câmara, (1909-1999) foi um bispo católico, arcebispo emérito de Olinda e Recife. Foi um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e grande defensor dos direitos humanos durante o regime militar brasileiro. Pregava uma Igreja simples, voltada para os pobres e a não violência. Por sua atuação, recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais. Foi o único brasileiro indicado quatro vezes para o Prêmio Nobel da Paz. Regina Coeli Vieira Machado. Para maiores informações (www.fundaj.gov.br).

material, o espírito adquire liberdade absoluta e conquista a possibilidade de crescer no conhecimento da realidade.

A psicografia constitui um mecanismo de comunicação mediúnicamente edificante e decisiva, a depender das qualidades morais do médium, muito útil na construção de uma sociedade mais humanizada.

Ainda no campo da mediunidade, não se pode esquecer a questão da obsessão. Na cultura espírita, segundo Denis (1919), a vítima não deixa de ser um médium, e por isso registra a influência do espírito obsessivo – moral e momentaneamente inferior – sobre aquela determinada pessoa. Acrescenta que a obsessão é uma influência psíquica que alguns espíritos, considerados *inferiores*, exercem sobre certas pessoas. A intenção desses espíritos consiste em uma ação dominadora, influenciando aqueles que lhes oferecem facilidades, provocando alterações na saúde mental e física do *obsediado*. O indivíduo submetido sentiria em sua integridade fisiopsíquica as consequências negativas advindas desse processo. Se diagnosticada em tempo, os malefícios seriam menores, e a cura, mais fácil e rápida.

Para Kardec (1985, p. 293), “[...] a obsessão é quase sempre um ato de vingança de algum Espírito, tendo, na maioria das vezes, origem na relação que o obsediado teve com o Espírito, em uma existência anterior”. Noutras palavras, a obsessão provocaria uma monoideia naquele que passa a ser o obsediado, com sérias consequências no seu processo psicológico e emocional, além do físico.

Franco (1982, p. 143) esclarece que a obsessão procede dos painéis íntimos do homem, exteriorizando-se de diversos modos, com graves consequências em forma de distonias mentais, emocionais e desequilíbrio fisiológico, ou seja, doença catalisadora de alterações na ordem psicossomática do homem, que requer especial atenção, devendo ser acompanhada por um tratamento específico. A obsessão é uma doença grave, mesmo quando se apresenta sob um quadro simples, em forma de inspiração depressiva ou de morbo, que afeta a saúde física (FRANCO, 1991, p. 103).

Em virtude do entendimento, dentro da cultura espírita, de que a obsessão é uma doença que exige um tratamento pertinente e contínuo, a desobsessão não é vista apenas como ritual, mas, antes, como um remédio aos males do espírito. No processo de desobsessão o médium se propõe a expulsar o mau fluido com o auxílio de um fluido melhor.

[...] a ação mecânica [...] nem sempre é suficiente. É preciso também – e principalmente – agir sobre o ser inteligente ao qual é necessário possuir o direito de falar com autoridade e esta autoridade só é dada à superioridade moral. Quanto mais elevada esta, maior será a autoridade (KARDEC, 1985, p. 293).

Nessa circunstância, fica claro que expulsar o fluido, por si só, não é o suficiente, mas, sim, fortalecer o fator moral nas duas inteligências, representadas, no momento, pelo algoz ⁷⁴ e pela vítima. O que vale dizer que a mente é determinante nas duas posições. Assim, recorrer à educação moral, tanto para o fortalecimento da vítima quanto para o perdão, por parte do algoz, é aconselhável.

O trabalho de cura ⁷⁵ faz parte da medicina espiritual e é realizado pelas casas espíritas que se propõem essa intervenção. De acordo com Kardec (1985, p.293):

[...] para assegurar a libertação, é preciso fazer com que o Espírito perverso renuncie aos seus maus propósitos. É preciso fazer renascer nele o arrependimento e o desejo do bem, por meio de instruções habilmente dirigidas, em evocações particulares, feitas com o objetivo de sua educação moral. Poder-se-á, então, ter a doce satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

Esta prática deixa perceber que ao paciente – aquele que sofre o processo obsessivo –, é sugerida a observância dos princípios postos objetivamente pela Instituição, em consonância com a Doutrina Espírita. Tais sugestões são vistas, por Weber (1974), como em descompasso com as necessidades do indivíduo moderno, que passa a perceber em si aspirações próprias, particulares, em que a subjetividade está sempre presente.

Esse movimento é observado nas religiões como um impacto da modernidade, motivo de reflexão para muitos sociólogos e antropólogos, dentre os quais vale destacar Fernandes (1998, p. 253), que entende a modernidade como “[...] expressão parcial de um conjunto mais amplo na compreensão do Espiritismo [...] em suas transformações”.

Somando-se à concepção desse pensador, muitos dos problemas sociais e doenças pessoais na compreensão do Espiritismo são consequências naturais da evolução do pensamento. O Espiritismo compreende esse movimento como o processo de individuação do Ser pela subjetividade que reflete na sociedade através de suas instituições.

A religião espírita, como outras religiões, em virtude dos vários movimentos de expressão social, tem experienciado transformações em seus diversos campos de atuação. Não seria diferente no tratamento da desobsessão, ministrado pelas instituições espíritas.

Fernandes (1998, p. 255), comentando os vários sistemas religiosos, já notava os efeitos dessas transformações no âmbito social, destacando que “[...] vivemos em ‘transição’”. Embora a dinâmica seja unilateral, falta-nos o fim da história. Trata-se, então, de tentar

⁷⁴ Dentro do Espiritismo, é a vítima do passado que hoje se sente no direito de fazer cobranças sem aguardar a justiça de Deus.

⁷⁵ Um conjunto de procedimentos (passe de cura, desobsessão etc.) realizados na casa espírita, direcionados para o paciente que busca a sua melhoria psíquica, moral ou orgânica.

imaginar-se num horizonte em transição”. Nesse movimento, volta-se à ideia de modernidade como sendo “modernidade moderna, modernidade refletida, modernidade vivida, ou modernidade articulada, entre modernidade e tradicionalismo [...]” (FERNANDES, 1998, p. 174).

O autor ainda se refere ao *tradicional*, não como algo antigo, mas uma reação às ideias modernas. Nos dias de hoje, as duas posturas permanecem atuantes. Essa modernidade já havia sido compreendida por sociólogos, que, observando tais movimentos, profetizavam que as pessoas não estavam mais no mundo religioso objetivo, mas, sim, *subjetivamente* religiosas em um mundo *objetivamente* indiferente (*Ibid.*, p. 253-298). Nesse sentido, a modernidade na religião se expressa pelo deslocamento do seu foco do coletivo para o subjetivo, da condição coletiva para a identificação do ser enquanto personalidade, com vontades e desejos individuais, em um verdadeiro movimento realçado no pensamento weberiano.

Weber (1974) percebe tal movimento como algo que se abre para o futuro, para a invenção comunitária nova, buscada, experimentada e escolhida pelo indivíduo, doravante individuado, que se dispôs a deixar-se levar por um chamado, um convite, um anúncio, uma interpretação, na qual se reconheceu, e então se converteu.

A humanização na instituição espírita é inerente ao processo de individuação, constituindo-se como reflexo da própria evolução do princípio inteligente, da superação do tradicional em favor do novo, em cujo âmago tem-se a identificação da pessoa como portadora de valores individuais, com conflitos próprios do seu estágio de humanidade.

Nesse contexto, tem-se, ainda, a questão do perispírito, compreendido hodiernamente como um corpo intermediário, que serve de traço de união ou comunicador de informações entre o espírito e o soma e este e o espírito, denominado de psicossoma ou perispírito. Segundo Franco (1982, p.39), o perispírito é uma porção fundamental da complexidade humana que

[...] se constitui de variados fluidos que se agregam, decorrentes da energia universal primitiva de que se compõe cada Orbe, gerando uma matéria hiperfísica, que se transforma em mediador plástico entre o Espírito e o corpo físico.

A dualidade ancestral, espírito e matéria, graças à existência do perispírito, transformou-se em organização trina, considerando-se a essencialidade de que se faz objeto, na sustentação da vida vegetativa e orgânica, de que depende o soma, como veículo da Alma,

e, simultaneamente, pelas impressões que enviaria à centelha encarnada, que as transformaria em aquisição valiosa, decorrente da marcha evolutiva.

Revestimento temporário, imprescindível à encarnação e à reencarnação, seria tanto mais denso ou sutil quanto evoluído fosse o Espírito que dele se utilizasse. É também considerado corpo astral, exteriorizando-se através e além do envoltório carnal, irradiando-se como energia específica ou aura.

Ao perispírito, dada a sua complexidade, faltariam elementos capazes de traduzir a sua realidade por ser, por enquanto, de natureza desconhecida, embora existente e atuante. Não seria uma condensação de caos elétrico ou de forças magnéticas, pelo contrário, possuiria toda uma estrutura própria, maleável, em alguma circunstância tangível. O perispírito se torna visível nas materializações de desencarnados e nas levitações; às vezes é ponderável, podendo aumentar ou diminuir de volume e peso, como informam Kardec e Léon Denis, na sua obra *O invisível*, bem como outros autores da Cosmologia Espírita.

2.3 *Espiritismo: identificando práticas diferenciadas*

Para iniciar o processo analítico, a elaboração de um estudo minucioso é de grande relevância, pois uma descrição singular dos fatos leva a caracterizar as práticas espíritas de maneira dispersa e descontinuada da realidade. Portanto, este estudo irá deter-se nas formas diferenciadas, sem a pretensão de esgotar o tema, nem tampouco valorar as ações diferenciadas nas casas espíritas. O intuito é encontrar uma compreensão sociológica que leve a explicar tais fatos.

Com o objetivo de alcançar um resultado satisfatório, o estudo foi embasado principalmente nos postulados teóricos de Weber, bem como das apreciações científicas de Incontri (2006), Arribas ⁷⁶ (2008), Giumbelli (1997), Silva (2006), Stoll (1999), Lewgoy (2000), Oliveira ⁷⁷ (2006), entre outros autores que refletiram sobre a temática do Espiritismo, já citados no item anterior.

⁷⁶ Célia da Graça Arribas é pesquisadora e professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo – USP. Maiores informações acessar (<http://lattes.cnpq.br/4202304467511821>).

⁷⁷ Aurenéa Oliveira é licenciada em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), mestra em Ciência Política e doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É membro dos grupos de pesquisa "Pós-Estruturalismo, Política e Construção das Identidades" (UFPE-Fundaj) e do Grupo de Estudos de História Social e Cultural (UFRPE). Atualmente, é Professora do Centro de Educação na UFPE. Maiores esclarecimentos acessar (<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4795936Z4>).

Max Weber desenvolve argumentos relevantes sobre a sociologia da religião e tipos de ações sociais que, por sua vez, já foram tratados no primeiro item. Todos esses conteúdos sustentam a discussão, uma vez que o trabalho se propõe compreender por que há diferentes condutas nas casas espíritas, se a doutrina é a mesma, única.

O tema central da sociologia weberiana das religiões é uma ideia simples e profunda. Para compreender uma sociedade ou uma existência humana, não se deve apenas relacionar as instituições ou as condutas a classes de resíduos, é necessário identificar sua lógica implícita, a partir das concepções metafísicas ou religiosas. Weber demonstra que existe uma racionalidade nas religiões e nas sociedades, nas existências vividas e pensadas, que não é uma racionalidade científica, mas não deixa de ser uma atividade do espírito, uma dedução semirracional, semipsicológica, a partir de princípios (ARON, 2000).

Segundo Weber, a religião sofre modificações em suas práticas, na medida em que, ao atender aos interesses dos fiéis, não apenas contribui para a conformação do *éthos*⁷⁸, como também se encontra sujeita a reelaborações no processo de angariar e manter um corpo estável de membros.

Lewgoy, que realizou um trabalho de etnografia da leitura num grupo de estudos espíritas, afirma que há grandes diferenças com relação a vários aspectos da doutrina espírita dentro de cada grupo. Serão citados algumas dessas diferenças, para introduzir as observações acerca das práticas.

Ser iniciado é, em primeiro lugar, receber orientações de leitura, como um principiante, qualquer que seja o pretexto para a aproximação. Há, no Espiritismo, uma hierarquização estabelecida que presume não tanto a desigualdade de saberes, mas a desigualdade de *esclarecimentos* entre os espíritas e os não-espíritas. Quando fui comprar o *Livro dos Espíritos* pela primeira vez, no posto de venda de livros da Sociedade Espírita Allan Kardec (a mais antiga sociedade espírita de Porto Alegre, de 1894), um senhor advertiu-me que eu deveria comprar as três obras básicas se eu quisesse estudar Kardec, que não adiantava eu comprar só uma porque elas formavam uma unidade (LEWGOY, 2004, p. 256-257).

A abordagem a seguir refere-se à argumentação dos fatos, resultantes do mapeamento de situações vivenciadas em casas espíritas. Trata-se de observações iniciais, que conduziram a questionamentos e à pesquisa propriamente dita.

Mapeando algumas observações de condutas diferenciadas, verificou-se:

⁷⁸ “O conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento [instituições, afazeres etc.] e da cultura [valores, idéias ou crenças], característicos de uma determinada coletividade, época ou região” (HOUAISS, 2001).

- em uma instituição, não havia atividade de aplicação de passe individual; avisaram que o passe já era oferecido coletivamente, de forma invisível, pela espiritualidade. A pessoa somente poderia usufruir daquele passe nos casos de um mal estar ou uma doença;
- havia casas espíritas em que todos tomam o *passe*, tanto os visitantes, os frequentadores, como os próprios colaboradores. A direção da casa compreendia que tal ação traria benefícios de saúde e de bem-estar, tanto para quem o aplicava como para quem o recebia, conforme o entendimento doutrinário;
- vivenciavam-se em casas espíritas formas diferenciadas de passe. Além da fluidoterapia ⁷⁹, havia aplicação de cromoterapia ⁸⁰, reiki ⁸¹, arteterapia ⁸², entre outras técnicas, como contribuição nos processos de cura;
- havia casas espíritas em que o presidente questionava se existia realmente a mediunidade de cura ⁸³;
- em determinada casa espírita, o presidente dizia que, em duas aulas, prepararia um médium para tarefas como a do passe;
- contrariando a maioria dos centros, existiam casas em que o trabalho da desobsessão era feito na presença do obsediado. O doutrinador tentava diluir os quadros de dor e de revolta expressos pelo espírito sofredor ou obsessivo (conforme o grupo o denominasse), conscientizando-o dos sentimentos perturbadores e seus efeitos intoxicantes tidos como destruidores e visando

⁷⁹ Passe executado por um grupo de passistas, para corrigir irregularidades da estrutura do perispírito, que comprometem seriamente a vitalidade e funcionalidade do organismo do paciente. Outras informações conferir (<http://www.comunidadeespirita.com.br/temas/fluidoterapia.htm>).

⁸⁰ Tratamento terapêutico que usa a cor para estabelecer o equilíbrio da mente e curar moléstias. Baseia-se nas sete cores do espectro solar e cada cor tem uma vibração específica. Maiores informações (<http://www.mistico.com/p/cromoterapia.html>).

⁸¹ “Energia Vital Universal”. O reiki abre novos caminhos para a experiência espiritual e o aprendizado. A pessoa passa por uma iniciação feita por um Mestre de Reiki, aprendendo a visualizar símbolos. Outros esclarecimentos em (<http://www.mistico.com/p/reiki/oreiki.htm>).

⁸² Utiliza a linguagem artística (plástica, sonora, dramática, corporal e literária) como base da comunicação. Sua essência é a criação estética e a elaboração artística em prol da saúde. As linguagens envolvem as técnicas de desenho, pintura, modelagem, construções, sonorização, musicalização, dança, drama e poesia, aplicadas na avaliação, tratamento, profilaxia (prevenção), reabilitação e educação de clientes especiais.

⁸³ Capacidade que alguns médiuns têm de emitir fluidos curadores, a fim de aliviar dores, cicatrizar feridas, curar depressões, realizar cirurgias, por meio de imposição das mãos ou de preces. No livro *Diretrizes e segurança*, Divaldo P. Franco responde a pergunta – “Qual a finalidade da existência de médiuns curadores?” Resposta: “A prática do bem, do auxílio aos doentes. O apóstolo Paulo já dizia: “Uns falam línguas estrangeiras, outros profetizam, outros impõem as mãos” (FRANCO; TEIXEIRA, 1990).

aliviar a ex-vítima e atual algoz, conforme afirmam os praticantes da doutrina espírita;

- Noutras casas, o paciente nem sequer tomava conhecimento de que estava ocorrendo um processo de desobsessão dirigido a ele. Porém, seria beneficiado pela intervenção de um familiar próximo, quase sempre a mãe, pai ou parente, ou mesmo um amigo;
- o trabalho de desobsessão, em alguns centros, era feito com o rigor dos tempos anteriores, cuja disciplina e ordem vinham antes do sentimento de respeito pelo ser que ali se encontrava à espera de conforto ou de um direcionamento;
- em um centro, o doutrinador, sugeriu um modelo de tratamento de desobsessão de outra casa espírita, era questionado e criticado, por lidar com os espíritos necessitados com mais benevolência e respeito;
- havia médiuns trabalhadores com responsabilidades em uma casa espírita que, por uma razão superior à sua vontade, viam-se obrigados a mudar de Estado e ter o seu trabalho mediúnico interrompido bruscamente, por não contarem com o apoio e compreensão dos dirigentes dos centros na nova localidade. O médium não iria trabalhar a mediunidade, correndo o risco de consequências prejudiciais para a sua vida psíquica, emocional e orgânica, conforme é compreendido no Espiritismo;
- um centro apresentava uma nova modalidade de desobsessão, realizada em domicílio;
- existiam centros em que o engajamento no trabalho de assistência social era uma alternativa terapêutica nos processos de dor e sofrimento para aquele que buscava a ajuda espiritual;
- em alguns centros a assistência social era dirigida para doação de cestas básicas, enxovais de bebê, entre outras;
- a assistência social feita em uma das casas partia da questão: qual é o seu sonho, qual é o seu desejo? O trabalhador se mobilizava no sentido de possibilitar a realização do desejo do assistido, baseado nas possibilidades dele e na da própria casa espírita;
- existiam centros que sugeriam ao assistido participação nas atividades doutrinárias, mesmo na condição de assistente. Compreendiam que a doação

mais importante era o despertar da consciência, levando ao bem-estar do espírito;

- outros centros, contrariamente, prestavam assistência social sem o envolvimento do assistido, porque entendiam que estavam agindo do modo correto;
- por um lado, tinha-se a possibilidade de vivenciar, em casas espíritas, recepções mais amigáveis, acolhedoras; por outro, recepções mais austeras, mais distantes;
- havia um centro em que, sobre um grande palco, o presidente da instituição desfilava de uma extremidade a outra, exibindo sua oratória, com a desenvoltura de uma excelente expressão corporal e vocal. Várias formas de comunicação eram utilizadas – inclusive o emprego de um microfone, junto a um piano – e compunham o ambiente da reunião pública ao ar livre. Após os aplausos, a participação vibrante do imenso público junto ao orador (o presidente da instituição), tudo era concluído com o próprio dirigente da reunião recolhendo a contribuição financeira da assistência.

No 3º capítulo, serão abordados em maior destaque estas observações das práticas diferenciadas identificadas nas casas espíritas, e que constituem desafios, para tentar compreendê-las e interpretá-las. Na verdade, uma tentativa de explicar a realidade do Espiritismo organizado por Kardec, desde a sua chegada ao Brasil, dentro de um processo de transnacionalização, que hoje caminha em sentido inverso, exportando o modelo brasileiro para outros países.

3 O ESPIRITISMO E PRÁTICAS DIFERENCIADAS NA MESMA DOUTRINA

3.1 Mapeando práticas diferenciadas no Espiritismo

Em sua dissertação, intitulada: *Afinal, o espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira*, Arribas (2008) se propôs analisar o processo de formação da heterogeneidade formal do campo religioso. Nesta análise, a autora tece incisivas considerações sobre as diferentes instâncias de práticas religiosas, com foco no Espiritismo. Como bem explica Arribas (2008, p.16), todo o esforço de sua pesquisa teve como motivo principal “desenhar da melhor forma possível as linhas de força de um campo de agências religiosas com seus principais personagens que foi se tornando relativamente autônomo no Brasil e cada vez mais heterogêneo”.

Esta pesquisa despertou o interesse por tratar de questões correlatas ao objeto deste estudo, uma vez que aponta indicativos para observar e compreender melhor a heterogeneidade e a diversidade dentro das instituições espíritas, quanto às práticas da doutrina.

Por isso, atenta-se para o que ensina Arribas (2008, p. 71-72) acerca das várias formas de aceitação do espiritismo no Brasil, que motivaram

[...] a formação de diversos grupos, uns interessados mais nos estudos filosóficos, outros nos científicos e outros ainda nos seus princípios morais. A dispersão do espiritismo em vários segmentos mostra como ainda não havia naquele momento uma definição legítima do que seria espiritismo e em qual campo ele iria atuar. *Kardecistas, místicos, espíritos puros, roustainguista, científicos, swedemborguista*, entre outros, eram as subdenominações dos diversos agrupamentos que o empossaram, cada qual enfatizando uma de suas facetas (destaque nosso).

Segundo a autora foram necessários esforços para que o movimento espírita se unificasse, se definisse e se legitimasse. É nesse momento que nasce a Federação Espírita Brasileira, uma associação que se propôs regular e unificar as ideias espíritas, bem como representar os variados grupos, assumindo o papel de instrumento divulgador do Espiritismo (ARRIBAS, 2008).

Outros autores, como Giumbelli (1997), Stoll (1999) e Damázio (1994), são citados com destaque por Arribas (2008), como estudiosos que marcaram presença significativa no cenário dos estudos sobre o Espiritismo. Giumbelle propôs-se

[...] compreender o espiritismo como um ‘rótulo’ que teria se formado e se estabelecido através de processos históricos externos à dinâmica do campo religioso. Para ele, o espiritismo brasileiro teria sido moldado e constituído através das injunções repressivas de ordem policial e judicial pelas quais se viu constringido a passar [...] (GIUMBELLE, *apud* ARRIBAS, 2008, p. 23).

Em Giumbelli (1997, p. 35), é evidente a preocupação em “[...] apreender, em suas especificidades e em sua relativa autonomia, os diversos discursos que se teceram a propósito do Espiritismo, reconhecendo neles dimensões sociais para a definição do estatuto e dos destinos dos grupos das práticas sociais”. Dentro desse entendimento, o presente estudo de certo modo se apropriou do argumento de Stoll (1999) para explicar algumas diferenças de conduta constatadas nas casas espíritas.

Em última análise, pode-se recorrer a Damázio, que “[...] entende o Espiritismo como uma construção original possibilitada pelas especificidades histórico-sociais brasileiras de lutas e confrontos entre grupos sociais” (DAMÁZIO, *apud* ARRIBAS, 2008, p. 23).

Nessa mesma esfera, vale mencionar Weber (1982), ao chamar a atenção para o fato de que a religião é passível de mudanças em suas práticas, a partir do momento em que acolhe os interesses dos seguidores. Nesse caso, o conjunto de hábitos e costumes sociais fica sujeito a uma estagnação ocasionada por uma ideia de religião que não sofreu renovação, porém somente a partir dela pode alcançar estabilidade na composição do grupo. Seguindo esse princípio, é possível observar, nas casas espíritas, formas individualizadas de interpretar a doutrina, em seus aspectos diferenciados e específicos.

Já Silva ⁸⁴, em seu estudo dissertativo, que versa sobre a compreensão dos processos e elementos para a construção de identificações no Espiritismo e as possíveis reorientações existenciais, se refere às redefinições das identidades, mostrando que

[...] outros aspectos [...] têm peso na dinâmica das redefinições das identidades. Um deles, sem dúvida, constitui-se nos hábitos de classe aos quais os frequentadores, no caso aqui especificamente tratado, dos centros espíritas, estão atrelados, contribuindo para a diferenciação dos diversos contextos desta religião, tendo em vista as camadas sociais neles envolvidas. Trata-se, por conseguinte, de perceber a pertença de classe não pela ótica estreita do meramente econômico, mas de ter em conta a existência de uma produção simbólica na qual perpassam valores, estilos e percepções fornecendo indicações dos contornos entre os grupos sociais específicos (SILVA, 2006, p. 14).

⁸⁴Gleide Sacramento da Silva é Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2006) e atualmente está cursando o doutorado na mesma Universidade. Tem experiência na área de Política Educacional e Sociologia, com ênfase em Fundamentos da Sociologia, Sociologia da Saúde e Sociologia da Religião. O título da sua dissertação foi *Eu e o outro no centro: uma reflexão acerca dos processos de identificação no Espiritismo*, em 2006. Para maiores informações conferir (<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4765950D8>).

De fato, essas, dentre outras concepções teóricas, são fundamentais para compreender as razões que levam os espíritas ao exercício das práticas diversificadas, considerando que

[...] hoje observa-se a permanência e revitalização de antigas crenças e práticas religiosas, além do surgimento de novas, seja em sua dimensão institucional, promovendo diversificadas demarcações políticas, ideológicas e grupais; seja em suas mais recentes expressões privadas, *subjetivas, flexíveis*, permitindo, assim, *recombinações, resignificações*, trânsitos e pluralismos denominados muito mais apropriadamente de *religiosidades* (destaque nosso) (*Ibid.*, p. 38).

Na verdade, essas formulações revelam que, embora se esteja em constante processo de investigação, as práticas religiosas recebem, em todos os contextos práticos, significados diversificados. Por acaso, está-se diante de oposições de valores ou particularidades na forma de exercer a doutrina espírita? Provavelmente, desconhecem-se as formas explícitas de responder a questionamentos dessa ordem, não por inabilidade de constatação, mas pela complexidade que a questão abrange. Como bem sustenta Silva:

Práticas e crenças individuais ou coletivas, singulares ou plurais, institucionalizadas ou não [...] têm adquirido força por um outro veio que exploram: a dimensão das experiências vividas centradas no corpo e nas emoções, inscritas em uma racionalidade religiosa, mas ultrapassando-a numa narrativa corporal cujo arrebatamento e sensações vivenciadas são a tônica (*Ibid.*, p. 50).

3.2 Análise das práticas diferenciadas

Como foi descrito anteriormente, a exposição que será objeto de análise foi organizada a partir dos conteúdos expressos nas entrevistas (Cf. Apêndice F), sobre a contribuição de cada entrevistado para a prática diferenciada do espiritismo. Seguindo-se a essa fase, foram elaboradas as categorias que sintetizam o pensamento do grupo, levando em consideração o relato de cada um dos sujeitos.

A teoria que norteia essa análise seguiu o modelo teórico proposto na metodologia do sociólogo Weber (2009), como forma de compreender e interpretar, para explicar ⁸⁵ os

⁸⁵ **Compreensão**, no pensamento weberiano “[...] pode significar: 1) compreensão *atual* do sentido visado de uma ação [...]. 2) compreensão explicativa: ‘compreendemos’, pelos motivos, que sentido tem em mente aquele que pronuncia ou escreve [...] Compreendemos as ações de tirar lenha ou de apontar com o fuzil não apenas de maneira atual, mas também pelos motivos, quando sabemos que o lenhador executa essa ação para ganhar um salário ou para consumo próprio ou para recrear-se (racional), ou então ‘porque descarregou uma excitação’ (irracional), ou quando sabemos que o atirador age assim obedecendo a uma ordem de executar alguém, ou combatendo um inimigo (racional), ou por vingança (de maneira afetiva, e neste sentido, irracional). [...] Todas estas são conexões de sentido compreensíveis, cuja compreensão consideramos uma explicação do curso efetivo

dados colhidos. Os conceitos anteriormente delineados agora são retomados, juntamente com outros pressupostos de pesquisadores do espiritismo: antropólogos e sociólogos que vêm discutindo acerca do espiritismo, como Lewgoy (2000), Giumbelli (1997), Stoll (1999), dentre outros.

Validam-se as teorias estudadas e os resultados apurados, procedendo-se à análise qualitativa da pesquisa ⁸⁶, ou seja, observa-se também o que os participantes voluntários compreendem sobre o objeto deste estudo e o sentido atribuído por eles às suas experiências dentro das casas espíritas a que estão vinculados.

Fazem parte da amostra dezenove entrevistados colaboradores, convidados de 11 centros espíritas, de um universo de participantes, entre os segmentos: presidente da instituição; responsável por grupos de estudo e pelo setor mediúnico. O critério de seleção dos entrevistados foi a posição de liderança, ou seja, todos são líderes, ocupam posição de importância na condução dos grupos da instituição. Isto facilita a compreensão de

da ação. [...] ‘Compreensão’ significa [...] : apreensão interpretativa do sentido ou da conexão de sentido: a) efetivamente visando, no caso individual (na consideração histórica), ou b) visado em “media” e aproximadamente (na consideração sociológica em massa), ou c) o sentido ou conexão de sentido a ser construído cientificamente (como ‘ideal-típico’) para o tipo puro (tipo ideal) de um fenômeno freqüente (destaque nosso)” (WEBER, 2009, p. 6). Para Weber (2009, p. 4); “Toda **interpretação**, assim como toda ciência em geral, pretende alcançar ‘evidência’. A evidência da compreensão pode ser de caráter [a] racional (e, neste caso, ou lógico ou matemático), ou [b] intuitivamente compreensivo (emocional, receptivo-artístico). No domínio da ação, é racionalmente evidente, antes de mais nada, o que se compreende intelectualmente, de modo cabal e transparente, em sua conexão de sentido visada. Intuitivamente evidente, no caso da ação, é o que se revive plenamente em sua conexão emocional experimentada. Racionalmente compreensíveis, isto é, neste caso, direta e inequivocamente apreensíveis em seu sentido intelectual, são principalmente, e em grau máximo [...]. Toda interpretação de uma ação desse tipo, racionalmente orientada por um fim, possui – quanto à compreensão dos meios empregados – um grau máximo de evidência. Com menos grau de evidência, mas suficiente as exigências de explicação, são também aqueles ‘erros’ (inclusive ‘enredamento’ de problemas nos quais se pode incorrer ou de cuja formação se pode ter a experiência intuitiva. Ao contrário, muitas vezes não se consegue compreender, com plena evidência, alguns dos ‘fins’ últimos e ‘valores’ pelos quais podem orientar-se, segundo a experiência, as ações de uma pessoa; eventualmente eles são apreendidos intelectualmente, mas, por outro lado, quanto mais divergem dos próprios valores últimos, tanto mais dificuldade há em torná-los compreensíveis por uma *revivência* mediante a imaginação intuitiva. Nessas condições, há que se contentar [...] com sua interpretação exclusivamente intelectual, ou, [...] quando até essa tentativa falha, aceitá-los simplesmente como dados. Trata-se, nesse caso, de tornar inteligível o desenrolar da ação por eles motivadas, a partir de seus pontos de orientação interpretados intelectualmente na medida do possível, ou intuitivamente revividos, na maior aproximação possível. [...] (destaque nosso)” (WEBER, 2009, p. 6). Ainda de acordo com Weber “[...] ‘**Explicação**’ significa, portanto, para uma ciência ocupada com o sentido da ação, algo como: apreensão da conexão de sentido a que pertence uma ação compreensível de maneira atual, segundo seu sentido subjetivamente visado (sobre o significado causal desta ‘explicação’ ver item 6). Em todos esses casos, incluídos os processos afetivos, o sentido subjetivo do evento e também o da conexão de sentido serão designados como sentido ‘visado’ (ultrapassando assim o uso habitual que fala de ‘visar’, neste sentido, somente quando se trata de ações racionais e intencionalmente por um fim) (destaque nosso)” (*Ibid.*).

⁸⁶ Não se trata, aqui, de uma discussão da técnica qualitativa, mas tão-somente foi utilizado esse recurso como um instrumento a serviço desta pesquisa. O objetivo foi definir uma abordagem que pudesse dar conta do objeto proposto inicialmente. Ademais, por reconhecer que a análise do comportamento humano, individual ou em grupo, feita por um observador, exige, necessariamente, cuidados para que não ocorram distorções interpretativas das abordagens, e, conseqüentemente, descrença na apuração dos resultados apresentados, coube, pois, ao pesquisador em observação, assumir o compromisso de ignorar a influência de sua posição. A sociologia

determinados aspectos e tendências relativos à diversidade de ações praticadas nos centros espíritas e possibilita que o estudo abranja um universo mais aberto, com a participação de grupos variados. As questões de natureza pessoal, que correspondem ao perfil dos entrevistados, foram condensadas em tabelas ilustrativas (Apêndices C, G, H, I, J e K), expressando as condições de cada participante do estudo, os sujeitos informantes da pesquisa, que colaboraram através de entrevista/questionário (gravados). Por questões de ordem ética, tiveram as suas identidades preservadas.

Buscou-se construir uma representação de tudo que foi pesquisado sobre as práticas diferenciadas, que resultam em variações de conduta dentro de uma mesma doutrina, a espírita, através da narrativa dos sujeitos informantes, em torno de quatro blocos de categorias, que levam a conhecer:

- diferenças de conduta espírita, conhecimento acumulado da doutrina e o jeito de ser pessoal;
- critérios oferecidos pela instituição como modelo na direção de fiéis;
- graus de satisfação, auto ou baixa-estima, fatores psicológicos, curiosidade com relação aos porquês e ao sentido da vida;
- avaliação pessoal do participante quanto às variações de conduta nas casas espíritas.

A primeira análise tem o propósito de evidenciar a manifestação dos participantes, com o objetivo de conhecer como são direcionados os estudos e trabalhos em casas espíritas. Procurou-se também responder ao objetivo geral da pesquisa, que é compreender, de forma interpretativa, o sentido da ação dos líderes espíritas, procurando explicar a sua causalidade e os seus efeitos, tanto com relação à pessoa que os busca quanto com relação à Doutrina. Nessa perspectiva, são bastante adequadas as palavras de Weber:

Deve-se compreender claramente que, no domínio da Sociologia, somente se podem construir ‘médias’ e, portanto, ‘tipos médios’ com alguma univocidade quando se trata de diferenças de grau entre ações qualitativamente iguais, determinadas por um sentido. [...]. Na maioria das vezes, porém, as ações histórica ou sociologicamente relevantes estão influenciadas por motivos qualitativamente heterogêneos, entre os quais se pode obter uma ‘média’ propriamente dita [...] (WEBER, 2009, p. 13).

Do ponto de vista científico, isso equivale a um fio condutor, que leva à compreensão da realidade observada. Os dados resultantes das observações e da participação

weberiana (1991) mostra que os critérios fundamentais de uma pesquisa devem ser definidos pelo pesquisador em relação ao objeto que está sendo investigado.

dos informantes, através de entrevistas (gravadas) e questionários, possibilitam captar não só as opiniões de cada um, mas também a “média”, pela repetição, o que favorece a compreensão dos fatores responsáveis pelas diferenças nas condutas espíritas.

Do trabalho contam doze apêndices. O apêndice A, sob o título Blocos indicadores *de categorias*, divide-se em quatro partes: 1) Bloco de fatores responsáveis por diferenças de conduta espírita, conhecimento acumulado da doutrina e jeito de ser pessoal; 2) Bloco de fatores responsáveis pelos critérios oferecidos pela instituição como modelo na direção de fiéis; 3) Bloco de fatores responsáveis pelos graus de satisfação, autoestima ou baixa-estima, fatores psicológicos, curiosidade com relação aos porquês e ao sentido da vida; 4) Bloco de fatores responsáveis pela avaliação pessoal do participante quanto à diversidade de conduta dentro de uma mesma doutrina.

Com a finalidade de facilitar a análise dos dados coletados, todas as perguntas foram elaboradas para atender aos objetivos mencionados no item 1.3, o qual se refere à metodologia do trabalho. Entre as perguntas, pode-se destacar as seguintes.

- Há quanto tempo você é espírita?
- Desde quando você trabalha nesta casa?
- Há quanto tempo você é trabalhador espírita?
- Você tem algum componente espírita na sua família?
- Qual é a atividade que você desempenha neste centro?
- Como você desenvolve as suas atividades neste centro espírita?
- Como é que você compreende o Espiritismo e o ser espírita?

As respostas dessas perguntas, através da repetição ou não do conteúdo, possibilitaram a formação de determinadas categorias, o que facilitou a interpretação e a explicação do fato na sua origem. A primeira indagação se refere ao tempo do entrevistado como trabalhador espírita, aqui considerando como o tempo que ele tem de Espiritismo, pois essa medida cronológica lhe dará a oportunidade de interiorizar a cultura espírita, com maior ou menor profundidade.

O ser espírita vivencia o ambiente espírita em todos os seus aspectos: no vocabulário (parte de um ethos espírita), na conduta dentro da casa espírita (laboratório do Espiritismo). Essa conduta, de acordo com o tempo, será moldada nos sentidos sociológico e antropológico, o que vai formar o comportamento espírita. Entretanto, o perfil desse comportamento se delineará conforme a comunidade frequentada. Cada casa espírita tem a sua forma específica de conduzir os trabalhos, conforme a direção.

A outra questão é a que se refere à pessoa como trabalhadora, porque há uma diferença entre ser um simples participante da comunidade espírita, um visitante, freqüentador, e o daquele que tem a função de trabalhador, ou seja, de um *agente espírita*. Quanto maior o tempo de trabalho naquela comunidade, que requer uma postura que insere no indivíduo uma determinada cultura, maior é a chance de ele representar e refletir o que aquela casa, como veículo espírita, oferece. Passa a fazer parte dele o modelo da casa onde trabalha.

A questão “Você tem algum componente espírita na sua família?”, pretendeu averiguar se a cultura absorvida na comunidade espírita é estendida à família, pois o apoio desta implicará um fortalecimento da estrutura do “ser espírita”.

Outra pergunta reforça a temática acima: “Qual é a atividade que você desempenha neste centro?” A apropriação do significado de cada palavra proferida está intrinsecamente ligada à ação desempenhada na casa espírita. No caso de uma pessoa de liderança, que transmite os ensinamentos e a informação espírita, a assimilação do conhecimento teórico do Espiritismo é muito maior do que naquele que desempenha outra função como, por exemplo, a função de um zelador, a que distribui cesta básica, ou que organiza a fila.

“Como é que você desenvolve suas atividades neste centro espírita?” A indagação se refere ao *jeito de ser pessoal*. As casas espíritas, em umas mais do que em outras, existe um espaço para a expressão do ser subjetivo, individual. A resposta leva ao entendimento de como o trabalhador espírita, ao assumir futuramente um cargo de liderança, vai aliar o seu *jeito de ser pessoal* ao conteúdo da doutrina apreendida.

“Como é que você compreende o Espiritismo e o ser espírita?” Essa é uma questão subjetiva, individual. Com a resposta a essas duas temáticas, em conjunto com outras, torna-se possível a construção do perfil atual e futuro do entrevistado, o que influirá no desempenho da sua liderança.

A divisão das questões em blocos, teve o propósito de facilitar o entendimento do público-alvo, através de uma análise individual e geral, incluindo a comunidade e a cultura espírita. A diferença da conduta espírita está ligada ao conhecimento acumulado da doutrina e ao *jeito de ser pessoal*. Há uma postura, uma conduta espírita que está ligada à comunidade, ao permitido dentro da instituição, o que vai abrir espaço para o conhecimento acumulado da pessoa, mas será o trabalhador que escolherá os grupos de estudo, o trabalho a desempenhar. Este enfoque está em consonância com as características da pesquisa qualitativa e a Sociologia weberiana, que contempla o sentido da ação, a subjetividade. Percebe-se assim o processo da elaboração cognitiva, portanto, do ser psicológico.

No segundo bloco, foram levados em conta os critérios da instituição, o modelo de conduta dos fiéis. A partir da organização da instituição, por meio de sua ação coletiva e individual, é possível compreender como agirá o adepto daquela instituição, no momento em que estiver liderando um setor ou mesmo dirigindo a entidade, quais critérios serão oferecidos aos novos membros.

O terceiro bloco, inclui os fatores responsáveis pela satisfação, o resultado da ação no frequentador, no trabalhador da casa e no visitante. Foram trabalhados os graus de satisfação, o lado psicológico, a estima, consigo e com a vida. A doutrina espírita demanda uma doação, uma entrega, um profundo estudo. Então, perguntou-se: Por que você está nela? Que curiosidade você tem com relação à doutrina como área do conhecimento? Por que se dedicar a ela, fazer parte de um grupo de estudo? Uma indagação sobre os porquês e o sentido da vida.

O quarto bloco é constituído pelos fatores responsáveis pela avaliação que o próprio entrevistado faz com relação às diferenças percebidas na própria instituição e nas outras. É uma avaliação que ele faz da sua casa e de outras casas, ou de alguma situação presenciada.

Além do questionário, foram organizadas algumas tabelas, constantes do apêndice C, para definir o perfil dos entrevistados, privilegiando o grau de escolaridade, a função exercida, o tempo na função etc. Essas informações relativas a dados pessoais poderão fornecer uma visão ampla do público-alvo.

A utilização de maior quantidade de respostas de alguns entrevistados em relação a outros deve-se à espontaneidade na fala e à liberdade na defesa das suas ideias, o que possibilita identificar as causas que ligam os aspectos teóricos dos autores estudados à vivência e ao conhecimento que a pesquisadora tem do Espiritismo. Além disso, trouxeram contribuições importantes para o desenvolvimento do trabalho e ofereceram uma base para entender melhor a questão da diversidade.

A narrativa do entrevistado n.19 (Cf. Apêndice L) mostra situações de desconforto vivenciadas por ele em centros espíritas, na sua longa caminhada. Sua participação foi relevante pelo desprendimento em contribuir com a pesquisa, diferentemente da atitude do presidente da FEP, que se opôs a participar, pelo fato de ter visto o nome de uma casa selecionada para a pesquisa, sugerindo, ainda, à sua secretária, que não concedesse a entrevista, em nome da instituição, a menos que fosse retirado o nome daquele centro. Tal impasse não fez a pesquisadora recuar. Foi argumentado com o presidente, sobre o peso que teria a presença efetiva da FEP, visto a importância dessa instituição no universo espírita. O

episódio levou à reflexão sobre o significado desta ausência, se seria uma ação de exclusão, o que foge à proposta do trabalho. Sem dúvida foi um dissabor; mas não foi suficiente para descaracterizar o trabalho, embora a vontade e o interesse da pesquisadora fossem o da efetiva participação da FEP, dada a liderança que ela exerce nos centros.

Outros informantes foram mais contidos nas suas considerações, enfatizando menos a experiência pessoal, as dificuldades, os conflitos com as federativas, a “presença” do mentor, o que ele propunha construir naquela instituição, os objetivos, a responsabilidade de cada trabalhador, a supervisão dos trabalhos mediúnicos pelo mentor etc. Ainda respondiam às perguntas “burocraticamente”, com justificativas superficiais, como: “[...] é porque não compreendeu Kardec”; “[...] é porque não fizeram o Esde (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita)”; “[...] é porque não seguem a orientação da FEP, da FEB”.

São respostas contrárias às do entrevistado n.19, como, por exemplo, “[...] nos simpósios o destaque é o palestrante e não o tema”. Foram respostas de cunho riquíssimo, para dar uma visão diferenciada do *status quo* reinante no Espiritismo. As respostas foram reunidas, pois, de outro modo, a argumentação correria o risco de fragmentar-se e tornar o texto descontínuo.

Faz-se necessário ressaltar que a preocupação da pesquisadora não é de valorar a postura de nenhum dos entrevistados, nem das instituições, como se procurou deixar claro desde o início. O que se quis foi aproveitar os dados colhidos na pesquisa de campo da forma mais objetiva possível, dentro das exigências dos objetivos do trabalho. Todas as entrevistas foram importantes para fazer a ‘média’ sugerida por Weber (2009), a fim de possibilitar uma conclusão mais qualitativa da pesquisa. Em virtude disso, a entrevista (editada) do colaborador n.19 foi anexada à dissertação. Vale ressaltar que a edição não alterou o conteúdo, que despertou o interesse científico do pesquisador.

A seguir, registraremos algumas respostas dos entrevistados:

Coordeno as equipes de instrutores e monitores da casa, através de reuniões periódicas com a equipe e promovendo capacitações continuadas de formação pedagógica (Cf. Pergunta 4, Entrevistado n. 1, em Apêndice F).

Coordeno todas as salas de atividades mediúnicas da casa, como salas de cura e desobsessão e faço reuniões periódicas de reflexões com trabalhadores (Cf. Pergunta 4, Entrevistado n. 2, em Apêndice F).

Desenvolvo-me com responsabilidade, perante a doutrina espírita, procurando manter o equilíbrio na convivência com os demais trabalhadores

a fim de darmos o melhor possível de união e fraternidade (Cf. Pergunta 4, Entrevistado n. 5, em Apêndice F).

Dou a minha colaboração junto a todos que fazem essa instituição, objetivando o autoconhecimento numa proposta de libertação pela educação para os valores humanos (Cf. Pergunta 4, Entrevistado n. 10, em Apêndice F).

Procuo seguir os ensinamentos de Jesus concomitantemente com os preceitos da doutrina, com determinação, disciplina e confiança em Deus, a fim de preservar os preceitos doutrinários dentro dos trabalhos e estudos realizados na casa (Cf. Pergunta 4, Entrevistado n. 13, em Apêndice F).

Com respeito, amor e comprometimento (Cf. Pergunta 4, Entrevistado n. 14, em Apêndice F).

Embora as respostas à questão “Como você desenvolve as suas atividades neste centro espírita?” sejam individualizadas, como se verifica nas estruturas já referidas, percebe-se que há o pensamento coletivo. Também asseguram a existência de um grau de envolvimento de caráter prático, em relação aos deveres para com a instituição à qual estão atrelados. Outros fatores evidenciam e justificam tais posicionamentos e ações dos entrevistados, como a influência que receberam de seus ascendentes, familiares espíritas, pois são, na sua maioria, testemunhas oculares da vivência espírita no contexto familiar, ou seja, criados dentro de um ambiente espírita, em que os avós, pais e irmãos mantêm uma história de espiritualismo ⁸⁷.

Alguns participantes deixam explícitas as suas subjetividades, como se percebe na resposta do entrevistado n.17 à pergunta “Como você desenvolve suas atividades neste centro espírita?": “Toda atividade espírita, apesar de voluntária, tem de ser disciplinada e exercida com responsabilidade, assiduidade, perseverança e com normas estabelecidas, para que o nível seja da melhor qualidade [...]” (Cf. Pergunta 4, Entrevistado n. 17, em Apêndice F). Há, nitidamente, um compasso entre a afirmação do participante e o que afirma Lewgoy ⁸⁸ (2000, p. 240-241):

⁸⁷ *Espiritualismo* é toda “[...] doutrina que pratique a filosofia como análise da consciência, ou [...] pretenda extrair da consciência os dados da pesquisa filosófica ou científica. [...] E essa filosofia, [...] que começa em Sócrates e Platão que o Evangelho difundiu por todo o mundo [...] ensina a espiritualidade da alma, a libertação e a liberdade das ações humanas, as obrigações morais, a virtude desinteressada, a dignidade da justiça, a beleza da caridade; e além dos limites deste mundo mostra um Deus, autor e modelo da humanidade [...]. Sustenta o sentimento religioso [...]” (ABBAGNANO, 2007, p. 415).

⁸⁸ Lewgoy, no seu estudo etnográfico, explica a origem e o objetivo do seu trabalho: “[...] Este artigo, realizado a partir de pesquisa etnográfica num tradicional centro espírita de classe média de Porto Alegre, examina e sistematiza alguns modos pelos quais os adeptos espíritas, estruturados em pequenos grupos, relacionam-se com essa tradição escrita [...]” (2004).

Dentro do sistema de crença espírita, toda atividade ritual demanda uma preparação do ambiente em que *encarnados* colaboram com *desencarnados* para uma *faxina espiritual* do ambiente, que acontece antes da sessão, *equilibrando os fluidos presentes*. Há sempre necessidade de um tempo entre as diversas atividades, a fim de que esse equilíbrio possa restabelecer-se. Por exemplo, o grupo de estudos não funciona no mesmo dia da reunião de desobsessão, pois há o risco de que *o ambiente não esteja ainda limpo das presenças espirituais que ocuparam o espaço*, por isso a necessidade de um tempo razoável entre uma e outra atividade (destaque nosso).

Com base nessa assertiva, é possível compreender as diferenças quanto ao trato das atividades dentro dos centros. Pelas observações, relatos e entrevistas, percebem-se, nas interlocuções, padrões diversificados de ação e conduta, respaldados nas respostas à pergunta: “Como você desenvolve as suas atividades neste centro espírita?”:

Primeiro, a conscientização de cada trabalhador como divulgador do Espiritismo – só isso faz todo diferencial – segundo, desenvolvendo a *autonomia* – é preciso ser o divulgador na sua amplitude e ter ações livres com responsabilidade para que o trabalho seja gerador de mudanças benéficas e por fim a alegria do trabalho, quem não tem alegria para servir perde os mais suaves contentamentos da alma, por exemplo, qualquer contratempo [...] (Cf. Pergunta 4, Entrevistado n. 4, em Apêndice F).

Essa posição do entrevistado n. 4 se distancia da resposta lacônica do informante n.3: “Coordenando um grande número de trabalhadores nos seus diversos setores” (Cf. Pergunta 4, Entrevistado n. 3, em Apêndice F). Para dar sentido às narrativas com essas estruturas, busca-se em Lewgoy a explicação:

Sendo o Espiritismo um sistema formalmente igualitário, a estruturação hierárquica é implícita, o que se estende ao direito de uso e ao modo de expressão verbal, cabendo aos participantes ter o senso de seu lugar nos grupos de que participam (LEWGOY, 2000, p. 270).

De um modo geral, pelas narrativas apresentadas, entende-se que os abordados estão muito seguros das suas convicções e responsabilidades com a prática doutrinária. Eles constroem uma imagem muito favorável de interlocutor, resultante de suas ideias sobre a instituição à qual estão vinculados; muitos têm até mais de 20 anos de atuação e convivência em casas espíritas, levando a crer que

[...] a ‘antiguidade na doutrina’ também era usada pelos informantes como uma espécie de classificação hierárquica complementar, certamente importante num sistema religioso que tanto valoriza a igualdade entre os participantes (*Ibid.*, p. 224).

Os entrevistados, sujeitos desta pesquisa, ao responderem como conduzem as atividades em centros sob sua liderança, estão preocupados com um bom resultado no desempenho das suas funções, sedimentados pelo exercício constante de estudos e da prática

contínua através dos anos. Quanto a algumas diferenças de atitudes em relação à doutrina, vale lembrar o que expõe Lewgoy (2000, p. 242): “No Espiritismo, ainda que se possam fazer comentários sobre atitudes que levem a crer no atraso espiritual de alguém, a regra é não fazer comentários”.

Do ponto de vista teórico, a antiguidade na doutrina, o contexto familiar, os fatores culturais decorrentes do socioeconômico ou do histórico podem ser utilizados como categorias interpretativas que apontam diferenças de conduta espírita e se aproximam do pensamento de Lewgoy (2000, p. 237):

Os grupos não se diferenciavam apenas pelo que eu supunha ser a diferença entre *principiantes* e *adiantados*, mas definiam pertencimentos e redes dentro do centro espírita, marcavam identidades, que se processavam principalmente pela filiação a um certo estilo de interpretação da doutrina espírita (destaque nosso).

Na verdade, a prática da doutrina é trabalhada a partir de conceitos doutrinários espíritas kardecistas aliados a valores morais cristãos. Esses valores devem ser transformados e potencializados, a fim de que as ações sejam voltadas à prática do bem, através das quais os praticantes busquem alcançar os objetivos esperados. Com o potencial direcionado no sentido do bem comum, espera-se que os indivíduos tenham discernimento e façam uma reflexão justa sobre suas funções dentro da casa espírita, honrando o papel que lhes foi atribuído. Como bem explica Aristóteles:

As coisas que temos de aprender antes de fazer, aprendemo-las fazendo-as – por exemplo, os homens se tornam construtores construindo, e se tornam citaristas tocando cítara; da mesma forma, tornamo-nos justos praticando atos justos, moderados agindo moderadamente, e corajosos agindo corajosamente (ARISTÓTELES, 2001, p. 35-36).

Retomando o bloco inicial das perguntas relativas aos fatores responsáveis pelo conhecimento acumulado da doutrina e o jeito de ser pessoal, até-m-se, então, à questão: “Como é que você compreende o Espiritismo e o ser espírita?” (Cf. Pergunta 8, em Apêndice F) Aqui, encontra-se aporte na teoria compreensiva de Weber como um indicativo para a análise individualizada do sentido, para chegar à compreensão do que está implícito na narrativa do sujeito informante, como lembra Weber (2009, p. 4):

‘Sentido’ é o sentido subjetivamente visando: a) na realidade, num caso historicamente dado, por um agente, ou B, em média e aproximadamente, numa quantidade dada de casos pelos agentes, ou b) num tipo puro conceitualmente, construído pelo agente ou pelos agentes concebidos como típicos. Não se trata, de modo algum, de um sentido objetivamente ‘correto’ ou de sentido ‘verdadeiro’ obtido por indagação metafísica. Nisso reside a diferença entre as ciências empíricas da ação, a Sociologia e a História, e

todas as ciências dogmáticas, a Jurisprudência, a Lógica, a Ética, que pretendem investigar em seus objetivos o sentido ‘correto’ e ‘válido’.

Esse princípio weberiano leva a identificar o grau de compreensão do entrevistado acerca do Espiritismo e o sentido do jeito pessoal de cada informante, à medida que as narrativas se vão desenrolando:

Entendo que, conceitualmente, o espiritismo é ciência e ser espírita é ter consciência da realidade da vida espiritual e agir de forma que o amor seja a bússola dos pensamentos e decisões (Cf. Pergunta 8, Entrevistado n. 3, em Apêndice F).

O Espiritismo é uma doutrina que nos esclarece com lógica e razão. Ela não impõe nada a ninguém, mas, com certeza, ilumina a consciência, tornando-nos responsáveis. Ser espírita é, para mim, um grande trabalho de reforma íntima e de muita renúncia (Cf. Pergunta 8, Entrevistado n. 5, em Apêndice F).

Espiritismo é uma doutrina libertadora, que vem com a finalidade de libertar o homem. Ser espírita é uma luta constante pela melhoria, é uma luta boa, é algo de bom, para cada dia você ser melhor do que foi ontem, isso não é fácil, requer uma força, uma perseverança, como diz Kardec ‘vontade e não boa-vontade’, você tem que ter vontade de mudar, vontade de crescer, porque de boa-vontade o mundo está cheio, agora é preciso vontade mesmo de correr atrás dessa melhoria (Cf. Pergunta 8, Entrevistado n. 7, em Apêndice F).

Compreendo o Espiritismo como uma escola que oferece múltiplas possibilidades de aprendizado, objetivando a educação, e o ‘ser espírita’, o esforço que fazemos para trabalhar em nós as virtudes, modificando os nossos condicionamentos negativos (Cf. Pergunta 8, Entrevistado n. 10, em Apêndice F).

Quanto à forma de ser, Silva (2006, p. 156) assim se pronuncia:

[...] o Espiritismo trabalha insistentemente com a postura marcada pela calma, paciência, fraternidade, desprendimento dos bens materiais, caridade material e espiritual, intenso estudo, e, principalmente um controle reflexivo permanente sobre seu corpo e sobre si tendo por parâmetro as balizes morais e cristãs. Tudo isto intimamente justificado pela visão de mundo da religião [...] Em outros termos, é através da gradual incorporação da cosmovisão religiosa que a conduta e *ethos* espíritas ganham sentido para a busca do progresso e perfeição espiritual. O sujeito segue, por conseguinte, em um *jogo de identidades*. A dinâmica das identidades é passível de maior visibilidade no cotidiano das instituições, que procuram envolver o mais completamente possível os participantes em suas atividades, nas quais os sujeitos incorporam tarefas e papéis, fornecendo-lhes, ao seu turno, contornos próprios.

É nesse sentido que as narrativas, aos poucos, vão desenhando os traços de identidade da instituição espírita, o estilo do entrevistado, as formas de conduta, o

comportamento, a trajetória dentro da religião e o conhecimento doutrinário dos seus membros. Evidentemente, não foram resultantes, apenas, das entrevistas/questionários, mas também fruto dos momentos de permanência e de interação com os centros e as pessoas que deles fazem parte.

Assim, as narrativas integrantes deste bloco apresentam, quase que na totalidade, um certo amadurecimento, apesar da heterogeneidade de caráter pessoal, como o tempo de adesão ao Espiritismo, que varia entre 3 e 60 anos (tabela 3.2.01); tempo de trabalho na instituição, variando entre 6 e 37 anos (tabela 3.2.02); função que desempenha na casa espírita, na sua maioria a de presidente, segundo mostra a tabela 3.2.03 (Apêndice I). A dinâmica da identidade se desenvolve no âmbito do seu domínio, a realidade a que está imposta. Razão pela qual, muitas vezes, as condutas se distanciam umas das outras, quer na forma de pensar, quer na de agir.

Relacionado à pergunta: “Como ocorreu o movimento de assistente de reunião pública para o de trabalhador da casa?”, esse questionamento contempla o pensamento de Lewgoy (2000), pela relação que ele estabelece entre o Espiritismo e as letras, na tentativa de descobrir como uma instituição espírita é conduzida.

Nesse sentido, Arribas (2008) também fala da importância da formação de grupos como referencial para conhecer o perfil de uma casa espírita, seus trabalhadores e frequentadores, levando em conta o respeito às limitações do conhecimento e o domínio da doutrina como prioridade, conforme sugere Lewgoy (2000).

Outras perguntas foram feitas, como: “Que autores o entrevistado gostava de ler?” “De que grupo de estudo o informante fez parte?” “Como o entrevistado coordena o grupo sob a sua responsabilidade?”.

Retomando a pergunta inicial: “Como ocorreu o movimento de assistente de reunião pública para o de trabalhador da casa?”, aqui o assistente reflete o perfil de uma casa, mediante o zelo e o cuidado em relação ao seu público e revela a maturidade no contexto da relação espírita-Espiritismo-conhecimento-vivência. Acerca dessa proposição, os entrevistados indiretamente responderam:

Eu já frequentava o Centro Batuira, mas frequentava também o Aute de Souza; é aquela coisa de simpatia, não gostei do Núcleo Espírita Aute de Souza, um Centro grande, muita gente. Então, minha esposa me disse “tem o Batuira que eu já fui convidada pra ir lá, vamos lá. Então, nós viemos e começamos a assistir as reuniões e fomos fazendo amizades com as pessoas, com os dirigentes da casa. Fiz uma amizade muito grande com o coordenador de expansão doutrinária que ficou doente, aí me pediu para substituí-lo durante 1 mês, enquanto ele ia fazer um tratamento. Ele não voltou, desencarnou. Tornei-me então trabalhador do Batuira. Nas outras

instituições eu era frequentador. Então o Centro que eu fiquei e me tornei trabalhador foi justamente o Grupo Espírita Batuira (Cf. Pergunta 6, Entrevistado n. 6, em Apêndice F).

A narrativa do entrevistado n. 6 vislumbra um perfil de frequentador, e, logo, trabalhador de casa espírita, não identificado pelo pesquisador. Seu perfil denuncia subjetividade quando o entrevistado se refere à escolha da instituição com base na simpatia. Essa postura denota o grau de consciência da doutrina – consequência do estudo doutrinário –, mais comum em iniciantes. Prosseguindo na sua resposta, o entrevistado relata como ele chegou ao trabalho que desempenha há 27 anos (Apêndice G). Hoje, o informante demonstra, pela sua fala, ser um letrado dentro do conhecimento espírita, de acordo com o que pensa Lewgoy (2004).

Já o entrevistado n. 15 assim responde à mesma pergunta:

Desde os 12 que faço tratamento espiritual, mas sem assumir compromisso com o espiritismo. A partir dos 26 anos meus problemas de saúde se agravaram e eu busquei um apoio no HEMCM⁸⁹. Após 1 ano de tratamento, fui convidada para fazer cursos e trabalhar na Instituição (Cf. Pergunta 6, Entrevistado n. 15, em Apêndice F).

Nessa narrativa, observa-se um movimento tanto em nível pessoal quanto dentro da própria instituição, que revela o modelo ali exercido. Nesta casa, como se pode verificar através da resposta do entrevistado, existe todo um processo até chegar a ser um cooperador, o que implica o domínio do conhecimento da doutrina.

Desequilibrado, doente, dor, dúvidas, incertezas, fobias, inseguranças me levaram a buscar a cura, a solução para esses problemas ou alguns desses problemas. Nesse estado de desequilíbrio intenso fui levado ao Grupo da Fraternidade Guillon Domenico, onde fui atendido e após tomar um passe de cabine (transmissão fluídica realizada com a participação do médium e dos espíritos), fiquei completamente curado. Após 3 anos de trabalho naquela Casa, eu e um pequeno grupo de amigos resolvemos fundar o Grupo Espírita Seara de Deus (Cf. Pergunta 6, Entrevistado n. 17, em Apêndice F).

Como se vê, os modelos são bem diversificados. Se, por um lado, alguns trabalhadores seguiram etapas até chegar ao trabalho, outros foram colocados de forma espontânea na função que desempenham, como diz o entrevistado n.17, ou por imposição de situações imprevistas, como sucedeu com o entrevistado n.6.

Iniciei primeiro em uma instituição de Umbanda que chamam de mesa branca, depois percebi que queria mais, e então conheci a Casa dos Humildes em Casa Forte, onde fui frequentadora e trabalhadora assídua durante mais ou menos 10 anos. Ao me mudar para a Imbiribeira, a fim de conciliar melhor trabalho, família e o centro, eu passei a participar do centro

⁸⁹ Hospital Espiritual Maria Cláudia Martins, localizado em Prazeres, município de Jaboatão dos Guararapes.

atual, onde me engajei nos trabalhos da casa, fui responsável pelo setor de divulgação da doutrina e hoje estou como responsável pelo departamento mediúnico da casa (Cf. Pergunta 6, Entrevistado n. 13, em Apêndice F).

Embora a narrativa do entrevistado n.13 se afaste um pouco da busca do sentido que o pesquisador esperava captar, ela contribui trazendo uma experiência pessoal adquirida em duas instituições.

A narrativa subsequente não apresenta um sentido relevante de acordo com a fala do entrevistado. Revela apenas uma preocupação consigo mesmo, com o seu movimento pessoal se distanciando, um tanto, do propósito desta pesquisa:

Devido a fenômenos mediúnicos ocorrendo em minha residência, procurei uma casa espírita e fiz todos os tratamentos espirituais recomendados pela casa e, posteriormente, cursos de educação mediúnica bem como trabalhos voluntários na casa (Cf. Pergunta 6, Entrevistado n. 14, em Apêndice F).

Prosseguindo com as perguntas: “Você se considera um verdadeiro e ideal espírita?” (Cf. Pergunta 9, em Apêndice F) e “Que curiosidade você tem com relação a esse campo de conhecimento (Espiritismo)?” (Cf. Pergunta 13, em Apêndice F), que fazem parte do bloco de fatores responsáveis pelo grau de satisfação, auto ou baixaestima, fatores psicológicos, curiosidade com relação aos porquês e ao sentido da vida, os entrevistados forneceram algumas informações. Relativo à primeira questão, que trabalha a autocrítica, a autoestima e a compreensão de religiosidade em vivência diária, as narrativas informam:

Considero-me espírita, acho que isso é o bastante. O ideal a gente está perseguindo sempre (Cf. Pergunta 9, Entrevistado n. 1, em Apêndice F).

Não, eu tenho muitas falhas, eu tenho muitos erros, eu tenho muitos vícios trazidos do passado, do passado delituoso. Eu tenho todo dia que brigar com eles para que eles não dificultem a minha caminhada, então eu acho que não. Eu estou longe de ser um verdadeiro espírita. Sou uma pessoa que todo dia procura ler o Evangelho, tenho que ler o Evangelho, se não eu me esqueço que tenho que perdoar, tenho que fazer aos outros aquilo que eu gostaria que os outros me fizessem; lendo todo dia que é pra fixar, porque se não, eu vou me pegar, no dia a dia, tratando um cliente como eu não gostaria que ele me tratasse, às vezes até perdendo as estribeiras porque o cliente disse ou alguém disse alguma coisa que não está correto mas eu teria que ter uma outra postura, mas eu perco a paciência. Eu estou muito longe, muito longe mesmo (Cf. Pergunta 9, Entrevistado n. 6, em Apêndice F).

Considero-me verdadeiro espírita. Se verdadeiro estiver como sinônimo de ideal, aí não, é não, agora se me considero espírita? Sim. Ideal, não. Eu tenho lentamente conseguido alguns avanços, mas estou muito longe do ideal. Aprendi no centro espírita uma frase muito interessante: Se você não está preparado pra ser leproso não vá ao leprosário abraçar leprosos, para aparecer abraçando. Se você não ‘tiver’ preparado para ser leproso não

invente de abraçar, para aparecer abraçando (Cf. Pergunta 9, Entrevistado n. 8, em Apêndice F).

Sinceramente, não! Tento praticar diariamente os ensinamentos de Jesus, mas confesso que, às vezes, a fraqueza espiritual é grande e me deixo arrastar por pensamentos e atitudes contrários ao ideal cristão. Contudo, uma vez identificado o erro, procuro a serenidade e o reequilíbrio através da prece (Cf. Pergunta 9, Entrevistado n. 15, em Apêndice F).

As respostas referentes à primeira pergunta mostram algo em comum – a consciência com relação ao estágio em que cada um se encontra e as possibilidades de crescimento e de progresso que serão conseguidos através do tempo de que cada indivíduo dispõe.

Aprendemos que se conhece o verdadeiro espírita pelo esforço que ele empreende em domar as suas más inclinações; aquele que procura se transformar num homem de bem. João Nunes Maia, em mensagem ditada em Belo Horizonte ao médium Cláudio Lenine, afirma que Espiritismo que não renova o homem não é o Espiritismo que Jesus enviou para restauração de seus princípios. Observando-se o conteúdo dessas explicações, mesmo não sendo ainda um espírita perfeito ou ideal, nós nos consideramos um verdadeiro espírita, sim, porque temos procurado nos melhorar, nos reformar, nos transformar, procurando atingir o patamar de um homem de bem, num esforço constante em ser melhor do que fomos ontem (Cf. Pergunta 9, Entrevistado n. 17, em Apêndice F).

A fala desse entrevistado lembra preceitos espíritas e personagens do universo espírita, como João Nunes Maia e o médium Cláudio Lenine, o que denota certo domínio da leitura espírita. O seu discurso evidencia a experiência vivida.

Através da pergunta: “Que curiosidade você tem com relação a esse campo de conhecimento (Espiritismo)?”, buscou-se compreender o dinamismo da inteligência ou do princípio inteligente. Em seguida, as respostas dos atores informantes:

Percorrer os locais, os muros da verdadeira história ao longo do tempo (Cf. Pergunta 13, Entrevistado n. 5, em Apêndice F).

A minha curiosidade é quando a nossa percepção for ampliada, que nós pudermos entrar em sintonia com essa espiritualidade com mais frequência, vamos passar a ver como uma coisa natural. Então a minha expectativa é essa, eu acredito que, nessa existência, isso não vai mais acontecer comigo. Então, quando o planeta terra tiver numa condição melhor fica mais fácil essa comunicação, vai ser melhor, vai ser mais bonito viver, por enquanto a gente está muito distante. Muitas vezes um amigo espiritual se aproxima da gente, não encontra nem um campo vibratório pra se aproximar (Cf. Pergunta 13, Entrevistado n. 7, em Apêndice F).

Eu não digo nem curiosidade e digo assim: eu acho que o misticismo interfere muito nisso. O misticismo. Porque nós somos um País onde existem muitos princípios religiosos. De madrugada, se tiver acordado liga a

televisão você vê lá, sessão de descarrego espiritual. Existe muito misticismo, religiões que não são espíritas aproveitam-se daquele veículo de comunicação, toma, pega carona naquele princípio, né. Então, eu não digo assim curiosidade, não é que tenha curiosidade. A gente observa que o lado religioso do Espiritismo no Brasil está crescendo muito, até mais que o lado científico, entendeu? Até mais que o lado científico. Porque o lado científico cresce até em outros países com princípios, com pessoas que são cientistas de outras religiões (Cf. Pergunta 13, Entrevistado n. 8, em Apêndice F).

Curiosidade nenhuma. Tenho muita sede de conhecimento, esclarecimento que só o estudo proporciona (Cf. Pergunta 13, Entrevistado n. 18, em Apêndice F).

A busca de conhecimento do público espírita fornece um panorama da expressão das individualidades. A pergunta: “Que curiosidade você tem com relação a esse campo de conhecimento? (Espiritismo)” gera uma profusão de respostas, pela riqueza das diversidades. As respostas partem desde a mais simples, como: “Entender cada vez mais o mundo espiritual e suas relações com o corporal” (Cf. Pergunta 13, Entrevistado n. 2, em Apêndice F), às mais complexas, como: “Assim como percorrer os locais, os muros da verdadeira história ao longo do tempo” (Cf. Pergunta 13, Entrevistado n. 5, em Apêndice F).

Como suporte à avaliação das variações de conduta em uma mesma doutrina, tem-se o bloco de perguntas:

- a) *“O que você diria das diferenças de conduta nos centros espíritas?”* (Cf. Pergunta 10, em Apêndice F);
- b) *“Que ‘motivos’ influenciam as práticas espíritas diferenciadas, considerando que a base doutrinária é a mesma?”* (Cf. Pergunta 11, em Apêndice F);
- c) *“Qual o modelo de casa espírita que você imagina”* (Cf. Pergunta 12, em Apêndice F), que contribuem para aclarar os motivos que levam às variações de conduta, dentro de uma mesma doutrina institucional. Abaixo, as narrativas que ponderam sobre os questionamentos mencionados, cujas respostas relativas à primeira pergunta incluem:

Um misto do achismo daqueles que não compreendem o pensamento espírita, somado ao peso da cultura católica no comportamento dos trabalhadores (Cf. Pergunta 10, Entrevistado n. 2, em Apêndice F).

Eu diria que existem várias causas que levam a essas diferenças: uma delas é fruto do grau de conhecimento e compreensão sobre o assunto; o grau de adiantamento moral que possuímos; os resquícios culturais de outras religiões etc. (Cf. Pergunta 10, Entrevistado n. 12, em Apêndice F)

As instituições são dirigidas por homens que ainda trazem no seu íntimo as experiências de outras Religiões desta ou das existências anteriores, e

querem aplicá-las na Casa Espírita (Cf. Pergunta 10, Entrevistado n. 16, em Apêndice F).

Quanto às diferenças de conduta das práticas doutrinárias, é observado que a causa das diferenças está diretamente ligada à falta de estudo da codificação e o não cumprimento das orientações da FEB e FEP⁹⁰ (Cf. Pergunta 10, Entrevistado n. 18, em Apêndice F).

Essas reflexões, contidas nas narrativas dos sujeitos da pesquisa, mostram como as convicções religiosas influenciam o indivíduo na trajetória e estilo de vida. Os entrevistados também discorrem sobre a falta de domínio dos ensinamentos da doutrina espírita. Nesse sentido, Durkheim (1987, p. 90) esclarece que “a sociedade não é simples soma de indivíduos, mas um sistema formado pela associação que representa uma realidade específica com seus caracteres próprios”.

Outro aspecto observado nas respostas dos entrevistados se relaciona à questão: “*Que motivos influenciam as práticas espíritas diferenciadas, considerando que a base doutrinária é a mesma?*” Observa-se, pelas narrativas, que todos os entrevistados se consideram uma pessoa responsável, que zela pela sua função. Demonstrem capacidade de readaptação às condições que lhes são impostas, verbalizadas nas expressões:

O primeiro motivo é a falta de conhecimento do Espiritismo. Depois vem o peso da cultura religiosa. Por isso o movimento espírita está distante do Espiritismo. [...] (Cf. Pergunta 11, Entrevistado n. 1, em Apêndice F).

Ações baseadas em achismos de quem não conhece essa base doutrinária, e a influência da cultura católica [...] (Cf. Pergunta 11, Entrevistado n. 3, em Apêndice F).

A base é a mesma, bem o disse, porém sabemos que cada casa espírita tem seu perfil e condições para executar as suas tarefas. Os motivos são vários, tais como: frequência, estudos, participação no movimento espírita, acompanhamento das novas propostas de evolução, nas pesquisas da ciência, interação entre as casas etc. (Cf. Pergunta 11, Entrevistado n. 5, em Apêndice F).

Se existem, penso que deve ser a falta de estudo dos seus dirigentes. Se não for a falta de estudos, o intuito de fazer proselitismo, de ter casa cheia etc. Isso é um assunto que fica difícil de comentar e pormenorizar, mas existe

⁹⁰ A Federação Espírita Pernambucana (FEP) é a entidade federativa estadual espírita de Pernambuco. Em plena Primeira Guerra Mundial, em 7 de março de 1915, por decisão da Assembleia Geral com as presenças de representantes dos Centros Espíritas Esperança e Luz, Humildade, Fé, Esperança e Caridade, Amor ao Progresso e Deus, Amor e Luz, foi decidido que o Centro Espírita Regeneração passaria a se denominar Federação Espírita Pernambucana, atuando como entidade mentora do movimento espírita no Estado de Pernambuco. Posteriormente, em 23 de fevereiro de 1923, a FEP aderiu à Federação Espírita Brasileira (FEB). No ano de 1908, sob a presidência de Manoel Arão de Oliveira Campos, foi fundado o seu órgão de divulgação, a revista A Verdade. Maiores informações (<http://federacaoespiritape.org/>).

uma regra que Kardec utilizou, que é infalível: ‘o consenso universal do ensino dos espíritos’ Quando alguma coisa precisa ser modificada, os espíritos revelarão, através de diversos médiuns, a diversos grupos espíritas diferentes, para que não haja a ocorrência dessas diferenças. Além do mais, temos as obras básicas da doutrina, as obras subsidiárias de Chico Xavier, de Divaldo Franco, de Raul Teixeira e outros ícones do Espiritismo que não deixam margem ao cometimento de equívocos [...] (Cf. Pergunta 11, Entrevistado n. 17, em Apêndice F).

[...] Falta de estudo da doutrina (implantação do Esde) e mais uma vez o não seguimento das orientações recebidas pela FEP e FEB (Cf. Pergunta 11, Entrevistado n. 18, em Apêndice F).

Ainda que de forma concisa, os sujeitos da pesquisa passam informações em relação ao modelo de casa espírita que imaginam:

Uma escola, onde aprendemos a realidade da vida espiritual, suas relações com o mundo material e local, onde temos oportunidade de colocar em prática o amor (Cf. Pergunta 12, Entrevistado n.1, em Apêndice F).

Primeiro, a Casa espírita deve ser aquela que se conduza principalmente pela síntese que nos deixou Allan Kardec; segundo, que esteja calcada nos seus objetivos, porque o objetivo não só da Casa espírita, mas o objetivo de toda religião é tornar o homem melhor. Então, eu acho que, principalmente, o objetivo da Casa espírita deve ser esse: tornar o homem cada vez melhor, esclarecê-lo acerca da sua existência, do que está fazendo neste planeta, qual a sua missão. [...] (Cf. Pergunta 12, Entrevistado n.6, em Apêndice F).

Imagino uma casa espírita que, além dos trabalhos que já realizamos, possua cursos sobre espiritualidade nos moldes de uma instituição de ensino: básicos, de nível médio e superior. Cursos esses que permitam a formação de trabalhadores com um compromisso cada vez maior com os ideais espíritas (Cf. Pergunta 12, Entrevistado n.9, em Apêndice F).

Um modelo que seja uma escola voltada para a educação, promovendo o homem de bem (Cf. Pergunta 12, Entrevistado n.10, em Apêndice F).

Uma casa onde os trabalhadores se respeitam mutuamente, onde a sinceridade é a prática diária e os melindres, egoísmos e orgulhos são deixados de lado para o bem da causa espírita. A disciplina e o estudo são respeitados e praticados por todos, indistintamente (Cf. Pergunta 12, Entrevistado n.13, em Apêndice F).

Imagino uma casa espírita funcionando como um pronto socorro espiritual: aberta 24 horas por dia, realizando todos os trabalhos concomitantemente, inclusive exercendo o papel de um Centro Cultural onde todas as pessoas pudessem trocar ideias acerca de seus princípios até atingir a fase final da regeneração da Terra (Cf. Pergunta 12, Entrevistado n.17, em Apêndice F).

O item 3.3, a seguir, aborda as variações de conduta em situações concretas em instituições espíritas, resultantes das observações diretas, *in loco*, entrevistas e questionários relativos às práticas do passe, da desobessão e da assistência social, nos centros selecionados, para explicar as diferenças de ações que levam às variações de conduta em uma mesma doutrina institucional.

3.3 O Espiritismo e suas práticas diferenciadas

O Espiritismo foi desenvolvido em 3 (três) pilares de sustentação: Ciência, Filosofia e Religião, que levam o seu adepto à mudança íntima em consequência de uma transformação moral. A prática espírita encerra regras de bom procedimento, criando uma noção de cidadania, de respeito aos direitos mínimos do indivíduo e também da certeza de que o homem é o idealizador e construtor do próprio destino. As ações diferenciadas que vêm sendo desenvolvidas pelas instituições espíritas refletem o processo de posições tomadas, em decorrência de diferentes perspectivas e sujeitas a limitações.

O processo de tentar interpretar, compreender, para explicar os motivos das possíveis variações de condutas em uma mesma doutrina institucional, observadas em casas espíritas, teve como apoio teórico a sociologia compreensiva de Weber (1991), apontando para os aspectos da subjetividade, do sentido e do significado da ação.

Noutra vertente – a antropológica –, o apoio veio de trabalhos de campo de antropólogos como Giumbelli (1997; 2008), que estudou as diferenças partindo da realidade político-social e das concessões a que o Espiritismo se submeteu, no Brasil; Lewgoy (2000; 2004; 2006; 2008) interessado pelas diferenças a partir das letras, da transnacionalização e da representação da ciência e da religião no Espiritismo; e Stoll (1999; 2002), que estudou a construção da identidade espírita e apontou a mediunidade como um dos fatores de diferenças, no Brasil.

Em meio às concordâncias e discordâncias que levam a apontar as diferenças de conduta numa mesma doutrina institucional, está inserida, ainda, a contribuição cosmológica espírita, que teve como fonte de referência, além de Kardec – o codificador –, Léon Denis (seguidor imediato de Kardec); Francisco Xavier, Divaldo Pereira Franco, que apontam para a direção de condutas espíritas, com respaldo nas narrativas de entrevistados e observações diretas.

Todo esse alicerce serviu como instrumento teórico para a análise dos dados, um salto do campo empírico desta pesquisa para o científico.

As entrevistas foram substanciais para as conclusões do estudo, pois retratam a realidade atual do mundo espírita. Muitos são os questionamentos e posicionamentos dos atores-alvos da pesquisa. De um lado estão aqueles que vêm o Espiritismo atual com parcimônia, de outro os que pensam de modo diferente, sentem perturbações no exercício do Espiritismo, por isso sugerem melhoramentos na prática doutrinária como uma condição *sine qua non*, a partir de atitudes como projetos destinados à reflexão do cosmos espírita atual, como se posiciona o entrevistado, a seguir:

O melhoramento do Espiritismo, essa é a base, divergências de opinião essa coisa toda, o sistema de trabalho. Eu vejo o seguinte: pautamo-nos num líder e tudo se resume nisso, as pessoas se espelham pelo que o líder faz... nós não tivemos isso, tivemos várias opiniões regionais, mal entendidas de interpretações dos livros espíritas devido à condição de evolução de cada um, o que complicou (Cf. Entrevistado n.19a, em Apêndice L).

Segundo relato do entrevistado n.19, as pesquisas voltadas para o estudo da conduta dos espíritas conforme a doutrina resultarão numa melhoria para o Espiritismo, identificando as variações, as diversidades de opiniões, a carência de um sistema de trabalho. A declaração aponta para uma necessidade de liderança de sistema que beneficie a estrutura da instituição espírita. A análise que o entrevistado faz mostra que, no Espiritismo, há uma colcha de retalhos com as suas correspondências regionais, quanto à variação das interpretações dos livros espíritas. Ele atribui tais variações à evolução espiritual de cada um, considerando como um fator complicador essa diferença de evolução.

[...] Kardec deixou as coisas perfeitas e as pessoas não acompanharam o processo de evolução ⁹¹ do planeta, há centros espíritas que ainda adotam o sistema umbandista, não pelo espiritismo, mas do entendimento que dele se faz (Entrevistado n. 19b, em Apêndice L).

⁹¹ Stoll (1999; 2002) em seus estudos sobre a identidade espírita ajuda a compreender as diferenças. “Toda reinterpretação é sempre um ato criativo [...] Tratar a experiência do confronto cultural, mais especificamente a diversidade de respostas locais ao sistema mundial dessa perspectiva, fornece uma pista para se pensar as especificidades assumidas pelo Espiritismo no Brasil”. O transe, possessão e mediunidade são referências nos estudos antropológicos como denominador comum da religiosidade brasileira. Cândido Procópio Camargo (1961) foi o primeiro a pensar essa experiência em termos de um continuum, em que o Espiritismo representa uma estrutura de ‘mediação’ entre tradições religiosas de origem afro. Diz ele: “Pode-se perceber uma curva de modificações (nas práticas dos terreiros), que permite ordenar os vários tipos em sequências significativas – o continuum. O princípio teórico que preside a organização desse ‘gradiente’ é a doutrina espírita: tanto mais ‘afro’ será considerado o ‘terreiro’ de umbanda, quanto mais distante do centro de continuum. Por sua vez, quanto mais próximo do kardecismo, diminui a riqueza ritualística e a ênfase em práticas mágicas, em virtude de uma “maior ênfase na interiorização da experiência religiosa, no aprendizado doutrinário e na vida moral” (CAMARGO, 1961).

O relato do entrevistado n.19 remete à teoria de Stoll (2002), ou seja, a resistência à cultura, com algumas práticas religiosas resistentes ao novo, hábitos culturais que resistem às mudanças sugeridas por uma nova religião.

Em seu relato o entrevistado n.19, comenta que a ausência de entendimento do paradigma do Espiritismo organizado por Kardec, através do estudo aprofundado dos seus princípios, favoreceu a conservação da prática umbandista, em alguns centros.

O modelo kardecista (organizado por Allan Kardec, apresentando os princípios básicos do Espiritismo: crença em Deus, progressão do espírito, sobrevivência da alma, pluralidade dos mundos habitados, entre outros) é a conduta desejada por todos os praticantes espíritas. As variações de conduta, presentes nos centros, vão encontrar explicação na teoria compreensiva de Weber (1991), quando se refere ao sentido da ação. Um tema já abordado nos itens iniciais.

A Sociologia weberiana remete às duas etapas do pensamento desse sociólogo: a primeira, relativa à *interpretação do sentido da ação*, com base na fala do participante, e a segunda – a *causalidade* –, pela forma e procedimento para explicar a realidade das variações a que o entrevistado se refere. O sentido da ação, segundo o entrevistado, sugere um afastamento do foco principal da doutrina, que é o estudo doutrinário organizado. A partir do sentido da ação, é possível chegar à causalidade responsável pelo produto visível, como consta do fragmento “[...] há centros espíritas que ainda adotam o sistema umbandista [...]”, como se vê na crítica do entrevistado. Para tanto, não se pode esquecer o que Weber (1991, p. 8) afirmou quanto à interpretação da causalidade:

Uma interpretação causal correta de uma ação concreta significa: que o desenrolar externo e o motivo são conhecidos de maneira exata e, ao mesmo tempo, compreensível quanto ao sentido em seu nexos [...].

Por certo, no entender do entrevistado 19 “[...] há centros espíritas que ainda adotam o sistema umbandista, **não pelo Espiritismo, mas pelo entendimento que dele se faz [...]**” (Cf. Entrevistado n. 19b, em Apêndice L), os termos negritos têm como propósito trazer à tona pressupostos teóricos de Lewgoy (2004), que tratam da importância das letras no Espiritismo. Assim, “O Espiritismo Kardecista é uma religião que confere fundamental importância ao estudo de uma literatura própria, entendida como complemento de uma revelação religiosa [...]”, segundo Lewgoy (2004, p. 270), no seu artigo *Etnografia da leitura num grupo de estudos*. Na verdade, na doutrina espírita, o fato de se estudar mais ou menos vai fazer diferença na conduta das práticas. À medida que o indivíduo estuda, vai se apropriando do conhecimento da doutrina de Kardec e dos autores considerados

continuadores do Espiritismo, como Léon Denis, Chico Xavier, Ivone Pereira, Divaldo Franco, entre outros.

A falta da leitura, de estudos aprofundados, traz como efeito um sincretismo, seja com relação ao Catolicismo, à religião de origem afro, indígena ou de qualquer outra forma religiosa de natureza cultural. Este fato, aliado a outros fatores, repercute decisivamente na forma de interpretação de um líder, que passa a disseminar formas variadas de conduta espírita numa mesma doutrina institucional. A seguir, algumas situações concretas percebidas através de observações diretas, relatadas nas entrevistas e questionários, nas casas espíritas estudadas:

- Em uma instituição você não toma passe, mas é avisado que o passe é oferecido coletivamente, de forma invisível. Apenas nos casos de um mal-estar é que você irá usufruir do passe individual.
- Há casas espíritas onde todos tomam o passe, tanto os visitantes, os frequentadores, como os próprios trabalhadores, porque é compreendido que se trata de benefícios de saúde e de bem-estar, tanto para quem aplica como para quem toma o passe.
- Encontramos uma casa espírita cujo presidente afirma que, em duas aulas, prepara um médium para tarefas como a do passe e outras.
- Outras casas existem em que o passe é um estudo permanente.

Nesse sentido, para que tais variações não se estabeleçam como rotina na prática espírita, é bom lembrar o que orienta Lewgoy (2006, p. 183) sobre a necessidade do estudo, pois sem ele “[...] não há como explorar as possibilidades mais valorizadas de participação sem absorver certo cultivo literário de si, materializado nos hábitos de leitura e de estudo em grupo de obras espíritas”.

A observação que se segue lembra que cada um está colocado no seu padrão evolutivo: “De repente, os espíritas acharam que estavam na terra em missão de dirigentes de centros, aí complicou, colocaram as ideias deles, não as do Espiritismo [...]” (Cf. Entrevistado n. 19c, em Apêndice L). Segundo o entrevistado, os espíritas esqueceram que ali estavam apenas representando a doutrina espírita, cabendo-lhes apenas conhecer o conteúdo da doutrina e colocá-la em ação, em lugar de se posicionar como donos da ideia, individualmente. Essa individualidade vem reforçar o princípio sociológico de Weber (1991), que analisa os fatos sociais a partir do indivíduo e do sentido que esse indivíduo dá à ação, na busca de compreender um comportamento coletivo. Nesse viés, é possível chegar ao “motivo”

gerador da conduta, a partir do comportamento do indivíduo, no instante da ação, pois somente através do pensar e do agir da pessoa é que se pode fazer uma associação entre os “motivos” e, conseqüentemente, os efeitos que eles produzem. A compreensão a que se chega, decorrente da teoria weberiana, permite entender cada uma das ações individuais desses trabalhadores espíritas.

Para Stoll (2002), que estudou as diferenças na atividade mediúnica, religião, ciência ou autoajuda, em três personagens do universo espírita – Chico Xavier, Waldo Vieira e Gaspareto –, a variação de conduta foi causada tanto pela conservação da religiosidade, como pela predominância do catolicismo e pela conservação do modelo católico, como bem expõe o entrevistado n.19, neste comentário: “[...] Os novos médiuns que foram chegando foram-se adaptando ao sistema religioso, esse não foi um sistema forte no Espiritismo, espelhou-se muito no Catolicismo” (Cf. Entrevistado n. 19e, em Apêndice L).

O entrevistado expressa uma preocupação com a falta de liderança de sistema e de estrutura para guiar o seguidor espírita, imbuído na essência da doutrina kardecista; em outra instância, o modelo científico seguido por Waldo Vieira (um médium que trabalhava com Chico Xavier, em especial, na psicografia de André Luiz) e o da autoajuda do cuidado com “si” (com a essência do ser), respectivamente.

Os dirigentes de casas espíritas acabaram adotando seus próprios pensamentos e não o que preconizava o estudo da doutrina, e os novos médiuns seguiram a mesma trilha, ou seja, o religioso e não o científico de Kardec, como faz menção o entrevistado:

O problema doutrinário hoje é esse. Quando se fala de célula tronco, genoma, o Catolicismo não explica, quando se observa reações climáticas que são pontos de vista científicos dos espíritos que estão do outro lado, nós não poderíamos defender uma tese religiosa e o Espiritismo faz o quê? (Cf. Entrevistado n.19f, em Apêndice L).

No momento da explicação científica, para aclarar os fatos e acontecimentos visíveis da atualidade, faltou ao espírita – conforme a proposta de Kardec –, o foco na ciência, na filosofia e na religião. Esse deslocamento do foco principal da doutrina favoreceu as variações de conduta, hoje observadas claramente na prática espírita. Tais circunstâncias não estão presentes apenas na narrativa de um só entrevistado, mas em muitas outras, e sobretudo nas observações diretas da pesquisadora, acerca de uma problemática que despertou o interesse, em diversas casas espíritas:

- um companheiro de doutrina encontrou o outro nos corredores de uma instituição que ambos trabalhavam, abraçaram-se e, num gesto perceptível de

alegria esfuziante, felicitaram-se mutuamente, congratularam-se, porque se sentiam felizardos como participantes do convívio ativo daquela casa espírita;

- ao contrário de uma outra casa, onde o trabalhador ativo e, ainda, membro da diretoria da instituição, assim se expressou: “Saía da minha casa bem, junto à minha mulher e meus filhos; quando voltava, voltava sempre muito irritado, perturbado mesmo, com raiva de todos. Brigando inclusive com a minha mulher. Esse não é o centro que se espera frequentar. Saio doente de lá. Esse não é o centro para se frequentar [...]”.

Essas, entre outras questões, serviram de motivação para buscar respostas lógicas e racionais quanto ao tema estudado e para identificar o grau de desempenho e comprometimento das casas espíritas. Na primeira situação observada, encontramos uma dinâmica de propostas de grupos de estudos numerosos, dedicados, estimulados e incentivados pela direção da casa e do mentor, abertos às propostas relativas à formação de novos grupos de estudo, desde que baseados nos autores recomendados pela doutrina espírita. Naquela casa, dois andares eram destinados a grupos de estudos permanentes, em turnos contínuos, todos os dias da semana, observando a disponibilidade do interessado. Já no segundo caso, os estudos se limitavam às reuniões públicas, realizadas apenas duas vezes por semana.

Verifica-se, assim, que as concepções teóricas de antropólogos e sociólogos, referendadas no percurso desta pesquisa, ainda que não estejam relacionadas diretamente com os casos específicos, abordam, nas conclusões de suas pesquisas de campo, pressupostos que fornecem dados para análise neste estudo, que acabam levando às diferenças de conduta. Diferenças sem dúvida grandes: por um lado, aquele que se debruçou na questão das diferenças a partir das letras; por outro, o que busca as diferenças no aspecto histórico e cultural da transnacionalização e, ainda, aquele que trabalhou no campo da mediunidade.

Na verdade, as observações dos teóricos que embasam esta pesquisa estão em consonância com as entrevistas e as observações diretas de campo. Vale mencionar, por exemplo, a importância do depoimento do entrevistado n.19, quando ressalta a necessidade de uma liderança respaldada no conhecimento da doutrina espírita, esquecido do personalismo e da postura em que prevalece o ego, mas enfocando a estrutura e o sistema na instituição.

Percebe-se a importância do trabalho de Lewgoy (2000), com relação à ênfase ao estudo da doutrina, e de Stoll (1999; 2002), quanto ao valor da cultura, da história e das concessões feitas para assegurar a permanência do Espiritismo no Brasil.

Retomando as variações de conduta em centros espíritas relativas às práticas, pode-se constatar como ocorre o tratamento da desobsessão:

- casas existem em que o trabalho de desobsessão é feito na presença do paciente. Os quadros de dor e de revolta expressos pelo espírito sofredor ou obsessor (conforme o grupo o denomine), que o doutrinador vai tentar diluir, conscientizando aqueles sentimentos grosseiros e intoxicantes tidos como destruidores, visando aliviar a vítima de ontem, hoje algoz; são trabalhados pelo esclarecedor ou doutrinador, conforme o nome que a casa adote, diante de todos que ali se encontrem.
- Em relação a esse tipo de modelo, trata-se de uma terapia mais antiga, sustentada na culpa da vítima de hoje, que é o algoz de ontem, muito embora traga resultados positivos; em alguns casos, a terapia é extremamente dolorosa, inadequada, fazendo com que o atendido tenha necessidade de suporte psicológico, moral, para amenizar essa “culpa”;
- outras casas existem em que o paciente obrigatoriamente nem sabe que está ocorrendo um processo de desobsessão dirigido a ele. Porém, é beneficiado pela intervenção de um familiar próximo, quase sempre a mãe.

Esses modelos, entre outros, representam, por si sós, uma diversidade de ações que levam a condutas espíritas diferenciadas quanto ao exercício das atividades de desobsessão. Essas diferenças denunciam o grau de estudo dos grupos, bem como a sua forma de estudar, de compreender a doutrina que, muitas vezes, se distancia do diálogo, da reflexão, da interação com os participantes das equipes, apesar de haver troca de experiências.

Novamente, aponta-se aqui para os estudos de Lewgoy (2004), ao defender, em sua tese de doutorado, o Espiritismo como uma religião das letras e dos grupos de estudo. Nessa mesma direção, já dizia Kardec (2004), no século XIX, que “[...] a doutrina espírita é uma doutrina de pequenos grupos de estudos, na qual o conhecimento deve ser refletido e aprofundado”.

Ainda neste contexto, Léon Denis (2005), no capítulo *Potências da alma*, faz essa mesma ponderação, quando estuda o problema do ser, do destino e da dor. Acrescentem-se aqui, como fundamentação teórica, as concepções do pensamento weberiano acerca dos tipos de *ação social* que se traduzem em “[...] a ação racional com relação a um objetivo [...] é

definida pelo fato de que o ator concebe claramente seu objetivo e combina os meios disponíveis para atingí-lo” (WEBER, *apud* ARON, 2000, p. 448).

Tal afirmativa faz crer que o espírita consciente da doutrina, ou seja, o trabalhador espírita, quer atingir o aperfeiçoamento, cultivado a cada dia. Então, ele se esforça no desempenho das suas atividades, dirigidas para aquele objetivo. Todo trabalho do líder de uma casa é focado no fazer melhor, em relação aos cooperadores, alunos e frequentadores do centro. Compreende-se, com base no pressuposto weberiano, que se está diante de uma *ação racional*, referente a um objetivo, como foi o do “[...] engenheiro que constrói uma ponte, do especulador que se esforça por ganhar dinheiro, do general que quer ganhar uma batalha [...]” (*Ibid.*).

O segundo modelo se refere aos pacientes que, na maioria das vezes, desconhecem ser alvo de um processo de desobsessão, o mais usual em casa espírita, e preserva tanto aquele que está buscando ajuda como o que precisa ser despertado para a realidade – o espírito sofredor ou obsessivo –, conforme denominação do centro espírita. Esse individualismo, mencionado na teoria weberiana, explica o posicionamento do Espiritismo, que trabalha sempre a partir do indivíduo, ou seja, do processo de autoconhecimento, da individuação, até as práticas que vão da essência do ser às práticas concretas, como passe, desobsessão, assistência social etc. As diversidades de ação são reflexos do sentido dado à interpretação do que foi apreendido pelo ator em exercício.

Em relação à prática concreta da assistência social, cujo modelo tem como lema a caridade cristã, constante do Novo Testamento, e retirada, por Kardec, para a composição do livro *O evangelho segundo o espiritismo*, toma como base a dignidade do ser. Isso, no espiritismo, aponta para o conhecimento da realidade do espírito, ou seja, o despertar da consciência, aliada aos benefícios materiais. Conforme a necessidade da sociedade em que a instituição está localizada, notou-se que:

- existiam casas em que a assistência social era uma alternativa terapêutica nos processos de dor e sofrimento;
- em casas, o serviço de assistência social era feito mediante a entrega de uma cesta básica de alimentos, enxoval do bebê, orientação à gestante, serviço ambulatorial;
- havia casas em que a função do serviço de assistência social começava com as perguntas: Qual é o seu desejo? Qual é o seu sonho?;

- havia casas orientadas para a prestação do serviço de assistência social condicionada à presença do assistido aos grupos de estudos e reunião pública;
- existiam casas que rejeitavam a conduta de associar o serviço de assistência social à condição de participação das reuniões públicas, sob a justificativa de que essa atividade não deveria ser mercantilizada.

Segundo o entrevistado n.19: “[...] a casa espírita deixou de ser religiosa, tornou-se filantrópica [...] o pensamento é dar sopa, pão, roupa. O pensamento de Kardec era científico, não assistencial” (Cf. Entrevistado n.19h-i, em Apêndice L). O sentido da fala do entrevistado n.19 lembra Stoll (2002, p. 179), quanto ao significado da prática mediúnica, como caridade. O autor explica que, “pautada no princípio cristão da caridade, a prática mediúnica é entendida pelos espíritas como *missão*, ou seja, como exercício de doação pessoal”. Qualquer doação, seja de ordem material ou não, mas que implique a doação pessoal, é compreendida como caridade. Cabe então entender que a assistência social na casa espírita não deve ser confundida com a simples prática de doar sopa, pão e roupa. Esse serviço deve agregar o valor espiritual ao da caridade, visar a honra e a dignidade do ser e valorizar o lado terapêutico do praticante e o bem-estar do receptor.

O Espiritismo, para Lewgoy (2008, p. 257), é um sistema formalmente igualitário, no qual está implícita uma estruturação hierárquica. Havia uma “hierarquia de potencial”, que “[...] funcionava como um critério de diferenciação interna entre os espíritas [...]” e a “antiguidade na doutrina”, também “[...] usada pelos informantes como uma espécie de classificação hierárquica complementar”. O entrevistado n.19 via-se em um meio desigual, que conferia privilégios a alguns, em detrimento do restante.

[...] se a gente começava a perceber ali: que existia privilégio de um e de outros não, aqueles que tinham mais recursos eram benquistos, eram bem tratados e os que nem recursos possuíam então não existia direito de igualdade ali [...](Cf. Entrevistado n.19s, em Apêndice L).

Lewgoy (2004, p.14) complementa:

[...] as posições hierárquicas no Espiritismo sobrepõem a liderança carismática (implícita na hierarquia de potencial entre os médiuns) e a liderança burocrática (em que o que importa é a responsabilidade funcional do cargo), resultante da tensão entre a valorização diferencial dos médiuns e a ênfase igualitária da organização [...].

O entrevistado n.19 afirma que não há qualquer forma de organização nos diversos níveis estruturais espíritas: “[...] não temos organização administrativa nem federativa, nem temos organização dos centros que são aliados à Comissão Estadual do Espiritismo, nem à Federação Espírita” (Cf. Pergunta 10, Entrevistado n. 19, em Apêndice F).

Esse meio conflituoso surgiu na última década do século XIX, quando “[...] os líderes da FEB denunciaram a existência de ‘inimigos ocultos dentro do meio espírita’ e proclamam um Espiritismo em seu verdadeiro caráter” (GIUMBELLI, 2003, p. 261).

Para o entrevistado n.19, os grupos espíritas não acompanharam as transformações do mundo. Ele afirma: “[...] Kardec deixou as coisas perfeitas e as pessoas não acompanharam a evolução do planeta [...] não tínhamos mais explicação para as reações científicas e o avanço tecnológico da humanidade”. O mesmo entrevistado explica seus anseios científicos, quando diz que pretende “[...] adentrar no campo da associação de células cancerígenas com eletromagnetismo...” e questiona “[...] Por que os portadores de câncer têm o mesmo eletromagnetismo do paciente que tem hipnose e obsessão [...]” (Cf. Entrevistado n.19A36, em Apêndice L), com a afirmação de que: “[...] o Espiritismo futuro vai fazer o que pregou Allan Kardec, se associar à ciência [...]” (Cf. Entrevistado n.19A38, em Apêndice L).

O entrevistado fez uma previsão do que na verdade “foi” a intenção primordial de Allan Kardec. Quando questionado se o Espiritismo era religião ou ciência, Kardec respondeu: “ciência, filosofia e religião”. Recentemente, Lewgoy (2006) enfatizou que tanto a ciência como a religião fazem parte das categorias culturais atuais, que dão origem a problemas que o Espiritismo vem se esforçando para entender, a partir da composição dessa relação – ciência e religião.

Percebe-se que houve uma “[...] resistência à renovação de certas práticas e ideias doutrinárias. Especialmente quando envolvem revisão de ordem ética” (STOLL, 2005, p.179).

Na verdade, conforme o contexto social, as práticas religiosas recebem significados diversos, como explicam Weber (2009) e Stoll (2002), entre outros. Assim, do que foi observado pelo pesquisador e na visão dos entrevistados, verifica-se que cada casa espírita tem a sua forma específica de conduzir os trabalhos, a depender da direção. Isso leva a compreender que as atividades desenvolvidas nos centros espíritas diferem de casa para casa, conforme a sua liderança, refletindo o jeito pessoal, a expressão do ser subjetivo e individual.

Finalmente, o enquadramento das questões em blocos de categoria serviu como instrumento facilitador à compreensão da ação dos sujeitos entrevistados. E, a partir da interpretação do sentido que lhes foi atribuído, também facilitou a análise dos dados

coletados. Assim, deduz-se que diferença da conduta espírita está ligada ao **jeito de ser pessoal** e ao **conhecimento acumulado da doutrina**. Este último identificado, na visão dos entrevistados, ao serem questionados sobre: “*O que você diria das diferenças de conduta nos centros espíritas?*” (Cf. Pergunta n.10, em Apêndice F); “*Que ‘motivos’ influenciam as práticas espíritas diferenciadas, considerando que a base doutrinária é a mesma?*” (Cf. Pergunta n.11, em Apêndice F) e “*Qual o modelo de casa espírita que você imagina?*” (Cf. Pergunta 12, em Apêndice F). De que resultaram as falas:

Um misto do **achismo** daqueles que não compreendem o pensamento espírita, somado ao **peso da cultura católica** no comportamento dos trabalhadores (Cf. Pergunta 10, Entrevistado n.2, em Apêndice F).

Eu diria que existem várias causas que levam a essas diferenças: uma delas é fruto do **grau de conhecimento e compreensão sobre o assunto**; o grau de adiantamento moral que possuímos; os resquícios culturais de outras religiões etc. (Cf. Pergunta 10, Entrevistado n.12, em Apêndice F).

As instituições são dirigidas por homens que ainda trazem no seu íntimo as **experiências de outras Religiões** desta ou das existências anteriores, e querem aplicá-las na Casa Espírita (Cf. Pergunta 10, Entrevistado n.16, em Apêndice F).

Quanto às diferenças de conduta das práticas doutrinárias, é observado que a causa das diferenças está diretamente ligada à **falta de estudo da codificação** e o não cumprimento das orientações da FEB e FEP (Cf. Pergunta, 10, Entrevistado n.18, em Apêndice F).

O conjunto de elementos abordados neste capítulo constituiu uma tentativa de compreender as formas variadas de conduta espírita numa mesma doutrina institucional, adotados em vários centros. A diversidade encontrada denuncia o nível de sintonia com os princípios doutrinários espíritas, ora se aproximando, ora se distanciando da doutrina organizada por Kardec e da função integradora do Espiritismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio proposto no trabalho foi analisar as diferenças de conduta na casa espírita e extrair subsídios para a compreensão do sentido da ação a partir da observação direta e relatos de líderes, complementando, assim, a pesquisa qualitativa. Participaram da pesquisa 19 líderes de setores - presidente da casa, responsável pelos grupos de estudos e responsável pelo setor mediúnico – de 10 centros espíritas das cidades do Recife, Jaboatão dos Guararapes, Olinda e Paulista, em Pernambuco.

As práticas adotadas nos centros estudados apresentam diferenças acentuadas, que destoam da característica integradora e dos princípios básicos da doutrina espírita, codificada por Allan Kardec, que preconizou a tolerância, associada à unidade doutrinária. Na doutrina espírita não há o menor espaço para ideias que não sejam convergentes e em uníssono com as do Codificador.

Contudo, o que se verificou é que alguns centros espíritas se transformaram em “ilhas” de isolamento, por falta de estudo sério, aprofundado, da doutrina, dando margem ao surgimento de inúmeras interpretações sobre os seus postulados, em detrimento da legitimidade doutrinária. Há aqueles que se dizem espíritas, mas não têm conhecimento do que significa realmente ser um espírita que segue os princípios básicos da doutrina kardecista.

A doutrina espírita sugere o compromisso dos praticantes com os seus postulados, a fim de alcançar o objetivo esperado: o progresso moral da humanidade, a partir do indivíduo. Assim, o distanciamento da simplicidade e fidedignidade aos princípios de Kardec, nos trabalhos espíritas, compromete a autenticidade da casa espírita, desorientando seus frequentadores e assistidos.

A ausência de preparo e os hábitos arraigados (atavismos) de muitos colaboradores nas casas espíritas fazem com que certas práticas se implantem e acabem mesmo divulgadas em palestras, livros e periódicos espíritas. Para modificar esse quadro, a via mais segura é a do esclarecimento, do estudo, do convencimento pela razão e pelo amor.

É possível perceber que determinadas exigências doutrinárias podem acarretar erros, que resultariam em divisões maiores, fugindo dos principais impositivos da doutrina espírita cristã: fraternidade, solidariedade e tolerância. A pureza doutrinária e a defesa dos princípios espíritas, com observância das normas evangélico-cristãs levam à igualdade de comportamento, com a devida consideração aos níveis diferenciados de evolução em que as pessoas estagiam.

A espiritualidade e Kardec ensinam que a revelação espírita é progressiva, desprovida de completude. É perceptível, em alguns centros espíritas, a carência de cuidados com relação à prática mediúnica e seus trabalhadores, ou seja, mediunidade com responsabilidade. É necessário e mesmo fundamental que os núcleos e grupos espíritas intensifiquem as reuniões de leitura, meditação e comentários racionais, condição *sine qua non* para chegar a conclusões seguras, pois é sabido que a prática mediúnica sem base cultural e moral acarreta consequências indesejáveis.

Ao longo do trabalho percorreu-se um caminho em busca da compreensão e interpretação dos dados, a fim de chegar a uma explicação plausível para as práticas diferenciadas em centros espíritas kardecistas.

A pesquisa de campo, *in loco*, nos centros espíritas, foi precedida por um embasamento teórico-metodológico de renomados autores da Sociologia da Religião, da Antropologia e da Pedagogia, fundamental para o respaldo científico do trabalho e para a conscientização da pesquisadora acerca da profundidade do tema, além da racionalização das etapas que seriam trabalhadas para alcançar os objetivos propostos. O conhecimento do referencial teórico-metodológico possibilitou a discussão do tema que a pesquisa se propôs desenvolver, no universo de princípios, categorias e conceitos, com coerência de ações.

A ausência de determinados autores, não obstante o valor de seus postulados, deve-se unicamente ao fato de se tratar de abordagens sob enfoques diferentes do propósito basilar desta pesquisa.

Para alcançar alguns resultados obtidos gradativamente, foi imprescindível considerar os fatos e fenômenos referentes ao momento histórico, social e cultural pelo qual estava passando a sociedade brasileira.

Um rico material sobre a realidade das práticas espíritas vivenciadas nos centros foi obtido através das entrevistas, questionários e diálogos com os trabalhadores espíritas. A análise destas informações abriu a cortina para desvendar fatores importantes que respondem pelas diferenças de conduta espírita nos centros estudados.

Buscou-se observar e descrever o comportamento dos praticantes espíritas em suas atividades, considerando as *intenções* e *motivações* subjetivas, responsáveis pela condução de determinadas ações nas instituições, e os *motivos* que causaram tais ações em grupos nas mesmas práticas.

As respostas às entrevistas e aos questionários, assim como os diálogos, permitem aquilatar a extrema importância da mediunidade e do mentor, no Espiritismo. Este é um ponto fundamental ressaltado por Allan Kardec, que trabalhou junto a “mentores da

humanidade” na construção da doutrina, até os dias atuais, através dos continuadores kardecistas, como Chico Xavier, Divaldo Franco, Ivone Pereira e outros.

Nas entrevistas com alguns presidentes de centros, como foi o caso do Centro Espírita Irmãos de Boa Vontade, do Hospital Espiritual Maria Cláudia Martins, Grupo de Apoio Mediúnico, ficou claramente evidente que existe um respeito mútuo entre médium e mentor no desenvolvimento e execução dos trabalhos, em graus diferenciados. Contudo, esta postura não é unanimidade, nas casas espíritas estudadas.

Ocorreu até mesmo o desconhecimento, por parte de alguns presidentes, acerca de quem era o mentor da casa sob sua direção. Outros, sabiam o nome do mentor, mas com ele não tinham uma maior proximidade. Nem permitiam que os trabalhos da casa fossem orientados pelo mentor.

Através do olhar weberiano, fica evidente que a questão não se dá apenas no âmbito institucional ou coletivo, mas, sim, em nível individual, o que foi confirmado pela repetição das respostas dos entrevistados. Embora tais respostas tenham sido, muitas vezes, divergentes, foram importantes, devido à repetição do seu conteúdo, o que levou à formação de uma tipologia.

Os entrevistados abordaram os pontos relevantes que, no seu entender, deveriam caracterizar a atuação de uma casa espírita: o estudo sistemático para o desenvolvimento do conhecimento científico da doutrina; a transmissão dos princípios da doutrina espírita, através de grupos de estudos e cursos permanentes; o exercício da assistência social em consonância com o verdadeiro sentido da caridade e não de filantropia; a prática mediúnica de acordo com os preceitos de Kardec; a ênfase nos valores morais dos trabalhadores espíritas, fundamentais na conscientização do que significa ser espírita.

Apontaram também alguns aspectos negativos: a questão dos “achismos”, ou seja, o predomínio “do que acha” o dirigente, em detrimento do que preceitua a doutrina; a influência de outras religiões, com ênfase na religião católica; a interferência de questões políticas internas, diferenças de tratamento e proselitismo, em centros espíritas.

Os aspectos analisados comprovam a importância das letras, dos grupos de estudos e da oralidade. Do mesmo modo, é importante o respeito aos fatores históricos da época, à transnacionalização e à adaptação do Espiritismo europeu à realidade brasileira no século XIX, através das concessões feitas à hegemonia religiosa católica, das dificuldades enfrentadas no âmbito psiquiátrico, das expressões religiosas de ordem mediúnica, bem como das influências religiosas indígenas e africanas.

Tudo isso contribuiu para a formação dessa originalidade do Espiritismo brasileiro e da diversidade de sua conduta. Hoje, já há um processo de exportação do “modelo espírita brasileiro”, um movimento de transnacionalização do Espiritismo do Brasil para o exterior, prosseguindo com a formação internacional de grupos, ou seja, células multiplicadoras.

Mais uma vez, vale ressaltar a necessidade de valorização do trabalho do mentor, um elo espiritual que pode garantir a fidelidade das práticas espíritas kardecistas nas instituições.

Deixamos a proposta de continuidade, em estudos posteriores no âmbito acadêmico, das buscas relativas ao *motivo* das condutas diversificadas nas casas espíritas, já que a doutrina adotada é a mesma.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. Tradução de Alfredo Bossi; revisão de Ivone Castilho Benedette. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALBUQUERQUE, Tiago Paz e. **A representação social de perfeição na memória das personalidades do Espiritismo**. Rio de Janeiro: UERJ, 2009. p. 10.
- ANTICLERICALISMO. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/anticlericalismo>>. Acesso em: 01/12/2009.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. Tradução de Mário Gama Kury. Brasília: UNB, 2001.
- ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira**. São Paulo: USP, 2008, 226f. (Dissertação) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, USP São Paulo, 2008.
- _____. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://lattes.cnpq.br/4202304467511821>>. Acesso em: 09/10/2009.
- BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1981.
- _____. Banco de Dados. Disponível na Internet em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_L._Berger>. Acesso em: 02/09/2009.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e umbanda**. São Paulo: Pioneira, 1961. p. 49 e 51.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 26.
- CAVALCANTE, Elizabeth Dantas. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://investigadoresdaluz.blogspot.com/2009/05/elizabeth-dantas-cavalcante.html>>. Acesso em 20/09/09.
- CALVINO, João. Banco de Dados. Disponível na Internet em <http://www.suapesquisa.com/biografias/joao_calvino.htm>. Acesso em 18/12/2009.
- CIENTIFICISMO. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cientificismo>>. Acesso em: 22/12/2009.
- CROMOTERAPIA. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://www.mistico.com/p/cromoterapia.html>>. Acesso em: 25/12/2009
- CROOKES, William. Banco de Dados. Disponível na Internet em <http://en.wikipedia.org/wiki/William_Crookes>. Acesso em: 03/09/2009.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. **A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza**. São Paulo: Unesp, 2004. p. 53.

_____. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://lattes.cnpq.br/5905920724597703>>. Acesso em: 20/02/2010.

CRUZ, M. R. **Cadernos de psicofonia de 2000: doutrina social espírita**, Psicofonado pelo médium Maury Rodrigues da Cruz. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, 2001.

_____. **Cadernos de psicofonia de 1995: doutrina social espírita**. Psicofonado pelo médium Maury Rodrigues da Cruz. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, 2003.

DAMAZIO, S.F. **Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DANNER, Mário Fernando Passos. **Bezerra de Menezes e a outra face da ciência: Medicina e Espiritismo no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX (1851-1900) – “Usos do Passado”**. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 12. Rio de Janeiro: Coc/Fiocruz, 2006.

DENIS, Léon. **No invisível: espiritismo e mediunidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1919.

_____. **O problema do ser, do destino e da dor: os testemunhos, os fatos, as leis**. Rio de Janeiro: 2005.

_____. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/biografias/leondenis.html>>. Acesso em 19/12/2009.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean *et. al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 127-153.

DESOBSESSÃO. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://www.espirito.com.br>>. Acesso em 02/05/2009.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

_____. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/criador-sociologia-ducacao-423124.shtml>>. Acesso em: 08/08/2009.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA PERNAMBUCANA. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://federacaoespiritape.org/>>. Acesso em: 02.12.2009.

FERNANDES, Rubem C. Os vários sistemas religiosos em face do impacto da modernidade. In: BINGEMER, Maria Clara L. (Org.). **O impacto da modernidade sobre a religião**. São Paulo: Loyola, 1998. p. 253-298.

FLUIDOTERAPIA. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://www.comunidadeespirita.com.br/temas/fluidoterapia.htm>>. Acesso em: 15/12/2009.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Estudos espíritas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira,

1982.

_____. **Plenitude**. Niterói: Arte e Cultura, 1991.

_____. **O ser consciente**. Salvador: Leal, 1994.

_____. **Triunfo pessoal**. Salvador: Leal, 2002.

_____. **Em busca da verdade**. Salvador: Leal, 2009.

_____.; TEIXEIRA, Raul. **Diretrizes de segurança: "um diálogo em torno das múltiplas questões da mediunidade"**. Salvador: Frater, 1990.

_____. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://www.divaldofranco.com/biografia.php>>. Acesso em: 22/09/2009.

FRANCO, Anália. Banco de Dados. Disponível na Internet em <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/analia_vida.html>. Acesso em: 30/09/2009.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. Banco de Dados. Disponível na Internet em <www.fundaj.gov.br>. Acesso em: 23/09/2009.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

_____. A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro: v. 28, n. 2, p. 80-101, 2008.

_____. O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano. 9, n. 19, p. 247-281, 2003.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião?** Tradução de Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://www.revistasextosentido.net/news/sextosentido-076/>>. Acesso em 21/11/2009.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INCONTRI, Dora. **Pedagogia espírita: um projeto brasileiro e suas raízes**. 2. ed. São Paulo: Comenius, 2006. 278 p.

_____. **Pedagogia espírita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas**. São Paulo, Feusp, 2001. (Tese doutorado).

KARDEC, Allan. **A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo**. Tradução de Sylvia Mele Pereira da Silva. São Paulo: Edicel, 1985.

_____. **Obras póstumas**. Araras: IDE, 1993.

_____. **O evangelho segundo o Espiritismo**. Tradução de Salvador Gentile; revisão de Elias Barbosa. São Paulo: IDE, 1997.

_____. **O livro dos espíritos**. Tradução de Renata Barbosa da Silva e Simone T. N. Belle da Silva. São Paulo: Petit, 1999.

_____. **O livro dos médiuns**. Tradução de Renata Barbosa da Silva e Simone T. N. Belle da Silva. São Paulo: Petit, 2006.

_____. Banco de Dados. Disponível na Internet em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Allan_Kardec>. Acesso em: 13/10/2009.

KOMENSKÝ, Jan Amos. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Comenius>>. Acesso em: 29/12/2009.

LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000. p. 352-353.

_____. Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, 2004. p. 255-282.

_____. Incluídos e letrados: reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006. p.183-187.

_____. **A transnacionalização do Espiritismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Religião e Sociedade, 2008.

LUCE, Gaston. **Léon Denis, o apóstolo do espiritismo: sua vida, sua obra**. Tradução de José Jorge. Rio de Janeiro: Celd, 1989.

MARIZ, Cecília Loreto. A sociologia da religião de Max Weber. *In*: TEIXEIRA, Faustino. (Org.). **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 67-93.

MARX, Karl. Banco de Dados. Disponível na Internet em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx>. Acesso em 11/12/2009.

MELO, Jacob. **O passe, seu estudo, suas técnicas, sua prática**. Rio de Janeiro: FEB, 1992.

MELUCCI, Alberto. Busca de qualidade, ação social e cultura: por uma sociologia reflexiva. *In*: **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Tradução de Maria do Carmo Alves Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 25-42.

MÉTODO INDUTIVO. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://www.annex.com.br/pessoais/confrariahpe/m.htm>>. Acesso em 17 de dezembro de 2009.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MOTTA, Roberto. Notas para a leitura de A ética protestante e o espírito do capitalismo. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 1, n. 2, p. 65-83, 1995.

_____. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://lattes.cnpq.br/0828507755265572>>. Acesso em 12/11/2009.

NUNES, Maria José Rosado. A sociologia da religião. *In*: USARSKI, Frank. (Org.). **O espectro disciplinar da ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 98-119.

OBSESSÃO E DESOBSESSÃO. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://www.batuiranet.com.br/espiritismo/81/obsessao-e-desobsessao>>. Acesso em: 13/08/2009.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. **Multiculturalismo, pluralismo e “in” tolerância religiosa: o relacionamento dos espíritas pernambucanos com os adeptos de outras religiões** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 355 p.

_____. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4795936Z4>>. Acesso em: 29/11/2009.

OSAKABE, Haqira. *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Kairós, 1979.

PADEN, William E. **Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião**. Tradução de Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2001. (Coleção Religião e Cultura)

_____. Banco de Dados. Disponível na Internet em: <<http://www.beacon.org/contributorinfo.cfm?ContribID=1289>>. Acesso: em 02/12/2009.

PASSE de cura. Banco de Dados. Disponível na Internet em <www.guia.heu.nom.br/passe_de_cura.htm>. Acesso em 12/10/2009.

PERALVA, Martins. **Estudando a mediunidade: segundo a obra “Nos domínios da mediunidade de Francisco Cândido Xavier”**. 8. ed. Rio de Janeiro, 1956.

PEREIRA, Carlos. **Novas utopias: reflexões de um padre após a morte**. 2. ed. Belo Horizonte: Luminus, 2007.

PESTALLOZI, Johann Heinrich. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pestalozzi>>. Acesso em: 20/09/09.

PINHEIRO, Odete de Godoy. Entrevista: uma prática discursiva. *In*: SPINK, M.J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano-aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2000. p.183-214.

PIRES, J. Herculano. **Mediunidade: conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais**. São Paulo: Paideia, 1997.

POSITIVISMO. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Positivismo>>. Acesso em: 11/12/2009.

PRADO E SILVA, Adalberto. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. 14. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1999.

REIKI. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://www.mistico.com/p/reiki/oreiki.htm>>. Acesso em: 25/12/2009.

ROSSEAU, Jean Jacques. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rousseau>>. Acesso em: 29/12/2009.

SILVA, Gleide Sacramento da. **Eu e o outro no centro: uma reflexão acerca dos processos de identificação no Espiritismo**. Salvador: UFBA, 2006.

_____. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4765950D8>>. Acesso em: 19/07/2009.

SÓCRATES. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://www.suapesquisa.com/socrates/>>. Acesso em 28/12/2009.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Entre dois mundos: o Espiritismo da França e no Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

_____. Religião, ciência ou auto-ajuda? **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 45, n. 2, 2002. p. 361-402.

_____. Espiritismo na encruzilhada: mediunidade com fins lucrativos. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p.176-185, 2005.

_____. Banco de Dados. Disponível na Internet em <<http://sistemas3.usp.br/tycho/CurriculoLattesMostrar?codpes=1935589#Dadospessoais>>. Acesso em 13/12/2009.

TERRIN, Aldo Natale. **Antropologia e horizontes do sagrado: culturas e religiões**. Tradução de Euclides Luiz Callone. São Paulo: Paulus, 2004.

UNIVERSO espírita. Banco de Dados. Disponível na Internet em <www.universoespirita.org.br>. Acesso: em 22/11/2009.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Organização e Introdução de H.H. Gerth e C. Wright Mills. 3. ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

_____. Religião e racionalidade econômica. In: COHN, Gabriel (Org.). **Weber: Sociologia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1982. p.142-159.

_____. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão de Gabriel Cohn. Brasília: Universidade de Brasília, 1991, v. 1.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2001a.

_____. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4. ed. Tradução de Regis Barbosa e Karem Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

_____. Banco de Dados. Disponível na Internet em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Max_Weber>. Acesso em: 13/09/2009.

_____. Banco de Dados. Disponível na Internet em <www.alumac.com.br/maerlio.htm>. Acesso em 07/08/2009.

XAVIER, Francisco Cândido. **Nos domínios da mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

APÊNDICE A

BLOCOS INDICADORES DE CATEGORIAS

1) BLOCO DE FATORES RESPONSÁVEIS POR DIFERENÇAS DE CONDUTA ESPÍRITA, CONHECIMENTO ACUMULADO DA DOCTRINA E O JEITO DE SER PESSOAL

▶ PERGUNTA Nº 1 - *Há quanto tempo você é espírita?*

▶ PERGUNTA Nº 2 - *Desde quando você trabalha nesta casa?*

▶ PERGUNTA Nº 7 - *Há quanto tempo você é trabalhador espírita?*

▶ PERGUNTA Nº 5 - *Você tem algum componente espírita na sua família?*

▶ PERGUNTA Nº 3 - *Qual é a atividade que você desempenha neste centro?*

▶ PERGUNTA Nº 4 - *Como você desenvolve as suas atividades neste centro espírita?*

▶ PERGUNTA Nº 8 - *Como é que você compreende o espiritismo e o ser espírita?*

2) BLOCO DE FATORES RESPONSÁVEIS PELOS CRITÉRIOS OFERECIDOS PELA INSTITUIÇÃO COMO MODELO NA DIREÇÃO DE FIÉIS

▶ PERGUNTA Nº 6 - *Como ocorreu esse movimento de assistente de reunião pública para o de trabalhador da casa?*

3) BLOCO DE FATORES RESPONSÁVEIS PELOS GRAUS DE SATISFAÇÃO, ALTA OU BAIXA ESTIMA, FATORES PSICOLÓGICOS, CURIOSIDADE COM RELAÇÃO AOS PORQUÊS E AO SENTIDO DA VIDA

▶ PERGUNTA Nº 9 - *Você se considera um verdadeiro e ideal espírita?*

▶ PERGUNTA Nº 13 - *Que curiosidade você tem com relação a esse campo de conhecimento? (Espiritismo).*

4) BLOCO DE FATORES RESPONSÁVEIS PELA AVALIAÇÃO PESSOAL, DO PARTICIPANTE, QUANTO ÀS VARIAÇÕES DE CONDUTA DENTRO DE UMA MESMA DOCTRINA

▶ PERGUNTA Nº 10 - *O que você diria das diferenças de conduta nos centros espíritas?*

▶ PERGUNTA Nº 11 - *Que "motivos" influenciam as práticas espíritas diferenciadas, já que a base doutrinária é a mesma?*

▶ PERGUNTA Nº 12 - *Qual o modelo de casa espírita que você imagina?*

APÊNDICE B**LISTA DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS****ENTREVISTAS**

Grupo Espírita Batuira (Presidente + Mediúnica + Grupo Estudo)
Bairro do IPSEP – Recife

Núcleo Espírita Bezerra de Menezes (Presidente)
Bairro de San Martin – Recife

Grupo de Apoio Mediúnico (Presidente)
Bairro da Torre – Recife

Grupo Espírita Francisco de Assis (Presidente)
Bairro de Piedade – Jaboatão do Guararapes

Hospital Espiritual Maria Claudia Martins (Mediúnica)
Bairro de Prazeres – Jaboatão dos Guararapes

Centro Espírita Irmãos de Boa Vontade (Presidente)
Bairro de San Martin – Recife

Fraternidade Espírita Peixotinho (Presidente)
Bairro de Boa Viagem - Recife

QUESTIONÁRIOS

Núcleo Espírita Auta de Souza (Presidente + Mediúnica + Expansão Doutrinária + Grupo Estudo)
Bairro de IPSEP – Recife

Núcleo Espírita Bezerra de Menezes (Expansão Doutrinária)
Bairro de San Martin – Recife

Instituto Espírita Allan Kardec e Lar Ceci Costa (Presidente + Mediúnica)
Bairro de Salgadinho – Olinda

Centro de Estudos Espíritas Léon Denis (Presidente)
Bairro Curado IV - Jaboatão dos Guararapes

Centro Espírita André Luiz (Presidente + Mediúnica + Expansão Doutrinária)
Bairro de Ouro Preto – Olinda

Grupo Espírita Fraternal Caminheiros da Verdade (Presidente + Mediúnica + Expansão Doutrinária)

Bairro de Imbiribeira – Recife

Grupo Espírita Novo Alvorecer (Expansão Doutrinária)
Bairro do Cordeiro – Recife

Hospital Espiritual Maria Claudia Martins (Presidente)
Bairro de Prazeres – Jaboatão dos Guararapes

Núcleo Espírita Caminho da Luz (Presidente)
Bairro de San Martin – Recife

Grupo Espírita Seara de Deus (Presidente + Mediúnica)
Bairro do Janga – Paulista

União Espírita Caminho da Luz (Presidente + Mediúnica)
Bairro de Boa Viagem – Recife

Lar Chico Xavier (Expansão Doutrinária)
Bairro de Candeias – Jaboatão

VISITAS

Grupo Espírita Regeneração, Cristo e Caridade
Bairro do Cordeiro – Recife

Grupo Espírita Vinha de Luz
Bairro Rio Doce – Olinda

Grupo Espírita Vozes da Alma
Bairro de Areias – Recife

Núcleo Espírita Jesus no Lar
Bairro Estrada dos Remédios – Recife

Centro Espírita Amor e Caridade
Bairro da Torre – Recife

Centro Espírita Caminhando para Jesus
Bairro de Campo Grande – Recife

Grupo Espírita Raios de Luz
Bairro de Prazeres – Jaboatão dos Guararapes

Abrigo Espírita Batista de Carvalho
Bairro de Jardim São Paulo - Recife
Centro Espírita Luz, Esperança e Caridade
Bairro da Várzea – Recife

Lar Espírita do Divino Mestre

Bairro Vila Popular – Olinda

Centro Espírita Deus, Amor, Luz e Caridade
Bairro Rio Doce – Olinda

Grupo da Fraternidade Espírita Guillon Domênico
Bairro Novo – Olinda

Núcleo Espírita Bittencourt Sampaio
Bairro de Monteiro – Recife

Tabernáculo Espírita Caminheiros Humildes
Bairro de Beberibe – Olinda

Grupo Espírita Casa de Amparo Espiritual
Bairro do Prado – Recife

APÊNDICE C

PERFIL DOS ENTREVISTADOS

| PARTICIPANTES E CENTRO ESPÍRITA A QUE PERTENCEM | | DADOS EXTRAÍDOS DAS ENTREVISTAS COM OS PARTICIPANTES | | | |
|--|---------|---|--------------------------|------------------------------|---------------------------------|
| | | Questões de natureza pessoal | | | |
| | | NÍVEL DE ESCOLARI DADE | PROFISSÃO | FUNÇÃO NO CENTRO ESPÍRITA | TEMPO NA FUNÇÃO (anos) |
| “PV- 1” | CEAL | 3º Grau | Psicóloga | Resp. Gp. Estudo | - |
| “PV- 2” | CEAL | 3º Grau | Pedagogo | Resp. Mediúnico | 4 |
| “PV- 3” | CEAL | 1º Grau | Professora | Presidente | - |
| “PV- 4” | NEAS | 2º Grau | Aeroportuário | Coord. CESDE | 3 |
| “PV- 5” | NEAS | 2º Grau | Téc. Contab. | Presidente | 2 |
| “PV- 6” | CEB | 2º Grau | Téc. Eletrônica | Resp. Gp. Estudo | 17 |
| “PV- 7” | CEB | 3º Grau | Psicóloga | Resp. Mediúnico | 1 |
| “PV- 8” | CEB | 3º Grau | Veterinário | Presidente | 8 |
| “PV- 9” | IEAKLCC | 3º Grau | Engenheira | Resp. Mediúnico | 1 |
| “PV- 10” | IEAKLCC | 2º Grau | Autônomo | Vice-Presidente | 2 |
| “PV- 11” | LECX | 3º Grau | Jornalista | Resp. Gp. Estudo | - |
| “PV- 12” | GAM | 2º Grau | Téc. Telecomunic. | Presidente | 11 |
| “PV-13” | GEFCV | 3º Grau | Administradora | Resp. Mediúnico | 0,5 |
| “PV- 14” | GEFCV | 2º Grau | Do lar | Presidente | 5 |
| “PV- 15” | HESMAC | 3º Grau | Professora | Presidente | 2 |
| “PV- 16” | NECAL | 2º Grau | Aposentada | Presidente | 4 |
| “PV- 17” | GESD | 3º Grau | Advogado | Presidente | 18 |
| “PV- 18” | UNILUZ | 3º Grau | Professor | Presidente | 1,5 |
| “PV- 19” | HESMAC | 1º Grau | Técnico em Enfermagem | Resp. Mediúnico | 12 |

APÊNDICE D

LEGENDAS

• “PV-A”, “PV-B”, “PV-C”... ”PV-S”: As siglas correspondem aos **participantes voluntários** dos Centros Espíritas responsáveis pela Presidência, Setor Mediúnico e membros Monitores de Grupos de Estudo.

• As abreviaturas dos centros correspondem a:

CEAL: Centro Espírita André Luiz

NEAS : Núcleo Espírita Auta de Souza

CEB: Centro Espírita Batuira

IEKLCC: Instituto Espírita Allan Kardec e Lar Ceci Costa

LECX : Lar Espírita Chico Xavier

GAM: Grupo de Apoio Mediúnico

GEFCV: Grupo Espírita Fraternal Caminheiros da Verdade

HESMAC: Hospital Espiritual Maria Claudia Martins

NECAL: Núcleo Espírita Caminho da Luz

GESD: Grupo Espírita Seara de Deus

UNILUZ: União Espírita Caminho da Luz

As abreviaturas usadas na tabela são as seguintes:

Resp. Gp. Estudo: Responsável pelo Setor de Grupos de Estudos

Resp. Mediúnico: Responsável pelo Setor Mediúnico

Coord. CESDE: Coordenador da Coordenadoria de Estudos Sistematizados da Doutrina Espírita.

APÊNDICE E

ROTEIRO DE ENTREVISTA

A - IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Escolaridade:

Em que trabalha:

Função:

Tempo na Função:

Nome da Instituição:

B - DA ENTREVISTA

1 - Há quanto tempo você é espírita?

2 - Desde quando você trabalha nesta casa?

3 - Qual é a atividade que você desempenha neste centro?

4 - Como você desenvolve as suas atividades neste centro espírita?

5 - Você tem algum componente espírita na sua família?

6 - Como ocorreu esse movimento de assistente de reunião pública para o de trabalhador da casa?

7 - Há quanto tempo você é trabalhador espírita?

8 - Como é que você compreende o Espiritismo e o ser espírita?

9 - Você se considera um verdadeiro e ideal espírita?

10 - O que você diria das diferenças de conduta nos centros espíritas?

11 - Que "motivos" influenciam as práticas espíritas diferenciadas, já que a base doutrinária é a mesma?

12 - Qual o modelo de casa espírita que você imagina?

13 - Que curiosidade você tem com relação a esse campo de conhecimento? (Espiritismo)

APÊNDICE F

SÍNTESE DAS ENTREVISTAS

Pergunta nº 1

Há quanto tempo você é espírita?

| Nº DO ENTREVISTADO | TEMPO DE ESPIRITISMO |
|--------------------|----------------------|
| 1 | Desde criança |
| 2 | 35 anos |
| 3 | 60 anos |
| 4 | 18 anos |
| 5 | 37 anos |
| 6 | 30 anos |
| 7 | 32 anos |
| 8 | 30 anos |
| 9 | 7 anos |
| 10 | 17 anos |
| 11 | 3 anos |
| 12 | 28 anos |
| 13 | 25 anos |
| 14 | 25 anos |
| 15 | 9 anos |
| 16 | 35 anos |
| 17 | 34 anos |
| 18 | 16 anos |
| 19 | 25 anos |

Pergunta nº 2

Desde quando você trabalha nesta casa?

| Nº DO ENTREVISTADO | TEMPO DE TRABALHO NA CASA |
|--------------------|---|
| 1 | Trabalhei muitos anos na FEP e depois vim para o André Luiz |
| 2 | 13 anos |
| 3 | 18 anos |
| 4 | 18 anos |
| 5 | 37 anos |
| 6 | 25 anos |
| 7 | 7 anos |

| | |
|----|----------------------|
| 8 | 20 anos |
| 9 | 6 anos |
| 10 | 9 anos |
| 11 | A partir dos 14 anos |
| 12 | 26 anos |
| 13 | 15 anos |
| 14 | 24 anos |
| 15 | 8 anos |
| 16 | 29 anos |
| 17 | 31 anos |
| 18 | 15 anos |
| 19 | 12 anos |

Pergunta nº 3

Qual é a atividade que você desempenha neste centro?

Nº DO ENTREVISTADO

FUNÇÃO NO CENTRO

| | |
|----|-------------------------------------|
| 1 | Coordenadora dos grupos de estudos |
| 2 | Responsável pelo setor mediúnico |
| 3 | Presidente do André Luiz |
| 4 | Coordenador dos grupos de estudos |
| 5 | Presidente do Auta de Souza |
| 6 | Responsável pelos grupos de estudos |
| 7 | Responsável pelo setor mediúnico |
| 8 | Presidente |
| 9 | Responsável pelo setor mediúnico |
| 10 | Vice-Presidente |
| 11 | Responsável pelos grupos de estudos |
| 12 | Presidente |
| 13 | Responsável pelo setor mediúnico |
| 14 | Presidente |
| 15 | Presidente |
| 16 | Presidente |
| 17 | Presidente |
| 18 | Presidente |
| 19 | Responsável pelo setor mediúnico |

Pergunta nº 4

Como você desenvolve as suas atividades neste centro espírita?

Entrevistado 1:

Coordeno as equipes de instrutores e monitores da casa, através de reuniões periódicas com a equipe e promovendo capacitações continuadas de formação pedagógicas. (Sic)

Entrevistado 2:

Coordeno todas as salas de atividades mediúnicas da casa, como salas de cura e desobsessão e faço reuniões periódicas de reflexões com trabalhadores. (Sic)

Entrevistado 3:

Coordenando um grande número de trabalhadores nos seus diversos setores. (Sic)

Entrevistado 4:

Primeiro, a conscientização de cada trabalhador como “divulgador” do Espiritismo Só isso faz toda diferença! – segundo, desenvolvendo a “autonomia” – é preciso ser o divulgador na sua amplitude e ter ações livres com responsabilidade para que o trabalho seja gerador de mudanças benéficas e por fim a “alegria do trabalho”, quem não tem alegria para servir perde os mais suaves contentamentos da alma, por exemplo qualquer contratempo – é preciso perguntar – “Tudo bem? E você está bem?” – o foco sempre será “a criatura humana “ , o trabalhador e não a tarefa, não existe aula mais importante do que o ser que vai assistir, não existe técnica que substitua o monitor. Acompanhar grupos de estudos é um dos mais belos trabalhos. Você perceber a mudança que o conhecimento faz a diferença quando o aprendiz testa na vida o conceito, as mudanças que lhes percebem, as mudanças que você percebe e aquelas que só Deus sabe. (Sic)

Entrevistado 5:

Desenvolvo com responsabilidade perante a doutrina espírita, procurando manter o equilíbrio na convivência com os demais trabalhadores a fim de darmos o melhor possível de união e fraternidade. (Sic)

Entrevistado 6:

A coordenadoria de expansão doutrinária tem várias funções. Uma delas é preparar o quadro de palestras que vão ser realizada durante o mês. A gente coordena também os cursos, eu sou responsável pelos cursos que são realizados no centro, cursos, seminários, etc. Todos eles são para o público interno e externo do centro. (Sic)

Entrevistado 7:

Esse setor pra mim ainda está um pouco restrito, difícil, porque estou a pouco tempo na casa e estou coordenando pessoas que tem mais de 20 anos na casa. Então elas são um pouco ariscas nesse sentido de querer que alguém mais jovem, não na idade, mas jovem na casa, então fica um pouco difícil. Quando aceitei essa coordenadoria da mediúnica eu não aceitei só por ver essa coordenadoria, porque eu vi que eu poderia ampliar e trazer mais prá casa espírita. Por exemplo, um trabalho de grupo na terça-feira e o trabalho de Joanna de Ângelis no terceiro

sábado de cada mês das 08:00h da manhã até 12:00h. Não foi fácil, houve uma resistência, o coordenador da área de evangelho doutrinário ele achou que eu estava entrando na área dele, mas se eu não tivesse esse espírito um pouco indisciplinado, nós agora não estaríamos com 2 anos de grupo, porque agora no dia 17 de outubro estaremos fazendo 2 anos. (Sic)

Entrevistado 8:

Contanto com o apoio das pessoas interessadas em manter o trabalho, porque eu moro em Olinda, trabalho em São Lourenço, aí nos dois dias de reunião pública aqui eu venho e ainda sigo com as limitações, porque a família fica cobrando presença. (Sic)

Entrevistado 9:

A equipe mediúnica é composta, atualmente, de 14 pessoas: 8 mulheres e 6 homens e reúnem-se 1 vez por semana, às quartas-feiras à noite, das 19:00 às 21:00 horas. Os primeiros 10 minutos são dedicados à troca de informações pertinentes à reunião, relaxamento e prece inicial.

Prosseguimos com 50 minutos de trabalhos de atendimento aos desencarnados (sofredores, obsessores, etc). Em seguida temos mais ½ hora de trabalho dedicado à área de saúde, dos presentes e de pessoas cujos nomes são trazidos pelos trabalhadores. Após a prece final, a última meia hora é dedicada à avaliação da reunião. Na última semana de cada mês, fazemos um encontro diferente, com 1 1/2 hora de estudos, seguida de ½ hora de avaliação dos trabalhos ocorridos durante o mês. (Sic)

Entrevistado 10:

Dando a minha colaboração junto a todos que fazem esta instituição, objetivando o autoconhecimento numa proposta de libertação pela educação para os valores humanos. (Sic)

Entrevistado 11:

Vou ao centro na segunda e terça (reunião mediúnica), quarta (curso de passe), quinta (palestra), sábado (mocidade, onde sou dirigente e responsável pelo estudo com os evangelizadores). (Sic)

Entrevistado 12:

Procurando sempre aprender através do estudo Doutrinário, divulgar o que aprendo e procurando sempre aplicar os ensinamentos deixados por Jesus, através do Evangelho Segundo o Espiritismo e das orientações espirituais. (Sic)

Entrevistado 13:

Procurando seguir os ensinamentos de Jesus concomitantemente com os preceitos da doutrina, com determinação, disciplina e confiança em Deus a fim de preservar os preceitos doutrinários dentro dos trabalhos e estudos realizados na casa. (Sic)

Entrevistado 14

Com respeito, amor e comprometimento. (Sic)

Entrevistado 15

Desenvolvo minhas atividades buscando praticar, acima de tudo, os ensinamentos do Cristo Jesus e, seguindo as orientações da equipe espiritual que coordenam o hospital. Atualmente, estou afastada por conta da gestação. Participo apenas de questões administrativas. No HESMAC trabalhamos por escala, onde a cada três meses, praticamente, há um rodízio de atividades, de forma que os trabalhadores passem pelos diversos setores. Dessa forma, já participei de atividades como: tratamento fluídico presencial e à distância (passes); assistência aos médicos espirituais durante os atendimentos; “incorporação” (psicofonia); doutrinação; coordenação de setores diversos; psicografia; exposição de aulas para evangelização infanto-juvenil e estudos doutrinários; triagem dos pacientes que vêm fazer tratamento; participação em emergências espirituais e reuniões de tratamento de apoio espiritual (desobsessões); organização de fichários de pacientes. (Sic)

Entrevistado 16:

Sempre que possível, estou presente as atividades do centro, verificando o que precisa ser ajustado ou incentivando. Como Presidente, tudo que é inerente ao cargo. (Sic)

Entrevistado 17:

Toda atividade espírita, apesar de voluntária, tem de ser disciplinada e exercida com responsabilidade, assiduidade e perseverança, existindo normas estabelecidas para que o nível seja da melhor qualidade. Minhas atividades, em particular, são desenvolvidas quase que diariamente em função do cargo de presidente que exerço, na supervisão de todas as atividades. Mas, em caráter de trabalhador comum como todos somos, trabalho na quarta-feira na aplicação de energias curadoras, trabalho esse denominado de fluidoterapia; dirijo e doutrino nas reuniões mediúnicas de desenvolvimento e/ou desobsessão; presido reuniões público-doutrinárias; coordeno o Simpósio de estudos e práticas espíritas de Pernambuco e os trabalhos da fabricação da pomada vovô Pedro; aplico passes; faço atendimento fraterno emergenciais; participo de trabalhos assistenciais e atuo em qualquer setor onde seja necessário. (Sic)

Entrevistado 18:

O Coordenador Geral desenvolve suas atividades através de Coordenadorias: Coordenador Adjunto; Coordenador Administrativo e Financeiro; Coordenador de Evolução Espiritual; Coordenador de Estudos Doutrinários; Coordenador e Infância e Juventude; Coordenador de Comunicação Social; e Coordenador de Promoção Social. (Sic)

Entrevistado 19:

Tenho a oportunidade da tarefa. Essa oportunidade é que dá aquela firmeza de continuar dentro do espiritismo e a gente não se baseia muito na questão rotineira, aqui não tem rotina, todo dia aparece novidade, a partir do momento que isso fortalece a gente: “Meu Deus, pode chegar alguém precisando de ajuda, a gente vai se doar mais uma vez, se doando e ainda acha pouco, poderia fazer muito mais”. O que mais constrange a gente é quando perde um paciente por obsessão, só falta me acabar.

Eu passo meses pensando: “Meu Deus, o que a gente fez errado, por que esse paciente?” A mentora vem consolando, “não se preocupe, foi Deus que chamou”.

“Mas a gente poderia fazer diferente. É a senhora que coloca desculpa pra me consolar, a gente poderia tirar ele daquilo, nesse momento quem matou ele de obsessão ‘tá’ rindo, não admito isso, a gente poderia salvá-lo”. Fica o sentimento de que a gente poderia fazer mais pelo paciente.

27 anos de espiritismo, a gente teve mais tristeza com o meio espírita do que alegria e felicidade com as pessoas que nos “procurou” pra ser ajudadas, mas com meio espírita, poucas lembranças se tem. Hoje com mais experiência, antes, era mais difícil compreender porque o desprezo, “né”?, porque o afastamento de algumas pessoas, hoje em dia a mentora já diz: “Você já evoluiu um pouco, porque você não se queixa mais disso, já está compreendendo”. Agora eu compreendo, aqui é a nossa casa e o nosso trabalho, não importa a casa dos outros. (Sic)

Pergunta nº 5

Você tem algum componente espírita na sua família?

| Nº DO ENTREVISTADO | COMPONENTE NA FAMÍLIA |
|--------------------|-----------------------|
| 1 | Sim |
| 2 | Pais |
| 3 | Sim |
| 4 | Não |
| 5 | Esposo e familiares |
| 6 | Pai |
| 7 | Não |
| 8 | Pais |
| 9 | Avós maternos |
| 10 | Não respondeu |
| 11 | Avós, pais, irmãos |
| 12 | Sim |
| 13 | Não respondeu |
| 14 | Não respondeu |
| 15 | Meus pais |
| 16 | Os pais |
| 17 | Meus pais |
| 18 | Não |
| 19 | Sim |

Pergunta nº 6

Como ocorreu esse movimento de assistente de reunião pública para o de trabalhador da casa?

Entrevistado 1:

Nasci numa família espírita e sempre trabalhei em alguma Instituição, seja FEP, no André Luiz e no Centro Espírita Redenção. (Sic)

Entrevistado 2:

“Nasci” (1963) na Federação Espírita Pernambucana, onde frequentei até 1996. Depois do afastamento da Federação, vinculei-me ao André Luiz onde estou até hoje. (Sic)

Entrevistado 3:

Encaminhada pelo meu falecido esposo que me fez conhecer o espiritismo, passei a frequentar junto com ele a Federação Espírita Pernambucana e, após 42 anos ali, decidi me ligar ao André Luiz na condição de presidente. (Sic)

Entrevistado 4:

Tinha 18 anos quando nasceu meu primeiro filho, gravidez não programada, além da pouca experiência e só no Espiritismo encontrei todas as respostas e a ajuda necessária para a ocasião. O acolhimento da Casa Auta de Souza foi tão especial que logo estando apto fui aos trabalhos na própria casa, isso se deu com 2 anos depois que cheguei a casa, os trabalhos que faço em outras instituições são de Palestras, dinâmicas de grupos, Seminários e valorização da vida. (Sic)

Entrevistado 5:

Não respondeu.

Entrevistado 6:

Eu já freqüentava o Centro Batuira, mas freqüentava também o Auta de Souza; é aquela coisa de simpatia, não gostei do Núcleo Espírita Auta de Souza, um Centro grande, muita gente. Então minha esposa me disse “tem o Batuira que eu já fui convidada pra ir lá, vamos lá. Então nós viemos e começamos a assistir as reuniões e fomos fazendo amizades com as pessoas, com os dirigentes da casa. Fiz uma amizade muito grande com o coordenador de expansão doutrinária que ficou doente aí me pediu para substituí-lo durante 1 mês enquanto ele ia fazer um tratamento. Ele não voltou, desencarnou. Tornei-me então trabalhador do Batuira. Nas outras instituições eu era freqüentador. Então o Centro que eu fiquei e me tornei trabalhador foi justamente o Grupo Espírita Batuira. (Sic)

Entrevistado 7:

Eu era católica, mas muito questionadora a tal ponto que no confessionário perguntei ao padre se Deus tinha capacidade de criar o universo, o mar e outras coisas mais. Isso o horrorizou e perguntou-me se eu conhecia o espiritismo e que eu fugisse do espiritismo. Eu tinha na época 23 ou 24 anos. Alguns dias depois, passei em frente ao Núcleo Espírita Auta de Souza (NEAS) e perguntei sobre o dia de reunião. Passei a frequentar o NEAS. Daí até me engajar no trabalho foi rápido. Eu era psicóloga e havia espaço para ajudar àqueles que buscavam o centro para receber um apoio emocional. Passei a estudar a Doutrina e lembro que ao ler o Livro dos Espíritos a sensação que eu tinha é que eu estava relendo o livro, tudo eu reconhecia e tudo eu compreendia. A sensação era de reler o livro que há muito tempo eu havia guardado. (Sic)

Entrevistado 8:

Não respondeu

Entrevistado 9:

Apesar de ter sido criada na religião Católica nunca me conformei com determinadas explicações (ou com a falta delas) fornecidas por aquela Igreja, sobretudo no que dizia respeito, às “injustiças” que existem no nosso mundo: o sofrimento das crianças, a fome, a morte prematura, etc. Cheguei ao Espiritismo buscando respostas a questões como essas e estou encontrando sim. Para todas elas. Filiei-me ao Ceci Costa e estou lá até hoje. (Sic)

Entrevistado 10:

Não respondeu.

Entrevistado 11:

Sempre fiz parte do Lar Espírita Chico Xavier, minha participação em outros centros é dando palestras ou cursos de educação espírita infanto-juvenil. Também trabalho na reunião mediúnica, faço curso de passe e freqüento as reuniões doutrinárias. Não vejo necessidade de uma pessoa trabalhar em mais de um centro ao mesmo tempo, por uma questão fluídica e de vínculo com a casa, como orientou o próprio Allan Kardec. (Sic)

Entrevistado 12:

Não respondeu. (Sic)

Entrevistado 13:

Iniciei primeiro em uma instituição de Umbanda que chamam de mesa branca, depois percebi que queria mais, e então conheci a Casa dos Humildes em Casa Forte onde fui freqüentadora e trabalhadora assídua durante mais ou menos 10 anos. Ao me mudar para o bairro da imbiribeira a fim de conciliar melhor trabalho, família e o centro, passei a participar do centro atual, onde me engajei nos trabalhos da casa, fui responsável pelo setor de divulgação da doutrina e hoje estou como responsável pelo departamento mediúnico da casa. (Sic)

Entrevistado 14:

Devido a fenômenos mediúnicos ocorrendo em minha residência, procurei uma casa espírita e fiz todos os tratamentos espirituais recomendados pela casa e posteriormente cursos de educação mediúnica bem como trabalhos voluntários na casa. (Sic)

Entrevistado 15:

Desde os 12 que faço tratamento espiritual mas sem assumir compromisso com o espiritismo. A partir dos 26 anos meus problemas de saúde se agravaram e eu busquei um apoio no HESMAC. Após 1 ano de tratamento, fui convidada para fazer cursos e trabalhar na Instituição. (Sic)

Entrevistado 16:

Não respondeu.

Entrevistado 17:

Desequilibrado, doente, dor, dúvidas, incertezas, fobias, inseguranças me levaram buscar a cura, a solução para esses problemas ou alguns desses problemas. Nesse estado de desequilíbrio intenso fui levado ao Grupo da Fraternidade Guillon

Domenico, onde fui atendido e após tomar um passe de cabine (transmissão fluídica realizada com a participação do médium e dos espíritos), fiquei completamente curado. Após 3 anos de trabalho naquela Casa, eu e um pequeno grupo de amigos resolvemos fundar o Grupo Espírita Seara de Deus. (Sic)

Entrevistado 18:
Não respondeu.

Entrevistado 19:

As coisas pra mim “foi” muito precoce, mais ou menos aos 15 anos lembro que todas as quartas-feiras era pra eu “tá” na escola, mas eu não conseguia chegar na escola de jeito nenhum, de repente me dava um transe que eu terminava na frente do Centro Espírita Paz e Amor, que havia reuniões na quarta-feira.

É, me levavam, e quando eu chegava lá dizia: “Estou fazendo o quê aqui? Vim fazer o quê na frente dessa instituição?” E a dirigente, Dona Clotilde, do Paz e Amor dizia: “Olhe, meu jovem, entre”. “Eu não quero entrar aí, não, de jeito nenhum, não sei nem o que eu vim fazer aqui, vou embora pra casa”, e ia embora. Na quarta-feira seguinte de novo, uma vez eu cheguei lá todo desconfiado, eu olhando para um lado e outro, Dona Clotilde disse: “Entre, só pra escutar a palestra”, eu disse: “Vou entrar, agora, se eu não gostar vou embora, não fico aqui”. Eu, todo desconfiado, um amigo meu era o orador, João Albuquerque, pessoa muito experiente da federação espírita, eu dizia: “Me interessei, esse homem fala coisas que ‘tá’ ligado (...) porque eu não ‘tô’ sabendo porque eu estou aqui, ‘mais’ eu gostei”, aí eu disse: “Vou de novo, tem reunião aqui ,quando? Nos sábados, porque toda quarta-feira ‘tô’ perdendo aula e eu quero vir o dia que realmente era, no domingo à noite, então eu venho no domingo à noite, na quarta-feira não venho mais não”

Deixou de acontecer. Eu continuei lá, sempre sob a responsabilidade de Dona Maria Claudia Martins. Assistindo reunião pública, depois de mais ou menos 1 mês me encaminharam para um grupo jovem, não gostei, cheguei e disse: “Não quero estar aqui, não”. (Sic)

Pergunta nº 7

Há quanto tempo você é trabalhador espírita?

| Nº DO ENTREVISTADO | TEMPO COMO TRABALHADOR |
|---------------------------|-------------------------------|
| 1 | Desde adolescência |
| 2 | 32 anos |
| 3 | Há mais ou menos 50 anos |
| 4 | 16 anos |
| 5 | 35 anos |
| 6 | 18 anos |
| 7 | Mais ou menos 30 anos |
| 8 | Mais ou menos 20 anos |
| 9 | 6 anos |
| 10 | Aproximadamente 15 anos |
| 11 | 14 anos |

| | |
|----|--------------------------|
| 12 | 27 anos |
| 13 | Mais ou menos 25 anos |
| 14 | Há mais ou menos 24 anos |
| 15 | Mais ou menos 25 anos |
| 16 | Mais ou menos 31 anos |
| 17 | 34 anos |
| 18 | Mais ou menos 15 anos |
| 19 | Mais ou menos 25 anos |

Pergunta nº 8

Como é que você compreende o Espiritismo e o ser espírita?

Entrevistado 1:

O Espiritismo como ciência e o ser espírita como alguém que busca incessantemente entender o pensamento espírita e tentar por em prática os seus princípios. (Sic)

Entrevistado 2:

O Espiritismo como ciência e o espírita como alguém que estuda o espiritismo e se esforça pra colocá-lo em prática. (Sic)

Entrevistado 3:

Entendo que conceitualmente o Espiritismo é ciência e ser espírita é ter consciência da realidade da vida espiritual e agir de forma que o amor seja a bússola dos pensamentos e decisões. (Sic)

Entrevistado 4:

Espiritismo – Fonte inesgotável de conhecimento e sabedoria que vamos compreendendo melhor mediante o próprio esforço. Espírita – água viva dessa fonte, deve ser um bálsamo, um exemplo, mediante as dificuldades, deve seguir o curso das águas, o grande oceano, mesmo entre as pedras não parar de aprender, servir, perdoar, esperar e amar. (Sic)

Entrevistado 5:

O Espiritismo é uma doutrina que nos esclarece com lógica e razão. Ela não impõe nada a ninguém, mas, com certeza, ilumina a consciência, tornando-nos responsáveis. Ser espírita é, para mim, um grande trabalho de reforma íntima e de muita renúncia. (Sic)

Entrevistado 6:

A doutrina espírita eu compreendo da seguinte forma: ela é um facilitador do conteúdo do livro chamado Bíblia, porque já que Jesus falava por parábolas, então ele propositalmente colocou um véu sobre um entendimento daquilo que ele ensinava. Então o espírito, à medida em que ele vai amadurecendo ele vai gradativamente entendendo “introspectando” e colocando na prática em favor do próximo tudo aquilo que o Cristo ensinou. Ser espírita é você “introspectar” todo aquele conhecimento e depois externar na forma das suas ações, na sua forma de

falar, de agir, de pensar, todo aquele ensinamento calcado nos conteúdos dos ensinamentos de Cristo, é modificar-se, é mudar, é ser uma pessoa nova a cada dia. (Sic)

Entrevistado 7:

Espiritismo é uma doutrina libertadora, que ela vem com a finalidade de libertar o homem. Ser espírita é uma luta constante pela melhoria, é uma luta boa, é algo de bom, para cada dia você ser melhor do que foi ontem, isso não é fácil, requer uma força, uma perseverança, como diz Kardec “vontade e não boa vontade” você tem que ter vontade de mudar, vontade de crescer, porque de boa vontade o mundo está cheio, agora é preciso vontade mesmo de correr atrás dessa melhoria. (Sic)

Entrevistado 8:

Como é que você conhece o Espiritismo? Como uma luz que nos guia para a elevação. Conheço o Espiritismo como uma luz que nos guia. Quem quiser, quem tiver olhos de ver, veja, “né”? Quem tiver ouvido de escutar, escute, pra mim a doutrina espírita é isso, certo? É, principalmente a elevação moral. Ser espírita é a gente se empenhar, se esforçar para conseguir essa reforma que cada um precisa. (Sic)

Entrevistado 9:

O Espiritismo é uma filosofia de vida que nos incentiva a melhorar. O espírita é um eterno aprendiz ao longo dessa caminhada terrena. (Sic)

Entrevistado 10:

Compreendo o Espiritismo como uma escola que oferece múltiplas possibilidades de aprendizado, objetivando a educação, e o “ser espírita” o esforço que fazemos para trabalhar em nós as virtudes, modificando os nossos condicionamentos negativos. (Sic)

Entrevistado 11:

Espiritismo é uma doutrina libertadora que esclarece e consola. Ela nos torna mais seguros e maduros diante dos acontecimentos da vida, já que somos conscientes da nossa condição de Espíritos imortais fadados à perfeição. Ser espírita é buscar se aproximar de Deus e do mestre Jesus através de nossos próprios esforços, ajudando ao próximo e consequentemente se ajudando, tendo a certeza do auxílio constante da “espiritualidade maior”. O espírita sabe que não é perfeito e, muito menos, está salvo, mas está em busca disso, por meio da caridade. (Sic)

Entrevistado 12:

Compreendo o Espiritismo como sendo uma doutrina que ao se apresentar nos seus aspectos filosófico, religioso e científico, a forma mais coerente que existe de trazer a luz ou o esclarecimento para todos os seres humanos, que buscam a verdade; o esclarecimento de onde nós viemos e para onde iremos; o esclarecimento sobre os aspectos mediúnicos e a fenomenologia; as origens dos sofrimentos e o que devemos fazer para acabar ou atenuar esses sofrimentos, ou seja, tudo que se relaciona com a necessidade do crescimento espiritual e moral da humanidade. – O ser espírita (no sentido da consciência desperta para aceitar esses ensinamentos) como sendo a condição de aceitação das verdades espirituais que desconhece, que ainda não compreendeu, mas que precisa estudar; pesquisar para que através da

prática, possa procurar chegar a angariar o seu adiantamento espiritual que será fruto do seu trabalho. (Sic)

Entrevistado 13:

Como uma doutrina que nos auxilia a conhecermos a nós mesmos, e buscarmos dentro dos preceitos cristãos vencermos nossas imperfeições, ou pelo menos aceitá-las para nos tornarmos melhores a cada dia. É tentarmos praticar a lei de amor, caridade e benevolência diariamente junto ao nosso próximo, dentro das nossas possibilidades. (Sic)

Entrevistado 14:

Compreensão do Espiritismo: Busca da libertação, consolação, perdão e caridade. Ser espírita: Deixar para trás o homem velho e deixar surgir o homem novo de esperança e novas etapas. (Sic)

Entrevistado 15:

Compreendo o Espiritismo como sendo o próprio cristianismo e o ser espírita como um seguidor fiel do Cristo, vivenciando a cada instante de nossas vidas os exemplos deixados pelo nosso Mestre Jesus. (Sic)

Entrevistado 16:

O Espiritismo é uma doutrina fundamentada na crença da existência dos espíritos e na comunicação deles com o homem. O verdadeiro espírita é reconhecido pela sua transformação moral e pelos esforços que faz para domar suas más tendências. (Sic)

Entrevistado 17:

Compreendo o Espiritismo como uma doutrina de tríplices aspectos: o científico, o filosófico e o religioso ou moral; que nos ensina a origem, a natureza e o destino dos espíritos e as relações que existem entre o mundo espiritual e o mundo material ou físico. E ser espírita é vivenciar, na prática diária da vida, os princípios superiores que você adquiriu e consagrou como verdade. (Sic)

Entrevistado 18:

Não respondeu.

Entrevistado 19:

O que compreendo hoje é que não tenho compromissos com os espíritas, tenho compromisso com o espiritismo e tenho compromisso com Deus, esse compromisso eu tenho, por quê? Porque eu sempre digo à mentora: “A senhora sempre disse pra mim: hoje poderá ser seu último dia. Eu sempre espero esse dia pra prestar contas do que assumi no plano espiritual.

“Tô” sempre me preparando pra isso. Sempre digo a ela: “Se hoje for o meu último dia, já tenho meu relatório completo, já fiz minha parte”. Os que ficaram lá, não têm o que reclamar de mim, todos tiveram oportunidade de aprender, de estar dentro da reunião, ninguém foi impedido disso, todo mundo tem experiência, se eu desencarnar, desencarno tranquilo. não tenho nenhuma mágoa do espiritismo, tenho mágoa dos espíritas, essa mágoa em mim existe porque eu não estava preparado pra decepção com 20 anos de idade, era um jovem, não estava preparado pra isso, entendeu? Não estava preparado pra ser expulso de uma casa com 22 anos. (Sic)

Pergunta nº 9

Você se considera um verdadeiro e ideal espírita?

Entrevistado 1:

Considero-me espírita. acho que isso é o bastante. O ideal a gente está perseguindo sempre. (Sic)

Entrevistado 2:

Sou espírita e penso que isso é o bastante. o conceito de ideal é relativo, pois a sinceridade que nos caracteriza impele-nos a nos melhorar a cada dia. (Sic)

Entrevistado 3:

Considero-me uma espírita verdadeira, mas não ideal, pois ainda tenho muito o que aprender com essa ciência e, ao mesmo tempo, amar mais a mim mesma e ao próximo. (Sic)

Entrevistado 4:

Sim, mediante os esforços gradativos e contínuos. E a grande alegria que tenho de estar vivo, existe algo melhor que a doutrina me deu o “passaporte” para o mundo extraordinário que existe dentro de mim mesmo!?! Estou fazendo essa viagem com muita consciência e gratidão – o momento é agora! (Sic)

Entrevistado 5:

Procuro a cada dia a possibilidade de me melhorar. Ideal é perfeição, realização plena, mas ainda não atingi este estágio. No entanto, mesmo com falhas, pois sou imperfeita, sei que o bem que se faz só traz lucros; o mal feito por nós prejudica aos outros mas, com certeza, só fará mal a nós mesmos. (Sic)

Entrevistado 6:

Não, eu tenho muitas falhas, eu tenho muitos erros, eu tenho muitos vícios trazidos do passado, do passado delituoso. Eu tenho todo dia que brigar com eles para que eles não dificultem a minha caminhada, então eu acho que não. Eu estou longe de ser um verdadeiro espírita. Sou uma pessoa que todo dia procuro ler o Evangelho, tenho que ler o Evangelho se não eu me esqueço que tenho que perdoar, tenho que fazer aos outros aquilo que eu gostaria que os outros me fizessem; lendo todo dia que é pra fixar, porque se não eu vou me pegar, no dia a dia, tratando um cliente como eu não gostaria que ele me tratasse, as vezes até perdendo as estribeira porque o cliente disse ou alguém disse alguma coisa que não está correto mas eu teria que ter uma outra postura, mas eu perco a paciência. Eu estou muito longe, muito longe mesmo. (Sic)

Entrevistado 7:

Eu estou longe de ser esse ideal, porque assim seria um ideal como ser humano, um ideal espírita seria um ideal, então eu poderia trazer Madre Tereza de Calcutá pra ser espírita, Imã Dulce e outros. São seres que reencarnaram sabendo das dificuldades que encontrariam pelo seu ideal. Então eu estou caminhando, mas eu não me considero ainda um ideal no espiritismo sabe, estou caminhando. Um dia eu chego lá. (Sic)

Entrevistado 8:

Considero-me verdadeiro espírita. Se verdadeiro estiver como sinônimo de ideal, aí não é não, agora se considera espírita? Sim. Ideal não. Eu tenho lentamente conseguido alguns avanços, mas estou muito longe do ideal. Aprendi no centro espírita uma frase muito interessante: Se você não está preparado pra ser leproso não vá ao leprosário abraçar leprosos para aparecer abraçando. Se você não tiver preparado para ser leproso não invente de abraçar para aparecer abraçando. (Sic)

Entrevistado 9:

Considero-me uma pessoa que tenta ser um verdadeiro praticante do espiritismo. Mas tenho muitas limitações e tenho a consciência de que elas me impedirão, por um bom tempo ainda, de me transformar na pessoa que desejo ser. (Sic)

Entrevistado 10:

Não consigo entender o que seja “verdadeiro” e “ideal espírita”, sou um ser humano com defeitos e qualidades, que busco viver em equilíbrio, agradecido pelas transformações já ocorridas. (Sic)

Entrevistado 11:

Sim, no sentido de estar procurando se melhorar moralmente. (Sic)

Entrevistado 12:

Sim e Não. – (Sim) – Se levarmos em conta a dedicação que procuro ter na realização das tarefas e do compromisso assumido com a causa espírita mesmo com as dificuldades de toda ordem que encontro. – (Não) – Porque ainda estou muito longe do conhecimento necessário e de virtudes não alcançadas que caracterizam o verdadeiro espírita. (Sic)

Entrevistado 13:

Ainda não. Por que procuro agir sempre dentro dos preceitos do evangelho, dentro e fora da casa espírita, em todas as minhas atitudes diárias, mas sei que ainda estou muito longe de ser perfeita, tenho buscado incessantemente me tornar um ser melhor; e, sempre que posso estou presente na casa espírita para o trabalho que urge. Considero que ainda tenho muito o que aprender dentro da seara do Cristo. (Sic)

Entrevistado 14:

Não. Estou em busca de me tornar este ideal como Jesus o foi aqui na terra. (Sic)

Entrevistado 15:

Sinceramente, não! Tento praticar diariamente os ensinamentos de Jesus, mas confesso que as vezes a fraqueza espiritual é grande e me deixa arrastar por pensamentos e atitudes contrários ao ideal cristão. Contudo, uma vez identificado o erro, procuro a serenidade e o reequilíbrio através da prece. (Sic)

Entrevistado 16:

Sou espírita. Para ser verdadeiro, por conta das minhas imperfeições, continuo matando todo dia, os monstros que criei (orgulho, vaidade, etc). (Sic)

Entrevistado 17:

Aprendemos que se conhece o verdadeiro espírita pelo esforço que ele empreende em domar as suas más inclinações; aquele que procura se transformar num homem de bem. João Nunes Maia, em mensagem ditada em Belo Horizonte ao médium Cláudio Lenine, afirma que Espiritismo que não renova o homem não é o Espiritismo que Jesus enviou para restauração de seus princípios. Observando-se o conteúdo dessas explicações, mesmo não sendo ainda um espírita perfeito ou ideal, nós nos consideramos um verdadeiro espírita sim, porque temos procurado nos melhorar, nos reformar, nos transformar, procurando atingir o patamar de um homem de bem, num esforço constante em ser melhor do que fomos ontem. (Sic)

Entrevistado 18:

Não. Longe estou de alcançar a meta. Conhece-se o verdadeiro espírita pelo esforço que empreende para combater suas más tendências. Sou mais um fazendo esforço. (Sic)

Entrevistado 19:

Olhe, veja bem, um espírita ideal, pra ele colocar num mundo de expiação e prova é difícil, é difícil pelo seguinte: porque você vai encontrar vários tipos de características de pensamento, de opiniões, de convivência. Então eu sou um espírita que eu posso dizer assim diferente dos outros, porque eu vivo no meio da miséria, eu vivo no meio da necessidade, isso faz com que você renuncie ainda mais e faz com que você não busque mais do que você tem, porque de repente você estar aqui e de repente você estar numa favela, de repente você estar numa favela e você estar num lugar alagado. Então eu convivo aqui há 41 anos, então quando eu passo a olhar aquilo ali junto com Dona Maria Claudia, às vezes eu digo: “Meu Deus, a culpa disso não é religiosa, é política e a gente não pode fazer nada”. Então essa criança que a gente “ta” vendo ali tomando aquela farinha de maisena, que aquilo não é mingau, então outras crianças agora estão tomando “danone”, eu não me conformo com aquilo, aquilo não é condição que Deus colocou (...), entendeu? Então aí eu digo: “Eu não seria um espírita ideal pensando assim”, entendeu? Porque a gente convive, é como se a gente convivesse dentro de umbral aqui em Prazeres, a gente vê diversas situações, daqui a pouco a gente vai pra (...). (Sic)

Pergunta nº 10

O que você diria das diferenças de conduta nos centros espíritas?

Entrevistado 1:

São advindas do “achismo” dos que desconhecem a doutrina e o peso da cultura católica. (Sic)

Entrevistado 2:

Um misto do “achismo” daqueles que não compreendem o pensamento espírita, somado ao peso da cultura católica no comportamento dos trabalhadores. (Sic)

Entrevistado 3:

Os espíritas no Brasil construíram um movimento “religiosístico”, influenciado pelo peso da cultura católica. Por isso as práticas das casas espíritas apresentam um perfil muito religioso, com rituais e posturas típicas da religião tradicional. (Sic)

Entrevistado 4:

É fácil, condição espiritual de cada ser que vive em grupos, sociedades, seja no centro espírita ou não, aonde permite o intercâmbio, Aprende a exercitar os valores adquiridos, quanto maior a vontade de acertar, maior realizações no bem, quando maior valor aos sentimento do egoísmo e orgulho, se distancia da harmonia e equilíbrio desejado por todos, gerando praticas diferentes. (Sic)

Entrevistado 5:

Os centros espíritas devem se conduzir dentro dos segmentos da doutrina espírita. Entretanto, sabemos que eles são, no plano material, conduzidos por pessoas que tem seus procedimentos diferentes na execução de suas tarefas. Porém, desde que não comprometa a doutrina, agindo sempre dentro dos seus ensinamentos, com responsabilidade, tudo bem, pois se assim for procedido, as diferenças só farão soma para melhor dinamização e entrelaçamento do aprendizado como também o da exemplificação. (Sic)

Entrevistado 6:

Cada criatura se encontra num determinado grau de entendimento e acha que deve fazer algum estudo, fazer alguma pesquisa e chega a conclusão que deve agir daquela forma, que aquela forma é mais adequada à prática do centro. A Federação Espírita Brasileira tem se esforçado para unificar essa prática dentro do centro espírita, gradativamente eu acredito que ela vá conseguir. Mas agora é praticamente muito difícil porque as criaturas estão em graus diversos de entendimento. Então divergência é só isso, mas no fundo o objetivo, eu creio, que seja sempre o mesmo. (Sic)

Entrevistado 7:

Eu escuto muitas críticas a esses trabalhos, eu não faço criticas a esses trabalhos. Mesmo os que não foram preconizados por Kardec, eu não faço criticas a esses trabalhos, não faço. Eu acho que realmente a gente tem que tomar um cuidado pelos erros, em nome da doutrina, mas eu acredito que as pessoas que trazem esse trabalho para o centro espírita, eles trazem com intuito de ajudar a humanidade, agora talvez ele precise esclarecer, eles precisam orientar as pessoas dizendo: olhe isso aqui não é espiritismo é uma medicina alternativa. Talvez precise orientar nesse sentido. Mas eu não acho que faça mal, as pessoas condenam, dizem que não deve ter, mas se a casa espírita tem um espaço, e esse tem, isso é uma opinião minha, de repente vai ver que Kardec não seria a favor, se a casa as vezes tem várias salas e vários trabalhadores que fizeram tal curso e pode dar a sua contribuição, eu não vejo nada demais que faça. Agora a casa tem que sempre estudar muito, né? Colocar essas pessoas no grupo de estudo que ainda há umas resistências de alguns dirigentes antigos com relação a estudar, eles acham que devem estudar cada um na sua casa, assistir a palestra e não promove encontros para que haja estudo de grupos. Por isso que eu tive a ousadia de formar o grupo de estudos e no futuro, se Deus quiser, formarei outros. A gente pode estudar Hermínio Miranda, a gente pode estudar André Luiz e colocar outro estudo. (Sic)

Entrevistado 8:

A gente conhece uma frase de um francês Chico Porto que diz assim: o que mais nos surpreende na vida é a gente se surpreender com alguma coisa. Então como nós somos diferentes, como nós temos grandes diferenças de conhecimento, no modo geral, níveis diferentes, a gente não poderia imaginar a unificação. A unificação só vai acontecer quando tiver muita gente no nível lá de cima, como é que a gente está numa condição dessa, participando de um Centro ou de uma Federação e está ainda com “melindres”. Isso é fruto do nosso desnível, o desnível entre nós, o defeito não é da religião ou dos religiosos. (Sic)

Entrevistado 9:

A diversidade dos trabalhos espíritas é muito grande: estudos, pesquisas, experimentação, desobsessão, etc. Daí ocorrer, naturalmente, uma adequação das condutas dos Centros espíritas à natureza dos trabalhos que lá se desenvolvem (Sic)

Entrevistado 10:

O Espiritismo é relativamente novo, portanto muitos espíritos o estão vivenciando pela primeira vez. Por trazermos muitos condicionamentos culturais e religiosos no inconsciente, projetamos nas práticas espíritas esses condicionamentos, daí essa proposta ser um grande desafio em nossa existência. (Sic)

Entrevistado 11:

Sinceramente, não tenho condições de falar sobre outras casas espíritas. Nossa casa preza pelo estudo, pela disciplina e pela prática da caridade, assim como Kardec e a espiritualidade nos ensinou. O centro que segue as orientações de Kardec, principalmente, no que se refere ao capítulo "Das Sociedades Espíritas", do Livro dos médiuns, está num bom caminho. (Sic)

Entrevistado 12:

Eu diria que existem várias causas que levam a essas diferenças: uma delas é fruto do grau de conhecimento e compreensão sobre o assunto; o grau de adiantamento moral que possuímos; os resquícios culturais de outras religiões, etc. (Sic)

Entrevistado 13:

Acredito que como há diversos mundos devido aos diversos graus de evolução dos seres espirituais, aqui na terra também temos diversos graus de evolução dos seres encarnados, e devido a isso, há diversos graus de conduta nas casas devido à evolução dos seres que nelas freqüentam e trabalham. (Sic)

Entrevistado 14:

Diferenças de conduta: o Pai Maior nos deu o livre arbítrio para conduzirmos nossas instituições de acordo com a espiritualidade mentora da casa, sem fugir da doutrina kardequiana e principalmente dos ensinamentos de Cristo. (Sic)

Entrevistado 15:

Esta questão é um pouco delicada, pois apesar de sermos espíritas, muitas vezes, algumas Instituições são coordenadas por equipes materiais, que pela própria imperfeição humana, têm uma visão limitada e distante da realidade do mundo

espiritual, prevalecendo a opinião pessoal de médiuns e não de mentores espirituais. (Sic)

Entrevistado 16:

As instituições são dirigidas por homens que ainda trazem no seu íntimo as experiências de outras religiões desta ou das existências anteriores, e querem aplicá-las na casa espírita. (Sic)

Entrevistado 17

Nas entidades espíritas propriamente ditas, - porque somente existe um espiritismo - as diferenças são mínimas ou quase nenhuma. Talvez você esteja se referindo a existência de casas espíritas que trabalham com cirurgias espirituais, mas, mesmo nesses casos, o que difere é somente o modo de transmitir a mensagem. Porque cirurgia espiritual existe em qualquer trabalho de cura, como no passe, na fluidoterapia. Outras casas realizam o trabalho de desobsessão com a presença do obsediado na sala de reuniões mediúnicas, que não é o nosso caso. Mas, no geral o trabalho é idêntico, apenas dirigentes desatentos modificam de modo suave a maneira de trabalhar sem prejudicar o contexto. (Sic)

Entrevistado 18:

Quanto as diferenças de conduta das práticas doutrinárias, é observado que a causa das diferenças está diretamente ligada a falta de estudo da codificação e o não cumprimento das orientações da FEB e FEP. (Sic)

Entrevistado 19:

Falta de organização, a gente pode dizer isso dentro do nosso meio doutrinário, falta de organização. Nós não temos organização administrativa nem de federativa, nem temos organização dos centros que são aliados à comissão estadual do espiritismo, nem à federação espírita. Então a gente sabe que “existe” pessoas boas ali dentro, “mais” “existe” pessoas, meu Deus, que têm que ser teleguiadas, não tem o que fazer, uma diretriz, entendeu? Então se houvesse, vamos dizer, uma seriedade daqueles que são afiliados à federação, aqueles que estão na federação, que deseja avançar o espiritismo, aí nós poderíamos dizer que dentro de 2 anos a gente mudaria essa situação. Agora ficou uma situação bastante complexa, quando uma instituição, ela não é filiada à federação e recebe o desprezo da federação. Então, não é desprezando os outros que você vai erguer os outros, de jeito nenhum, é você se aproximando dos outros, entendeu? (Sic)

Pergunta nº 11

Que “motivos” influenciam as práticas espíritas diferenciadas, já que a base doutrinária é a mesma?

Entrevistado 1:

O primeiro motivo é a falta de conhecimento do espiritismo. Depois vem o peso da cultura religiosa. Por isso o movimento espírita está distante do espiritismo. (Sic)

Entrevistado 2:

Um misto do “achismo” daqueles que não compreendem o pensamento espírita, somado ao peso da cultura católica no comportamento dos trabalhadores. (Sic)

Entrevistado 3:

Ações baseadas em “achismos” de quem não conhece essa base doutrinária, e a influência da cultura católica. (Sic)

Entrevistado 4:

Compreensão dos ensinamentos e condição evolutiva. O personalismo de cada ser, julgam fazer melhor. A doutrina não será sempre pura, inabalável, aguardando a evolução dos seres, onde possam compreender o Cristo como modelo e guia, enquanto estivermos distantes do Mestre, teremos práticas diferente, más serão importantes exercícios. (Sic)

Entrevistado 5:

A base é a mesma, bem o disse, porém sabemos que cada casa espírita, tem seu perfil, e condições para executar as suas tarefas. Os motivos são vários, tais como: frequência, estudos, participação no movimento espírita, acompanhamento das novas propostas de evolução, nas pesquisas da ciência, interação entre as casas, etc. (Sic)

Entrevistado 6:

Muitos centros adotam tanto os ensinamentos de Kardec como os Quatro Evangelhos de Roustaing. Em decorrência, aí criam aquela celeuma porque Roustaing tem uma idéia completamente diferente distorcida das idéias de Kardec. O fator complicador em tudo isso é que a Federação Espírita Brasileira recomenda o estudo dos Quatro Evangelhos de Roustaing. E essa mesma Federação fala no movimento de unificação. (Sic)

Entrevistado 7:

É o próprio homem, cada um tem uma condição de percepção, uma capacidade diferenciada. Toda casa espírita estuda Kardec. Até percebo com mais abertura. Mas eu acho essas aberturas pra medicina alternativa importante, não vejo nenhum mal à doutrina. O que não podem é misturar. Por exemplo, Divaldo foi dar uma palestra e a pessoa pediu que ele falasse mais baixo, porque na outra sala estava havendo um trabalho desses, aí é incoerência. (Sic)

Entrevistado 8:

Os motivos não são nem tanto o grau de conhecimento, são o grau de amadurecimento, porque melindre, vaidade, esses dragões que vivem dentro de nós ou nos consumindo, isso é que provoca essas diferenças. (Sic)

Entrevistado 9:

Os diferentes estágios de conhecimento das pessoas que compõem as diferentes Casas espíritas. (Sic)

Entrevistado 10:

A pouca maturidade pela idade espiritual de cada ser e os condicionamentos do inconsciente, dificultando o entendimento do Espiritismo. (Sic)

Entrevistado 11:

Toda religião busca aproximar o homem de Deus. Todas, sem distinção, pela própria etimologia do termo. Quando isso não acontece é pela imperfeição do homem, seja por orgulho, vaidade ou ignorância. (Sic)

Entrevistado 12:

A base doutrinária é uma só, mas as origens dos conhecimentos dos praticantes ou daqueles que estão na doutrina nem sempre é de origem da mesma fonte, ou seja, da codificação realizada por Kardec. Muitos irmãos querem misturar hinduísmo, teosofia, budismo e outras religiões com doutrina espírita. Faço aqui uma ressalva de que qualquer doutrina ou religião é importante e necessária para atender as necessidades de cada criatura, mas que não é doutrina espírita. (Sic)

Entrevistado 13:

A diferença de interpretação e entendimento da doutrina e a evolução dos trabalhadores delas. (Sic)

Entrevistado 14:

Diversos, tais como: o número de trabalhadores de cada instituição, a harmonização entre os trabalhadores e os mentores espirituais da casa e a tão almejada reforma íntima, pois ela é a principal conquista e ferramenta de evolução. (Sic)

Entrevistado 15:

Muitos centros espíritas desenvolvem apenas os aspectos religiosos e filosóficos do Espiritismo em detrimento do aspecto científico. Isso também leva a uma diferença de conduta, principalmente na forma dos tratamentos espirituais, tendo em vista que os que são baseados sob a orientação de médicos espirituais serão diferentes daqueles que não têm essa assistência. (Sic)

Entrevistado 16:

As instituições são dirigidas por homens que ainda trazem no seu íntimo as experiências de outras religiões desta ou das existências anteriores, e querem aplicá-las na casa espírita. (Sic)

Entrevistado 17:

Se existem, penso que deve ser a falta de estudo dos seus dirigentes. Se não for a falta de estudos, o intuito de fazer proselitismo, de ter casa cheia, etc. Isso é um assunto que fica difícil de comentar e pormenorizar mas existe uma regra que Kardec utilizou que é infalível: "o consenso universal do ensino dos espíritos". Quando alguma coisa precisa ser modificada os espíritos revelarão através de diversos médiuns, a diversos grupos espíritas diferentes, para que não haja a ocorrência dessas diferenças. Além do mais, temos as obras básicas da doutrina, as obras subsidiárias de Chico Xavier, de Divaldo Franco, de Raul Teixeira e outros ícones do espiritismo que não deixam margem ao cometimento de equívocos. Se não estiver enquadrado nesses princípios estabelecidos pelo próprio Kardec e

dentro das obras já citadas anteriormente é invencionice que não deve ser seguido. (Sic)

Entrevistado 18:

Motivos que influenciam as práticas espíritas diferenciadas: falta de estudo da doutrina (implantação do ESDE) e mais uma vez o não seguimento das orientações recebidas pela FEP e FEB. (Sic)

Entrevistado 19:

O melhoramento do Espiritismo é a base da sua colocação, divergências de opinião, sistema de trabalho. Pautamos um líder, as pessoas se espelham no que o líder faz, não tivemos isso, tivemos várias opiniões regionais, mal entendidas, das interpretações dos livros espíritas devido à condição de evolução de cada um e isso complicou.

Kardec deixou as coisas perfeitas e as pessoas não acompanharam a evolução do planeta, há centros espírita que ainda adotam sistema umbandista, não pelo espiritismo mas pelo entendimento que dele faz. A codificação é fácil as pessoas complicam, entre o Livro dos espíritos e o dos médiuns não há discordância, há uma continuidade.

De repente espíritas acharam que estavam na terra em missão de dirigentes de centro, colocaram suas próprias idéias, não as do espiritismo, não se espelharam na codificação. Alguém criou o sistema e achou que ia durar, o sistema caiu, não estava conforme a codificação espírita nem os espíritos sérios, entrando em sistemas contraditórios, quando os espíritos se afastaram eles ficaram sós, o sistema caiu, muitas casas espíritas perderam o recurso financeiro, perdemos muitos adeptos em 20 anos, somos testemunhas que existe espírita só por ser espírita não por frequentar a instituição. Não tem mais platéia além de 100 só de 5 pessoas é muito pouco.

Se isso está acontecendo, a base de sua pesquisa está corretíssima, foi uma inspiração Divina, serve de alerta para nós na condição de médiuns, dirigente, conselheiro: cada vez que se afasta mais fraco se fica, é a verdade.

A gente precisa de um líder pra se espelhar nele, o líder diria: o sistema está errado, se acompanharia o sistema do líder, não tivemos isso. Tivemos um líder psicógrafo diferente, Francisco Candido Xavier, líder psicográfico, não de organização de estrutura de centro espírita, ele não tinha essa característica, tinha a de trazer a informação do plano espiritual. (Sic)

Pergunta nº 12

Qual o modelo de casa espírita que você imagina?

Entrevistado 1:

Uma escola, onde aprendemos a realidade da vida espiritual, suas relações com o mundo material e local onde temos oportunidade de colocar em prática o amor. (Sic)

Entrevistado 2:

Uma escola onde se pode aprender a realidade da vida espiritual, suas relações com o mundo material e a vivência de suas conseqüências. (Sic)

Entrevistado 3:

Um modelo de escola, pois penso que o Espiritismo como ciência deve ser permanentemente estudado e vivido. (Sic)

Entrevistado 4:

O que mais se assemelhe da casa do Cristo. Não tem modelo! – é consequência das construções e vivências dos seus membros Mas tem que ter Acolhimento, onde as pessoas possam ter encontros e realizações reais de afeto e realizarem seu progresso. Será resultante sempre das construções dos seus habitantes, todas importantes, na evolução dos participantes. (Sic)

Entrevistado 5:

Modelo é sempre o melhor, e o melhor para casa espírita é se trabalhar na tarefa do bem, com união e fraternidade. Tendo isto, a espiritualidade terá instrumento para a execução do seu trabalho fundamentado no verdadeiro Amor de Cristo. (Sic)

Entrevistado 6:

Primeiro, a casa espírita deve ser aquela que se conduza principalmente pela síntese que nos deixou Allan Kardec; segundo, que esteja calcada nos seus objetivos, porque o objetivo não só da casa espírita, mas o objetivo de toda religião é tornar o homem melhor. Então eu acho que principalmente o objetivo da Casa espírita deve ser esse tornar o homem cada vez melhor, esclarecê-lo acerca da sua existência, do que está fazendo neste planeta, qual a sua missão. Dirimir as suas dúvidas acerca da sua própria existência, colocar o homem frente a frente consigo mesmo e com a caridade e fazer com que ele possa cada vez mais entender os ensinamentos tanto nas palestras, nos seminários, nos simpósios ou na leitura dos livros espíritas. Ele interioriza esses ensinamentos e coloca na prática do seu dia a dia, tornando-se uma pessoa melhor ao desencarnar. (Sic)

Entrevistado 7:

Eu acho que com a evolução dos tempos a casa espírita tem que se voltar muito mais para ajudar o ser, ela precisa do lado social, precisa porque nós não podemos falar de Deus com nossa barriguinha cheia e o outro com fome e querer que ele compreenda Deus. Então é preciso que o espiritismo tenha esse lado social. Mas a casa espírita precisa acolher mais, há momentos que as pessoas entram na casa espírita, entra e sai e ninguém notou que ele entrou e saiu, então é preciso que as pessoas agucem a percepção. (Sic)

Entrevistado 8:

Eu não digo nem o modelo que imagino. Se a gente conseguisse o modelo previsto pela Federação Espírita Brasileira, que tem naquelas orientações dos centros espíritas da FEP, esse seria o modelo ideal idealizado. (Sic)

Entrevistado 9:

Imagino uma casa espírita que, além dos trabalhos que já realizamos, possua cursos sobre espiritualidade nos moldes de uma instituição de ensino: básicos, de nível médio e superior. Cursos estes que permitam a formação de trabalhadores com um compromisso cada vez maior com os ideais espíritas. (Sic)

Entrevistado 10:

Um modelo que seja escola voltada para a educação, promovendo o homem de bem. (Sic)

Entrevistado 11:

Uma que pratique a caridade cristã, baseada nos preceitos codificados por Allan Kardec, cujos trabalhadores sejam disciplinados e que procurem construir o verdadeiro sentido do amor dentro de si. (Sic)

Entrevistado 12:

Uma casa espírita onde o principal objetivo deve ser: Divulgar as verdades espirituais e os ensinamentos deixados por Jesus e ao mesmo tempo em que esteja sendo feito esse trabalho, possam todos os integrantes desse centro, praticar essas Verdades (nas palavras e nas ações) ao realizar o “atendimento fraterno” à todos que buscam o conhecimento ou o alívio de suas dores. (Sic)

Entrevistado 13:

Uma casa onde os trabalhadores se respeitam mutuamente, onde a sinceridade é a prática diária e os melindres, egoísmos e orgulhos são deixados de lado para o bem da causa espírita. A disciplina e o estudo são respeitados e praticados por todos indistintamente. (Sic)

Entrevistado 14:

Uma casa que transcenda as paredes físicas, levando ao homem o ideal da doutrina que é “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a se mesmo.” (Sic)

Entrevistado 15:

Aquele que segue os preceitos cristãos. (Sic)

Entrevistado 16:

Onde se pratique a Caridade e vivenciem os ensinamentos do Cristo. (Sic)

Entrevistado 17:

Imagino uma casa espírita funcionando como um pronto socorro espiritual: aberta 24 horas por dia. Realizando todos os trabalhos concomitantemente, inclusive exercendo o papel de um centro cultural onde todas as pessoas pudessem trocar idéias acerca de seus princípios até atingir a fase final da regeneração da terra. (Sic)

Entrevistado 18:

Não respondeu.

Entrevistado 19:

A gente começou a frequentar as reuniões de adeso, eu e Dona Maria Claudia Martins. Lembro que me dava dor de cabeça enorme, eu dizia: D. Maria Claudia o que está acontecendo? Ela dizia: “Olhe, é a assistência que não é boa, mas não fale nada”. Eu disse: “Mas como não vou falar? Estou numa federação é pra ter uma assistência, não é pra “ta” desse jeito”. “Mas não diga nada, tem coisas que você desconhece”. Eu disse: “Um dia vou saber o que é”.

Então o que é que a gente começava a perceber ali? Que existia privilégio de uns e de outros não, aqueles que tinham mais recursos eram benquistos, era bem tratado e os que nem recurso possuíam, então, não existia direito de igualdade ali. Eu disse: “Olhe, Dona Maria Claudia, eu não quero ir pra reunião de adeso, não sou dirigente, estou representando Dona Maria Alves que era a presidente, que mandaram eu representar”. Então a gente começou a perceber que o órgão principal não tem autoridade nenhuma, não teria como controlar uma doutrina tão séria, “existe” homens de muita capacidade moral na parte administrativa da uma federação e ali não existia essa moralidade, de chegar e dizer: “Olhe, vocês tem que seguir isto aqui”.

Então “era dado” os estudos de passes para o presidente do centro, mas o presidente não repassava pra ninguém, continuava no sistema umbandista, eu disse: Meu Deus, como é que pode, o Senhor não foi pro trabalho de passes, estudo de passes?” “Fui, mas faz 10 anos que eu faço assim, não se incomode, não”. “Mas não pode, foi um sistema errado, criatura”. Aí pra você perceber, aí que a partir do momento que nesses períodos que a gente passou dentro da doutrina espírita não surgiu um líder que falasse a verdade, não se impôs a verdade, ninguém é dono da verdade, “mais” que falasse a verdade e todos seguissem ela, a gente não estaria hoje como nós estamos, entendeu?

Nós estamos pouco a pouco auto-destruindo, a verdade é essa, porque a religião evangélica toma um campo enorme em rádio, em televisão, em jornais, enquanto a gente “tá” lá atrás discutindo quem é presidente, quem é vice e qual é a diretoria que eu vou formar. Então isso é o meu ponto de vista, em termo dessa questão que a gente coloca aí, da unificação, “ta” longe de Bezerra de Menezes.

A gente “tá” preocupado com a instituição, os postos, os cargos, a autoridade “mais” não a religião, o espiritismo, que é a filosofia.

Os espíritos preferem adotar outro sistema do que mudar o sistema porque eles sabem que não vão conseguir fazer isso, porque são mentes já há mais de 100 anos, então não tem como você mudar essa situação. A partir do momento que Dona Maria Claudia tentou, o prejudicado fui eu, porque ninguém quis me escalar pra canto nenhum.

É, não aceitaram uma renovação que não mexesse com a codificação, mas que renascesse o lado científico, renascesse o lado filosófico, o lado religioso. Aí sim, a religião fortalece, porque como é que o espiritismo vai explicar hoje em dia as células troncos se ele é religião? Como vai explicar hoje as células embrionárias, se ele é religião? Como explicar os semens congelados, se ele é religião? Não tem explicação nenhuma a dar, não tem porque vai ficar perdido no catolicismo, vou explicar o quê? Por isso que no ponto de vista médico espiritual, eles trabalham com as três filosofias juntas, aí fortalece o trabalho, aí nesse ponto de vista a gente concorda. (Sic)

Pergunta nº 13

Que curiosidade você tem com relação a esse campo de conhecimento? (Espiritismo)

Entrevistado 1:

Busco saber cada vez mais o assunto. (Sic)

Entrevistado 2:

Entender cada vez mais o mundo espiritual e suas relações com o corporal. (Sic)

Entrevistado 3:

Entender mais as relações do mundo espiritual com o mundo material. (Sic)

Entrevistado 4:

A carta dos Mortos que estão todos vivos! A evidência dos fatos – Relatos (cartas dos mortos vivos – em Uberaba) Acompanhei uma mãe que teve um filho que suicidou-se diante da esposa e da filha de 2 meses... na carta...” Querida Mamãe C.... eu não sabia que Deus falava pela boca das mães aos corações dos filhos na terra... quando segurastes minha mão e dissestes – Filho! Pensas no que irás fazer.. eu não te dei ouvidos.. e hoje....” A maior curiosidade foi a riqueza dos detalhes dessa comunicação e veracidade para nenhum ser desconfiar que conheceu a família e a carta. (Sic)

Entrevistado 5:

Percorrer os locais, os muros da verdadeira historia ao longo do tempo. (Sic)

Entrevistado 6:

Porque quando você adentra ao espiritismo, o espiritismo já tem preparado pra você uma serie de novidades, uma serie de curiosidades, uma serie de ensinamentos que torna você curioso também. Então quanto mais você ler as obras espíritas, quanto mais você se aprofunda em seus ensinamentos, quanto mais que você percebe que aquilo que você achava sobrenatural é uma fato naturalíssimo, você vai se tornando curioso naturalmente, você vai tentando buscar fatos novos para colocar na pratica do seu dia a dia. Então eu acho que a busca do aprimoramento da criatura humana de si mesmo, é que torna você curioso pra pesquisar, é o motor que lhe impulsiona pra que você leia as novas obras, pra que você veja nos Seminários o que tem novidades, para que você pergunte a alguém que sabe mais do que você sobre dúvidas de um livro que você leu. Então é surpreendente a capacidade que a doutrina espírita tem de lhe deixar perplexo a cada vez que você ler uma nova obra. (Sic)

Entrevistado 7:

A minha curiosidade é quando a nossa percepção for ampliada, que nós pudermos entrar em sintonia com essa espiritualidade com mais freqüência, vamos passar a ver como uma coisa natural. Então a minha expectativa é essa, eu acredito que nessa existência isso não vai mais acontecer comigo. Então quando o planeta terra tiver numa condição melhor fica mais fácil essa comunicação, vai ser melhor, vai ser mais bonito viver, por enquanto a gente está muito distante. Muitas vezes um amigo espiritual se aproxima da gente, não encontra nem um campo vibratório pra se aproximar. (Sic)

Entrevistado 8:

Eu não digo nem curiosidade e digo assim: eu acho que o misticismo interfere muito nisso. O misticismo. Porque nós somos um País onde existem muitos princípios religiosos. De madrugada se tiver acordado liga a televisão você vê lá, sessão de descarrego espiritual. Existe muito misticismo, religiões que não são espíritas, aproveitam-se daquele veículo de comunicação, toma pega carona naquele

princípio, né? Então eu não digo assim curiosidade, não é que tenha curiosidade. A gente observa que o lado religioso do espiritismo no Brasil está crescendo muito, até mais que o lado científico, entendeu? Até mais que o lado científico. Porque o lado científico cresce até em outros países com princípios, com pessoas que são cientistas de outras religiões. (Sic)

Entrevistado 9:

A cada dia, desde que cheguei ao Instituto Allan Kardec, descubro o quanto não sei. São 6 anos de aprendizado e tenho consciência de que, quanto mais estudar, mais dúvidas terei. Então aguardo, a cada semana, a lição a ser aprendida. Tem sido uma experiência riquíssima e motivadora. (Sic)

Entrevistado 10:

Não tenho curiosidade alguma. (Sic)

Entrevistado 11:

O Espiritismo estuda a vida, a relação entre o mundo espiritual e o material e as conseqüências morais dessa relação. Não tenho uma curiosidade específica no Espiritismo, mas, sobretudo, sobre as coisas da vida. Entenda-se curiosidade, como necessidade de compreender as coisas, e não um desejo infantil de descobrir o que acontece sem aprofundar. Quem estuda Espiritismo está em constante busca pelo conhecimento. (Sic)

Entrevistado 12:

Procuro sempre afastar o sentimento da curiosidade substituindo pelo sentimento da necessidade do saber, para aprender e compreender, de forma que possa substituir a ignorância por verdades esclarecedoras que me afastam desse sentimento. (Sic)

Entrevistado 13:

Ter o merecimento de um dia poder ver nossos irmãos desencarnados. (Sic)

Entrevistado 14

O processo do fenômeno mediúnico em todas as suas nuances. (Sic)

Entrevistado 15

Não tenho mais curiosidade, acho que o estudo e a fé raciocinada nos levam à certeza. (Sic)

Entrevistado 16:

Quando precisei me afastar do Centro Espírita Nosso Lar, em 1980, por causa de uma 4ª gestação, fui procurar outra instituição no bairro de San Martin. Encontrei uma casa que, na época, não permitia que homens e mulheres sentassem juntos. De um lado ficava as mulheres e no outro os homens. Não era permitido cochilar, cruzar braços ou pernas. Quando faziam Campanha do Quilo, iam descalços. (Sic)

Entrevistado 17:

“À medida que o tempo passa, mas eu sei que nada sei”, assim falou Sócrates. A curiosidade que temos com relação a esse campo do conhecimento é que, sendo o Espiritismo uma ciência progressiva, jamais será ultrapassada, porque, à medida que a ciência for avançando, o Espiritismo vai avançando com ela, chegará o dia em

que conversaremos com os espíritos de nossos entes queridos, que nos antecederam no regresso ao mundo dos espíritos, através de nossos aparelhos de televisão ou via “internet”. Aliás, isso não é nem mais curiosidade é uma certeza que num futuro muito breve, ocorrerá. (Sic)

Entrevistado 18:

Curiosidade nenhuma. Tenho muita sede de conhecimento, esclarecimento que só o estudo proporciona. (Sic)

Entrevistado 19:

Antes de morrer ou desencarnar, pretendo adentrar no campo da associação de células cancerígenas com eletromagnetismo. É uma curiosidade nesse campo, que não está psicografado por ninguém, que associação será essa? Porque os portadores de Câncer têm o mesmo eletromagnetismo do paciente que tem hipnose e obsessão. Na minha cabeça é um ponto de interrogação, que eu penso 24 horas por dia, por que essa associação? E por que, quando eles se estressam, desenvolve bem rápido, entendeu? O campo hoje científico no espiritismo é mais baseado no perispírito, na mediunidade. A parte mediúnica pelos espíritos já está resolvida, é uma parte que foi fechada por eles, tem muitas coisas para estudar nesse ponto de vista. Questões relacionadas de encarnado a encarnado, doenças que um transmite ao outro, de espíritos encarnados pra encarnados, isso é campo “morto” moderno. Então, como estamos vivenciando uma ciência, essa ciência avança conforme a ciência terrestre avança. Minha maior curiosidade é descobrir essa associação, não tenho curiosidade na área mediúnica, desobsessiva, tenho curiosidade porque já é um campo muito bem estudado, bem elaborado por outros escritores, mas o da doença perispiritual ainda é coisa que precisa ser estudada profundamente. (Sic)

APÊNDICE G

ENTREVISTADOS QUANTO AO TEMPO QUE SÃO ESPÍRITAS

TABELA 3.2.01

| Há quanto tempo você é espírita? | |
|----------------------------------|-----------|
| Desde criança | 1 |
| 3 anos | 1 |
| 7 anos | 1 |
| 9 anos | 1 |
| 16 anos | 1 |
| 17 anos | 1 |
| 18 anos | 1 |
| 25 anos | 3 |
| 28 anos | 1 |
| 30 anos | 2 |
| 32 anos | 1 |
| 34 anos | 1 |
| 35 anos | 2 |
| 37 anos | 1 |
| 60 anos | 1 |
| TOTAL | 19 |

APÊNDICE H

ENTREVISTADOS QUANTO AO TEMPO QUE TRABALHAM NOS CENTROS ESPÍRITAS

TABELA 3.2.02

| <i>Desde quando você trabalha nesta casa?</i> | |
|--|-----------|
| Trabalha muitos anos na federação espírita de Pernambuco e depois veio para André Luiz | 1 |
| Desde 1980 | 1 |
| 6 anos | 1 |
| 7 anos | 1 |
| 8 anos | 1 |
| 9 anos | 1 |
| 13 anos | 2 |
| 14 anos | 1 |
| 15 anos | 2 |
| 18 anos | 2 |
| 20 anos | 1 |
| 24 anos | 1 |
| 25 anos | 1 |
| 26 anos | 1 |
| 31 anos | 1 |
| 37 anos | 1 |
| TOTAL | 19 |

APÊNDICE I**DISTRIBUIÇÃO DOS ENTREVISTADOS QUANTO À FUNÇÃO QUE OCUPAM
NO CENTRO ESPÍRITA****TABELA 3.2.03**

| <i>Qual é a atividade que você desempenha neste centro?</i> | |
|---|-----------|
| Presidente | 10 |
| Coordenadora dos grupos de estudo | 2 |
| Responsável pelo setor mediúnico | 5 |
| Responsável p/ setor grupos de estudo | 2 |
| TOTAL | 19 |

APÊNDICE J

ENTREVISTADOS QUE TÊM FAMILIARES ESPÍRITAS

TABELA 3.2.04

| <i>Você tem algum componente espírita na sua família?</i> | |
|---|-----------|
| Sim | 4 |
| Meus pais | 6 |
| Não | 3 |
| Esposo e outros familiares | 1 |
| Meus avós maternos | 1 |
| Não respondeu | 3 |
| Meus avós, pais e irmãos | 1 |
| TOTAL | 19 |

APÊNDICE K

TEMPO DE ATUAÇÃO DOS ENTREVISTADOS COMO TRABALHADORES ESPÍRITAS

TABELA 3.2.05

| <i>Há quanto tempo você é trabalhador espírita?</i> | |
|---|-----------|
| Desde adolescência | 1 |
| 6 anos | 1 |
| Mais ou menos 8 anos | 1 |
| 14 anos | 1 |
| Aproximadamente 15 anos | 2 |
| 16 anos | 1 |
| 18 anos | 1 |
| Mais ou menos 20 anos | 1 |
| Mais ou menos 24 anos | 1 |
| Mais ou menos 25 anos | 2 |
| 27 anos | 1 |
| Mais ou menos 30 anos | 1 |
| Mais ou menos 31 anos | 1 |
| 32 anos | 1 |
| 34 anos | 1 |
| 35 anos | 1 |
| Mais ou menos 50 anos | 1 |
| TOTAL | 19 |

APÊNDICE L

ENTREVISTA

ENTREVISTADO Nº 19

a. O melhoramento do espiritismo é a base da sua colocação, divergências de opinião, sistema de trabalho. Pautamos um líder, as pessoas se espelham no que o líder faz, não tivemos isso, tivemos várias opiniões regionais, mal entendidas, das interpretações dos livros espíritas devido à condição de evolução de cada um e isso complicou.

b. Kardec deixou as coisas perfeitas e as pessoas não acompanharam a evolução do planeta, há centros espírita que ainda adotam sistema umbandista, não pelo espiritismo mas pelo entendimento que dele faz. A codificação é fácil as pessoas complicam, entre o Livro dos Espíritos e o dos Médiuns não há discordância, há uma continuidade.

c. De repente espíritas acharam que estavam na terra em missão de dirigentes de centro, colocaram suas próprias idéias, não as do espiritismo, não se espelharam na codificação. Alguém criou o sistema e achou que ia durar, o sistema caiu, não estava conforme a codificação espírita nem os espíritos sérios, entrando em sistemas contraditórios, quando os espíritos se afastaram eles ficaram sós, o sistema caiu, muitas casas espíritas perderam o recurso financeiro, perdemos muitos adeptos em 20 anos, somos testemunhas que existe espírita só por ser espírita não por frequentar a instituição. Não tem mais platéia além de 100 só de 5 pessoas é muito pouco.

d. Se isso está acontecendo, a base de sua pesquisa está corretíssima, foi uma inspiração divina, serve de alerta para nós na condição de médiuns, dirigente, conselheiro: Cada vez que se afasta mais fraco se fica, é a verdade. A gente precisa de um líder pra se espelhar nele, o líder diria: o sistema está errado, se acompanharia o sistema do líder, não tivemos isso. Tivemos um líder psicógrafo diferente, Francisco Candido Xavier, líder psicográfico, não de organização de estrutura de centro espírita, ele não tinha essa característica, tinha a de trazer a informação do plano espiritual.

e. Tivemos um líder na França, a gente não se espelhou nele, na codificação, um líder de organização, de estrutura, da doutrina espírita, Kardec deixou tudo pronto. A estrutura não foi valorizada, somos seguidores da religião, não da ciência. Perguntaram a Kardec: O espiritismo é religião ou ciência? É ciência, filosofia e religião. Com o passar do tempo percebeu-se que a filosofia e a ciência se distanciaram. Os novos médiuns que foram chegando, se adaptando ao sistema religioso, não forte no espiritismo, se espelharam no catolicismo.

f. Começamos a perder forças porque não tínhamos mais explicação para as reações científicas e o avanço tecnológico da humanidade. O problema doutrinário hoje é esse. Quando se fala de célula tronco, genoma, o catolicismo não explica,

quando se observam reações climáticas sob pontos de vista científicos dos espíritos que estão do outro lado, não poderíamos defender uma tese religiosa e o espiritismo diz : Deus vai acabar com o mundo e formar outro mundo, são opiniões, não bate com a ciência, quando a gente se espelhou nas missas dos Padres enfraqueceu, desandou, não podendo criar o demônio como a igreja católica, criamos o obsessor, jogamos a responsabilidade nele e não à pesquisa científica: “É o obsessor, vá orar por ele”, mesmo que o Padre; “É o diabo, vá orar por ele, vá afastar ele de você”.

g. A doutrina espírita foi se apagando, ela tinha uma luz forte no Brasil que era Francisco Candido Xavier, sustentação do espiritismo no Brasil, trazendo o exemplo e a seriedade no objetivo, a unificação. Unificação só em psicografia, não ia resolver porque cada um ia entender do seu modo, essa unificação psicográfica pretendida por Chico não aconteceu, cada um leu e entendeu do seu modo.

h. Se Chico tivesse o pensamento de um líder seria uma doutrina fortalecida, porque faria a unificação das instituições com objetivo único, mas o papel de Chico não era esse, era trazer novidades do plano espiritual para o material. A nossa era interpretar corretamente o que ele estava escrevendo, mas não fizemos isso, a casa espírita deixou de ser religiosa, tornou-se filantrópica:

i. O pensamento é dar sopa, pão, roupa. O pensamento de Kardec era científico, não assistencial. Começou-se a esquecer as origens, o lado econômico começou a avançar, não mais como na época de Bezerra de Menezes, pregador da caridade, que soube balancear o assistencial e espiritual e o religioso. Quando Bezerra desencarna, novamente os principiantes espíritas não seguiram a base dele, começaram a pregar a religião assistencialista, esquecendo o religioso. Bezerra de Menezes que era um conjunto espiritual, a campanha do kilo era um processo desobsessivo, ele aliou o assistencial ao espiritual e a libertação da própria pessoa que estava ali se doando espiritualmente para se libertar do orgulho, da vaidade, no meio da rua com seu saquinho.

j. A partir da desencarnação de Bezerra de Menezes a religião se torna fraca, nem religião, nem ciência, nem filosofia, só o assistencial, nada além disso. Todo mundo queria abrir centro pra fazer caridade e “começou” as deserções no espiritismo, pessoas que não tinham experiência, nem base, mas tinham boa vontade de fazer campanha, fazer isso e aquilo, mas com idéias ultrapassadas . O número de instituições espíritas era incontrolável, em todo canto você via uma, quando Bezerra deixou o assistencial esqueceram a ação religiosa e começaram a adotar a parte mística umbandista. Veja o problema aí, tinha centro espírita Kardecista que passava banho, velas, defumador, os médiuns que foram chegando, foram se adaptando ao sistema místico, uma mistura, a base científica de Kardec acabou.

k. nasci em 1968, com 15 anos eu questionava a discórdia entre eles, porque eu tinha uma base religiosa forte, científica, mediúnica, com a mentora, e base filosófica Eu já dizia: “Esse trabalho não está organizado, tem algo errado, eu não sinto a presença de médicos espirituais aqui”, aí me colocavam pra fora, não me aceitavam nos centros.

l. Diziam que “tava” obsediado. Eu não podia aceitar o que o codificador não colocou, a primeira mensagem que recebi da mentora espiritual da casa com 15

anos dizia assim: “Existem muitas coisas ocultas que serão reveladas por você”. Me assustei, e disse: “Meu Deus, eu não tenho esse compromisso todo não, nessa idade, a senhora escreveu isso” Ela disse: “No futuro você vai ver”, e a gente começou a observar que a casa espírita começou a ser vista como uma casa assistencial de alimento e roupa, ninguém queria mais se evangelizar, entendeu? Então, o que aconteceu? Economicamente os centros espíritas se “enfraqueceu” porque as pessoas tiraram tudo o que tinha dele.

m. A mentora dizia: “Essa questão assistencial nas casas é muito complexa, vai chegar o tempo que eles não vão ter dinheiro nem pra pagar a luz, nem água, porque “tão” tirando tudo o que têm”. As outras religiões “utilizou”-se disso maliciosamente, quando alguém ia pedir ao pastor, o pastor dizia: “Olhe quem faz caridade são os espíritas” e empurrava. Os centros espíritas se desdobravam, pra dar sopa, enxoval e não “evangelizava” ninguém, as pessoas recebiam e iam embora. Ocorreu, a decadência econômica dos centros espíritas, hoje tem centros que “fechou” as portas, não tem como pagar IPTU, luz, água. Com o econômico destruído, os adeptos foram embora, ficou uma classe de pessoas de 50, 60 anos, com idéias ultrapassadas, aí chegam os novos espíritas de 1968 pra cá, com idéias “diferente” das deles, eles não aceitaram, agora o mais interessante é que não provocamos a deserção entre eles, a gente preferiu se afastar porque eles não aceitavam opinião nossa.

n. O problema foi na área assistencial, essa área que teria que ser muito pesquisada para ser implantada numa casa espírita pra não ser mal interpretada. O adepto tem que vir em busca da religião, através do conhecimento que vai enriquecer o espírito dele, mas eles se confundiram, vieram atrás de recurso material mesmo e foi dando tudo o que tinha.

o. A igreja católica sempre controlou essa questão assistencial, não fez altos investimentos na pobreza, ao contrário, pregou o batismo, o casamento, estimulou o povo a ir em busca e ao mesmo tempo a doar o pouco que tinha à igreja. A igreja se fortaleceu economicamente, ela foi esperta nesse ponto, enquanto que de Kardec pra cá, de 1958 a gente só vem caindo na questão econômica, chegando ao fundo do poço, uma religião sem base econômica deixa de existir, como vai funcionar, pagar os impostos? Não tem como pagar.

p. Quando comecei a fazer palestra, com 22 anos ia pra o centro espírita e dizia: “Meu Deus, como é que a federação deixa isso funcionar desse jeito, como é que essas mulheres vão dar passes de short, de coton? Isso “tá” errado, como essas criaturas de roupas transparentes vão pra tribuna? A imagem da doutrina começou a ser manchada, as federações não tinham autoridade sobre os centros. Veio aí a explosão evangélica, os adeptos que recorriam a ela, buscavam reforma moral, estrutura, aquela pessoa desviada encontrava no pastor a sinceridade, essas pessoas começaram a se afastar do espiritismo, eu disse: “Não, eu tenho que procurar minha religião, que ela me reforme não que ela me libere desse jeito, “tava” tudo muito solto, era impressionante”.

q. O que acontece é isso. Os dirigentes começaram a ganhar forças porque tinham apoio federativo, e de repente tudo que era contrário ao que eles falavam, impediam, você não trabalhava mais. “Se não pensa como eu, vá embora. Procure outra casa

espírita. A gente ia procurar outra casa espírita e encontrava a mesma recepção e a mesma decepção, quer dizer uma pessoa com 25 anos já sofrendo, vamos dizer um descaso de uma federativa, acredita mais em quem? Em ninguém. A partir do momento que a gente começou a conviver dentro da Federação, a gente começou a ver que a grande falha “tava” ali, não “tava” nos centros espíritas, se você implantasse um sistema e colocasse nos centros, os centros iam aceitar, mas a federação começou a apoiar absurdos dentro de centro espírita, entendeu? Uma pessoa passa 30 anos num centro espírita administrando, ele é ditador, não é um administrador, morria no cargo, não deixava o cargo prá ninguém. Quando a gente recorria a federativa, a federativa dizia: “Não posso fazer nada”. “Mas vocês são órgãos representativos, vocês tem que tomar uma decisão, a coisa não pode funcionar assim!”. E assim os adeptos foram embora e “ficou” só os dirigentes, como pagar agora as contas sem adeptos? A federação não recebe nenhuma ajuda do governo pra repassar pros centros, de jeito nenhum. Kardec, Chico, nem Bezerra de Menezes tinham culpa, porque os órgãos representativos faziam a política interna, discordavam deles mesmos dentro da instituição.

r. A gente começou a frequentar as reuniões de Adeso, eu e Dona Maria Claudia Martins (Mentora do Hospital Espiritual Maria Claudia Martins). Lembro que me dava dor de cabeça enorme, eu dizia: D. Maria Claudia o que está acontecendo? Ela dizia: “Olhe, é a assistência que não é boa, mas não fale nada”. Eu disse: “Mas como não vou falar? Estou numa Federação é pra ter uma assistência, não é pra ‘tá’ desse jeito”. “Mas não diga nada, tem coisas que você desconhece”. Eu disse: “Um dia vou saber o que é”.

s. Então o que é que a gente começava a perceber ali? Que existia privilégio de uns e de outros não, aqueles que tinham mais recursos eram benquistos, era bem tratado e os que nem recursos possuíam, então, não existia direito de igualdade ali. Eu disse: “Olhe, Dona Maria Claudia, eu não quero ir pra reunião de Adeso, não sou dirigente, estou representando Dona Maria Alves que era a presidente, que mandaram eu representar”. Então a gente começou a perceber que o órgão principal não tem autoridade nenhuma, não teria como controlar uma doutrina tão séria, “existe” homens de muita capacidade moral na parte administrativa da uma Federação e ali não existia essa moralidade, de chegar e dizer: “Olhe, vocês tem que seguir isto aqui”. Então “era dado” os estudos de passes para o presidente do centro, mas o presidente não repassava pra ninguém, continuava no sistema umbandista, eu disse: Meu Deus, como é que pode, o Senhor não foi pro trabalho de passes, estudo de passes?” “Fui, mas faz 10 anos que eu faço assim, não se incomode, não”. “Mas não pode, foi um sistema errado, criatura”. Aí pra você perceber, aí que a partir do momento que nesses períodos que a gente passou dentro da doutrina espírita não surgiu um líder que falasse a verdade, não se impôs a verdade, ninguém é dono da verdade, “mais” que falasse a verdade e todos seguissem ela, a gente não estaria hoje como nós estamos, entendeu? Nós estamos pouco a pouco autodestraindo, a verdade é essa, porque a religião evangélica toma um campo enorme em rádio, em televisão, em jornais, enquanto a gente “tá” lá atrás discutindo quem é presidente, quem é vice e qual é a diretoria que eu vou formar. Então isso é o meu ponto de vista, em termo dessa questão que a gente coloca aí, da unificação, “tá” longe de Bezerra de Menezes .

t. A gente “tá” preocupado com a instituição, os postos, os cargos, a autoridade “mais” não a religião, o espiritismo, que é a filosofia.

u. Os espíritos preferem adotar outro sistema do que mudar o sistema porque eles sabem que não vão conseguir fazer isso, porque são mentes já há mais de 100 anos, então não tem como você mudar essa situação. A partir do momento que Dona Maria Claudia tentou, o prejudicado fui eu, porque ninguém quis me escalar pra canto nenhum.

v. É, não aceitaram uma renovação que não mexesse com a codificação, mas que renascesse o lado científico, renascesse o lado filosófico, o lado religioso. Aí sim, a religião fortalece, porque como é que o espiritismo vai explicar hoje em dia as células troncos se ele é religião? Como vai explicar hoje as células embrionárias, se ele é religião? Como explicar os semens congelados, se ele é religião? Não tem explicação nenhuma a dar, não tem porque vai ficar perdido no catolicismo, vou explicar o quê? Por isso que no ponto de vista médico espiritual, eles trabalham com as três filosofias juntas, aí fortalece o trabalho, aí nesse ponto de vista a gente concorda.

x. Eu sou W. B. N., a minha função na casa é a do conhecimento científico do plano espiritual, me adaptei ao estudo, à psicografia, a essa questão científica, a religiosa, a questão filosófica, depende do espírito que vai me inspirar. A gente tem que ter três conhecimentos básicos sobre a reencarnação que agente veio exercer, seria impossível vir só com o conhecimento religioso, não daria para explicar várias questões existentes no plano espiritual. Espiritualmente, no processo reencarnatório a gente passou por faculdade de religião, de ciência, de filosofias pra poder entender tudo o que a gente passa pra os encarnados na terra.

w. O mentor espiritual de uma casa tem uma responsabilidade maior do que todo grupo existente aqui. Dona Maria Claudia Martins convive mais dentro do hospital espiritual do que na mesa mediúnica, psicografando. Tudo vai em direção ao responsável pela casa, que é a mentora: internamento de paciente, enfermaria onde esse paciente vai ficar localizado, onde esse paciente está se está no plano inferior, se está aqui no plano terrestre, o papel do mentor dentro de uma casa, um hospital pode dizer que seria do administrador geral tanto da parte espiritual, como da material, a coordenação dos anjos de guarda dos médiuns, ele é responsável por isso, aqueles anjos de guarda que estão protegendo os médiuns.

y. O mentor da casa é responsável por isso, a partir do momento que é designado pelos espíritos celestiais, ele já tem uma base moral muito grande, uma estrutura de conhecimento e uma confiança da Divindade em administrar aquele setor. Essa administração só pode dar certo se houver união da diretoria material com a diretoria espiritual. Então o mentor espiritual tem que trabalhar em conjunto, porque ele tem uma coordenação da mediúnica, uma coordenação de trabalho de passe, uma coordenação de reunião pública, todo trabalho base do hospital, de uma casa espírita, ele tem tudo por escrito, como deve funcionar.

z. O problema de muitos mentores é que eles não têm oportunidade de atuar, porque não dão essa oportunidade, a casa coloca mentores espirituais longe do alcance dele: Maria de Nazaré mentora de uma casa, como é que ela vai se

comunicar? Então nem os mensageiros dela poderiam dar essa comunicação, não existem médiuns compatíveis em evolução pra receber esses espíritos, aí que acontece? Na casa existe um mentor que não é Maria de Nazaré, está ali para trabalhar mas ninguém tem confiança. Porque ninguém acha que tem a capacidade de receber o mentor. Nesse ponto de vista o mentor espiritual dá livre arbítrio à diretoria, ele não pode se envolver com questões financeiras, com questões sentimentais, o objetivo dele é evoluir o grupo, não é intervir no livre arbítrio do grupo. Dona Maria Claudia Martins respeita muito esse ponto de vista, existem coisas que ela vai e aconselha, mas existem coisas que ela diz: “Isso são atos próprios, vocês vão ter que resolver”. O espiritismo não funciona sem mentor, ele tem que ter o mentor, o mentor é a mola mestra dos médiuns de uma casa e o médium que “ta” recebendo o mentor tem uma responsabilidade muito grande sobre todos. Porque?

A1. A imagem do médium muitas vezes é confundida com a da mentora, no mesmo processo evolutivo. A gente tem que ser compreensivo, tem que ser indulgente, caridoso, temos uma responsabilidade, que estamos representando Dona Maria Claudia e essa representação tem que ser bem feita. Se acredita na estrutura do mentor espiritual, a gente pode dizer que, se Deus concedesse um mentor desse como líder religioso do espiritismo, seria um avanço grande, seria um líder exemplo, líder administrativo. Há duas condições em Dona Maria Claudia: a condição evolutiva e a administrativa. Eu digo: “A senhora merece um 10, montar isso tudo na parte administrativa e na espiritual não é pra qualquer espírito, a senhora tem uma bagagem muito grande.

A2. É uma longa viagem, porque tudo que você está vendo aqui estrutura de pasta, divisão de setor, setor de cirurgia (espiritual), formulário de paciente. Um mentor desse tem muito conhecimento pra fazer isso. Ele só não faria. teria de vir com uma equipe prá administrar tudo isso. Que entenda a orientação dele e faça exatamente como ele quer.

A3. Vamos ver o seguinte: no caso de Dona Maria Claudia Martins ela faz a seleção do médium, de renúncia, se ela vê que o médium tem dificuldade, ela não investe muito nele porque sabe que é uma fruta verde, não está madura ainda, vai chegar o tempo de ele se libertar das coisas existentes no mundo. Quando ela observa um médium, mesmo que seja jovem ela vai buscar o perfil dele em vidas passadas, vê aquele jovem e diz: “Vou fazer um levantamento de quem foi esse espírito”, observa que aquele jovem trabalhou 30 ou, 40 anos com mediunidade, que ele tem uma história, “vamos investir nele porque é um médium que vai dar certo”. Isso vem dando certo há mais de 11 anos porque ela sabe a estrutura. Eu noto nela aquele olho clínico pra médium, ela vê o médium e faz: “Olhe, isso aí é o perfil da casa, vamos trabalhar ele, vamos cativar ele, vamos resolver os problemas dele, para depois ele resolver os problemas dos pacientes”, então ela trabalha nesse sistema aí.

A4. Temos a oportunidade de às vezes realizar uma coletiva, ela vem. tem aquela exigência do mundo celestial para conosco, ela quer aquele hospital perfil modelo que eles têm no outro lado, então se esse modelo está numa harmonia plena, se esse modelo “tá” produzindo bons frutos, a mentora vem, às vezes no final do ano em dezembro, ela vem e dá a mensagem de Natal, mais ou menos 1 hora de

palestra com ela. Nessa mensagem de Natal a gente observa a grandeza desse espírito, a seriedade que ele tem com a religião espírita, a gente observa que os espíritos amam essa doutrina, nós é que precisamos amar e renunciar. A gente observa a dedicação que eles têm, claro que eles têm participação no catolicismo, na religião evangélica, que isso é independente de religião, eles sabem que o meio espírita é o meio de expressão que ele quer colocar, então o meio que ele pode falar a linguagem do plano espiritual. Por isso o investimento dos espíritos superiores na religião espírita é muito grande, porque é uma religião que abrange tudo, explica tudo, mas os que estão reencarnados não valorizam isso, o grande problema é esse. Então quando a gente escuta Dona Maria Claudia falar sobre espiritismo, a gente percebe a seriedade que existe no mundo espiritual quanto ao espiritismo implantado aqui no Brasil, uma seriedade muito grande, então quando a gente começa a pensar em Maria Santíssima e verificar que ela responde com seus raios luminosos na nossa direção, nas comunicações de hipnose a gente diz: “Meu Deus, nenhuma religião tem uma coisa tão sagrada dessa, nenhuma religião tem isso e nós temos e não damos valor, entendeu? E se a gente soubesse que eu pensei em Maria Santíssima e ela respondeu, ela respondendo ao meu apelo para ajudar os necessitados, então ela conhece que essa doutrina é forte, que essa doutrina pode mudar a humanidade, agora precisa mudar os administradores, aí sim.

A5. Exerço a mediunidade e sou espírita há mais ou menos 27 anos, acho que são 27 anos de renúncia porque não basta você ser espírita, não é fácil viver no meio de pessoas que não pensam como você. O espiritismo é fácil de se ler, mas cumprir o que está se lendo é complicado, você vai viver em meio a uma sociedade que tem várias origens, vícios, eu me sinto às vezes perdido, muita coisa eu não posso participar, a sociedade cobra e quando cobra você tem que ser sincero, eu não posso fazer isso, não está nos meus princípios religiosos. “Que religião você é?” Espírita. “Você é catimbozeiro”. “É, sou um catimbozeiro evangelizado, não faço mal a ninguém”. Existe a dificuldade em ser aquilo que a gente lê, numa sociedade, é difícil, mas temos a companhia dos mentores espirituais, a companhia de Doutora Patrícia (espírito), isso fortalece. Às vezes eu penso: “Meu Deus, existem determinadas coisas que eu quero conversar e não tenho uma pessoa intelectual pra eu dividir isso”. Então, no meio de pessoas ignorantes você sobreviver a isso tudo, não é fácil.

A6. Fica pra dentro. Às vezes eu fico conversando com Dra. Patrícia determinados assuntos, Dona Maria Claudia, passo horas conversando, eu digo: “Olhe, só vocês têm esse entendimento”. Às vezes me pergunto: “Meu Deus, porque me colocaram em Prazeres? “Meu Jesus, esse lugar é atrasado demais, me jogaram aqui. Eu quero dividir algum diálogo com alguém e não encontro, me sinto sufocado, só vocês podem me ouvir e dividir determinados assuntos comigo, mas vou conversar com um ser ignorante ele não vai entender”. Acho que é o que fortalece a gente dentro do espiritismo

A7. O que nos fortalece no espiritismo, primeiro, é o que a doutrina nos trás, o segundo, o que a gente pode oferecer ao paciente. O que me prende a doutrina espírita é a melhora do paciente, e ver a aflição dos outros aliviada é uma compensação, como se eu recebesse um prêmio de mega sena, conseguir tirar alguém da hipnose, conseguir tirar alguém da UTI, isso é a felicidade que a gente tem.

A8. Tenho a oportunidade da tarefa. Essa oportunidade é que dá aquela firmeza de continuar dentro do espiritismo e a gente não se baseia muito na questão rotineira, aqui não tem rotina, todo dia aparece novidade, a partir do momento que isso fortalece a gente: “Meu Deus, pode chegar alguém precisando de ajuda, a gente vai se doar mais uma vez, se doando e ainda acha pouco, poderia fazer muito mais”. O que mais constrange a gente é quando perde um paciente por obsessão, só falta me acabar.

A9. Eu passo meses pensando: “Meu Deus, o que a gente fez errado, por que esse paciente?” A mentora vem consolando, “não se preocupe, foi Deus que chamou”. “Mas a gente poderia fazer diferente. É a senhora que coloca desculpa pra me consolar, a gente poderia tirar ele daquilo, nesse momento quem matou ele de obsessão “tá” rindo, não admito isso, a gente poderia salvá-lo”. Fica o sentimento de que a gente poderia fazer mais pelo paciente. 27 anos de espiritismo, a gente teve mais tristeza com o meio espírita do que alegria e felicidade com as pessoas que nos “procurou” pra ser ajudadas, mas com meio espírita, poucas lembranças se tem. Hoje, com mais experiência, antes era mais difícil compreender porque o desprezo, “né”, porque o afastamento de algumas pessoas, hoje em dia a mentora já diz: “Você já evoluiu um pouco, porque você não se queixa mais disso, já está compreendendo”. Agora eu compreendo, aqui é a nossa casa e o nosso trabalho, não importa a casa dos outros.

A10. Eu aprendi uma coisa com ela, o seguinte: o médium só é médium se for dada chance a ele, “nós vamos dar chance de você exercer todas as faculdades que você trouxe do plano espiritual.” Isso pra mim foi um alívio, porque, quando eu olhava uma mesa e via uma entidade mistificando o médium, eu não podia fazer nada, ia perder o médium. Mas aquela casa não estava sob a coordenação de Dona Maria Claudia, era um sofrimento, quando via um procedimento de desobsessão errada, sabia que o paciente não ia resistir, que a desobsessão “tava” errada, mas fazer o quê? Eu perguntava: “Dona Maria Claudia, pra que eu trouxe conhecimento, vou utilizar aonde? Me responde, porque não posso falar nada, fico no silêncio.”

A11. Ela dizia: “Fique no silêncio que um dia você vai entender.” Quando aprendi isso com ela, não discrimino nenhum médium, nem de idade, ele pode ter 18, 50, ou 60 anos, se ele quiser uma chance, o hospital vai dar, aprendi que a gente só cresce tendo chance no meio mediúnico.

A12. Não abre as portas porque falta um trabalho de desprendimento das “direção” da casa. Dona Maria Claudia, sempre disse: “Faça tudo o que você quiser em termo de ajudar os médiuns, que hoje pode ser seu último dia na terra; faça isso, ao acordar pense nisso todo dia”. Eu comecei pensar nisso e comecei dizer: “Meu Deus, vamos preparar pessoas que “dê” conta do trabalho, independente da idade dessa pessoa, mas vamos dar oportunidade, quer trabalhar, então vamos ajudar essas pessoas”. Então não se pode ficar apegado às paredes de uma instituição espírita, as paredes ficam, a gente vai ter que ir, a realidade é essa. Acho que dentro do hospital ninguém tem que se queixar de mim em termo de oportunidade, todos tem sua oportunidade, todos agarram sua oportunidade.

A13. Meu interesse da leitura numa escala de 1 a 5 , eu poderia considerar aí, porque existe dois tipos de trabalhos pelos espíritos que nós, médiuns, não poderíamos desprezar. A gente sabe que a base que Kardec deixou, a base que Francisco Candido Xavier deixou, a base que Léon Denis deixou foi uma base muito segura, então nós associamos isso a esse tipo de leitura colocada pelos médiuns, trazidas pelos espíritos, as freqüência de estudo no plano espiritual é mais avançada do que os livros psicografados.

A14. Interessante, porque, quando a gente começou a trabalhar com Dr. Carlos Henrique (espírito), eu era um médium inseguro, era uma nova questão que estava surgindo, então eu teria que ter provas, provas do que estava estudando. A mentora que nos trabalha diz o seguinte: “Olhe, quando você dormir e amanhecer o dia, você vai ouvir todas as aulas que você aprendeu do outro lado”. Eu disse: como? “Vai ficar arquivado na sua memória perispiritual”. E é interessante, quando eu me levantava, vinha como se fosse um gravador. Disse: “Meu Deus, realmente “tá” acontecendo isso, um dia você vai colocar isso em prática” e começou a fazer as primeiras consultas no hospital. A partir do momento que começou a fazer as primeiras consultas, o paciente dizia aquilo que eu tinha estudado no outro lado, então o paciente dizia: “Dr. Carlos Henrique, olhe, Doutor, eu estou com um problema é nos ossos, dói todo o meu corpo, que é que eu tenho”? Eu disse: “Estudei isso no outro lado, Doutor? Ele “tá” dizendo os sintomas que eu estudei. O médico me perguntava: “O que foi que lhe disseram lá?” “Disseram que era contaminação óssea, é isso que ele tem”. “Diga a ele que ele tem uma contaminação óssea e que a gente vai tirar agora a contaminação”. “O senhor vai tirar como?” “Vou fazer, deite ele no bureaux, pegue uma seringa nas articulações e comece a tirar todas as substâncias negativas”. Perguntava ao paciente: “E agora tem dor?” O paciente: “Não tem dor nenhuma”. Eu dizia: “Realmente, isso é verdade”, e eu começava a ver ali a prova de que eu tinha visto e estudado durante o sono com os espíritos.

A15. Com uma equipe acompanhando, os estudos foram avançando, e foi prá área de gestante, setor de gestante-terapia, e uma vez uma entidade entrou no campo magnético da gestante e eu tinha estudado lá no plano espiritual que aquilo ali era um acontecimento que ninguém tinha visto aqui, uma entidade queria interromper o estado gestacional da gestante provocando um processo obsessivo no feto e absorvendo todas energias vitais do feto. Eu tinha estudado isso lá, aí de repente chegou a mulher com o mesmo sintoma, aí ela começa a dizer, eu disse não foi o médium quem disse, foi ela quem disse, eu lembro disso, aí dizia: “Não, isso aí é um processo obsessivo da entidade que não quer deixar a criança reencarnar, pegue o médium e coloque lá dentro e mande receber esse espírito”. Aí colocou o médium e depois voltou pra gestante: “Como é que a senhora “tá”?” “Estou melhor”.. Nossa dedicação aqui é de 24 horas por dia, não é uma dedicação simples, era pesquisa, era buscar em livros espíritas algumas explicações de paciente que tinha doenças incuráveis.

A16. Era pesquisa direto, então mais ou menos nós passamos aqui 4 anos só estudando antes de abrir o hospital, então quando chegava alguém aqui pra uma consulta a gente não tinha, encaminhava pro Chico Xavier, então lá no Chico Xavier você faz, então ela dizia: “Você não tem estrutura ainda pra o que vem, tem que se preparar mais 4 anos ainda “ta” muito pouco”. Então por isso que essa base

científica que nós adquirimos é uma base espelho pra religião espírita, pra filosofia espírita e pra ciência espírita, então por isso que há interesse de muita gente, “tá” vindo fazer o curso porque eles estão vendo que o sistema que foi criado aí fora não foi pelos espíritos, foi pelos espíritas, e o sistema não está funcionando, ele está travado, por isso “tão” vindo em busca de conhecimento.

A17. A responsabilidade a gente sempre “transpassou”, a responsabilidade coletiva, não individual, porque eu lembro que no início eu carregava esse hospital nas costas e não era fácil, porque você não tem doutrinador, você não tinha médiuns de incorporação, então imagine você doutrina um espírita sem médium, ele sentado e você conversando auditivamente com ele, ou um paciente incorpora sem ter médium para auxiliar, não foi fácil. Eu aprendi com Dona Maria Claudia Martins o desprendimento dos trabalhos, a partir do momento que ela confiava no médium ela dizia: “Entrega o setor a ele, esse médium é de confiança”. Tão de confiança que tem setor que faz 2 anos que eu não entro, mas sei que funciona há 2 anos corretamente. A gente foi delegando responsabilidade, que não acontece aí fora, temos que confiar nas pessoas que estão ao nosso lado, dando oportunidade daquela pessoa conhecer. A gente armou aqui várias estruturas, a fisioterapia, confio na fisioterapeuta, na psicóloga, na fonoaudióloga, na dentista da casa, que merece confiança. Então quando vejo que um profissional, um médium não merece confiança, vou à frente com ele, então vou dizer: “O trabalho é meu, o trabalho é seu, tem que ser exercido dentro de uma responsabilidade muito grande, você não “ta” tendo essa responsabilidade, vou mostrar vários pontos que você está errando”. Foi assim que eu aprendi com a mentora, é isso que repasso pra ele, chega a uma conclusão de que eles têm que consultar sua consciência e vai chegando o momento que vão andando com as próprias pernas.

A18. Então Dona Maria Claudia já criou um sistema na parte administrativa dela, de coordenadores de setores, então ela dizia: “Olhe, um bom coordenador de setor, vai ser um bom dirigente dessa casa”. Agora, se esse coordenador for intransigente, coitada da casa, então você vai conhecer quem é o hospital futuro pelo coordenador, então ela criou o coordenador do setor”. “Por que a senhora “tá” criando isso?” “Pra não deixar muita responsabilidade com você, então você vai observar como se comporta esse coordenador, se ele for intransigente com os médium, não escale mais ele, que ele não tem capacidade de liderança. A capacidade de liderança está na educação que ele possui, no comportamento dele, ele tem que ouvir mais e falar menos, observe tudo isso”. A gente começou a observar isso, a gente começou a observar que existiam pessoas que tinham espírito de liderança.

A19. Fomos dividindo a tarefa, hoje não me acho sobrecarregado pelos trabalhos como antes, hoje percebo que o dia que mais trabalho é o de hoje, (domingo) durante a semana o pessoal trabalha aqui sem minha presença, eu fico feliz.

A20. As coisas pra mim “foi” muito precoce, mais ou menos aos 15 anos lembro que todas as quartas-feiras era pra eu “tá” na escola, mas eu não conseguia chegar na escola de jeito nenhum, de repente me dava um transe que eu terminava na frente do Centro Espírita Paz e Amor, que havia reuniões na quarta-feira.

A21. É, me levavam, e quando eu chegava lá dizia: “Estou fazendo o quê aqui? Vim fazer o quê na frente dessa instituição?” E a dirigente, Dona Clotilde, do Paz e Amor

dizia: “Olhe, meu jovem, entre”. “Eu não quero entrar aí, não, de jeito nenhum, não sei nem o que eu vim fazer aqui, vou embora pra casa”, e ia embora. Na quarta-feira seguinte de novo, uma vez eu cheguei lá todo desconfiado, eu olhando para um lado e outro, Dona Clotilde disse: “Entre, só pra escutar a palestra”, eu disse: “Vou entrar, agora, se eu não gostar vou embora, não fico aqui”. Eu, todo desconfiado, um amigo meu era o orador, João Albuquerque, pessoa muito experiente da federação espírita, eu dizia: “Me interessei, esse homem fala coisas que ‘tá’ ligado (...) porque eu não ‘tô’ sabendo porque eu estou aqui, ‘mais’ eu gostei”, aí eu disse: “Vou de novo, tem reunião aqui, quando? Nos sábados, porque toda quarta-feira ‘tô’ perdendo aula e eu quero vir o dia que realmente era, no domingo à noite, então eu venho no domingo à noite, na quarta-feira não venho mais não”

A22. Deixou de acontecer. Eu continuei lá, sempre sob a responsabilidade de Dona Maria Claudia Martins.

A23. Assistindo reunião pública, depois de mais ou menos 1 mês me encaminharam para um grupo jovem, não gostei, cheguei e disse: “Não quero estar aqui, não”. Não gostei por quê? Porque eu não sou um espírito jovem, eu, um espírito já velho, não vim aqui pra cantar nem pra “tá” com o violão ali na frente. Falei com o doutrinador, ele fez: “W, vamos fazer o seguinte: você tem quantos anos?” “Tenho 15 anos”. “Vamos pro estudo mediúnico”. Eu disse: “Eu vou”. Comecei no estudo mediúnico, no estudo mediúnico eu disse: “Pronto aqui eu gostei, tem pessoas idosas, pessoas experientes”. “Ele disse: “Eu não entendo, como é que você tem essa idade”.

A24. Eu disse: “Não quero estar aqui mesmo”. De repente vinha a chamada compulsão intuitiva, aí “tava” lá. E começava a responder as perguntas. Mais ou menos 6 meses depois, Sr. X chegou e disse: “Wandi, vamos pra mesa mediúnica”, eu disse: “Pra mesa mediúnica? Eu não sei o que é, ‘mais’ vou”. Fui pra mesa mediúnica, na segunda sessão já escrevi o nome da mentora completo. Sr. X, que era da Federação, disse: “Wandi, tu tens uma responsabilidade muito grande, ‘visse’, te prepara”. “Mas por quê?” “Porque olhe, sua mentora colocou o nome completo aí, entendeu? E pelo que vejo o avanço que você “tá” indo, você trouxe muita responsabilidade.

A25. O que compreendo hoje é que não tenho compromissos com os espíritas, tenho compromisso com o espiritismo e tenho compromisso com Deus, esse compromisso eu tenho, por quê? Porque eu sempre digo à mentora: “A senhora sempre disse pra mim: hoje poderá ser seu último dia. Eu sempre espero esse dia pra prestar contas do que assumi no plano espiritual.

A26. “Tô” sempre me preparando pra isso. Sempre digo a ela: “Se hoje for o meu último dia, já tenho meu relatório completo, já fiz minha parte”. Os que ficaram lá, não têm o que reclamar de mim, todos tiveram oportunidade de aprender, de estar dentro da reunião, ninguém foi impedido disso, todo mundo tem experiência, se eu desencarnar, desencarno tranquilo. não tenho nenhuma mágoa do espiritismo, tenho mágoa dos espíritas, essa mágoa em mim existe porque eu não estava preparado pra decepção com 20 anos de idade, era um jovem, não estava preparado pra isso, entendeu? Não estava preparado pra ser expulso de uma casa com 22 anos.

A27. Pra uma pessoa jovem se manter diante de tanta pressão de pessoas que se diziam religiosas, era complicado aceitar isso. Hoje vejo diferente, vejo que todos temos compromisso com a doutrina independente de falha do meio espírita, temos um compromisso com Jesus esse compromisso é sério, compromisso de renúncia, porque eu trabalho no pesado o dia todo o dia todo eu trabalho no pesado, mas quando chega de noite Dona Maria Cláudia diz: “Vamos trabalhar agora para Jesus, isso foi a sua alimentação” e a gente não se sente cansado, a gente vem, ela diz: “Eu não posso cobrar mais de você, mais do que você faz, eu não posso cobrar mais nada, porque você luta pelo pão espiritual e luta pelo pão material, não vou cobrar mais nada. Sei que existe o cansaço físico, a sua idade, mas vejo você lá em qualquer circunstância que eu pedir você está lá, espiritismo é justamente isso, é doação espiritismo não é auto-divulgação, mas doação”. Eu sempre digo pra ela: “Dona Maria Cláudia, eu sou a sombra da espiritualidade, nada mais do que isso, me deixe lá escondido que eu não quero auto-divulgação, não quero imprensa, não quero estar em rádio e televisão, eu quero ‘tá’ ali no meu cantinho, fazendo o meu trabalho; se um paciente divulgar o nome do hospital, foi ele quem divulgou, mas eu tenho muitas restrições a ‘tá’ em rádio, em televisão, eu não quero isso pra mim, porque eu não quero isso pra mim, quero isso para o espiritismo, porque, se um dia eu fosse convidado, eu ia falar de espiritismo e, na realidade, o nosso meio se tornou um meio vaidoso, porque existe auto-divulgação e não, do espiritismo. Alguém que vai fazer uma palestra, coloca lá seu nome enorme na parede, mas não coloca nem o tema, o tema nem aparece, aparece o nome dele que está lá, ele coloca o cartaz, ‘tá’ o nome de fulano de tal enorme”.

A28. Então não é isso que o espiritismo busca. Temos muito respeito pela doutrina implantada por Kardec, porque é uma doutrina fiscalizada por Jesus, o respeito por ela é muito grande e tudo que a gente fez pra melhorar essa conduta de médiuns da doutrina espírita, foi tudo pensando no avanço do espiritismo. Às vezes ela diz: “Você não pensa em você, não? “Eu não penso em mim, não”, porque existe tratamento que ela disse: “Cuidado, esse tratamento é grave, eu não vou fazer, eu não quero ver aquela pessoa morrer”. “Eu prefiro morrer por ela”. “Mas ela não vai morrer, mas existe risco, mas eu quero fazer”. A partir do momento que você “tá” tratando, você “tá” divulgando o espiritismo, a grande divulgação nossa não é só falar, eu acho que tratar já é divulgar.

A29. A prática. Às vezes a gente vê pessoas que até desconheço, quando começou aqui: “Olhe, eu fui curado ali por Dra. Patrícia”, eu disse: “Mas quem é você, que eu nem lembro? Mas você vê, o bem jamais é esquecido, sempre é lembrado por aquela pessoa, né? A teoria se esquece, mas a prática fica arquivada.

A30. Paulo de Tarso dizia uma frase interessante “Tudo é lícito mas nem tudo me convém”, ele dizia isso. Então existe coisa que nós que viemos de uma formação espiritual diferente, na época de muito jovem na terra, a gente não se enquadrava, não se encaixava, aquilo ali, porque o espírito vai adquirindo maturidade e ele vê que alguns tipos de situações na terra, como uma diversão de uma dança, aquilo não faz mais sentido pra ele, entendeu? Então a renúncia, ela não pode ser algo sofrido ou a pressão psicológica, é algo espontâneo, então jamais alguém vai renunciar sob pressão, então alguém vai renunciar pela própria necessidade interior que você tem. Então, eu lembro que a mentora dizia: “Olhe, eu não quero você em baile de carnaval “. “Mas eu só vou ver de longe”, e de repente chego lá e vejo que

isso não tem sentido nenhum, eu estar aqui, eu vou embora, se tem razão, vá embora. Então nisso tudo eu começava a observar o seguinte: aquelas pessoas que estão ali, elas não despertaram ainda para o sentimento ao próximo, então elas fizeram da vida uma diversão, não fizeram da vida uma diversão e um compromisso, entendeu? Então você pode ter o compromisso e a diversão, mas só a diversão, sem o compromisso não pode de jeito nenhum. Então quando o meio espírita, ele fala em renúncia muitas vezes é da boca pra fora, entendeu? Porque quando a gente percebe que essa renúncia estar enquadrada no seu próprio eu, ele mesmo desperta. Existe uma situação de diversão e existe uma situação de necessidade, então nós somos atraídos pelas necessidades dos outros e nós somos atraídos pela necessidade da diversão, então já outros que, de acordo com o próprio merecimento dele, da evolução deles, eles são atraídos pela diversão e não para as necessidades dos outros. Então a renúncia, ela é uma questão de libertação interior, pausadamente, entendeu? Então ela não é uma questão que no estalar de um dedo você se liberta de tudo, de jeito nenhum. Então depois a gente começou a ver a necessidade dos outros, como os outros necessitavam ser “amado”, como os outros necessitavam ter atenção necessária, poder ser ouvido, então a gente começou a observar isso aí e a gente começou a colocar: “Olhe, isso aqui não é importante, vamos cortar, o importante é isso aqui, entendeu? Você já conseguiu se libertar disso aqui?” “Já consegui”, então não faz mais sentido “tá” aqui, vamos partir pra quê? Então os mentores espirituais, eles cobram aquilo que a gente tem, aquilo que a gente não tem, eles não cobram, porque eles já sabem da possibilidade do espírito. Então, se nesse momento nós estamos aqui, é uma renúncia, entendeu? Uma renúncia, até não estar visualizando o cansaço de pegar aqui de 10 horas da manhã, não, a gente “tá” aqui numa pesquisa riquíssima, entendeu? Nós estamos porque é algo que vai fazer.

A31. Desde de manhã, então a gente “tá” aqui porque a gente “ta” vendo a importância disso para o futuro, entendeu? Então, se estamos aqui, não é por acaso, então, se estamos aqui pra trazer informação, que isso vai servir para o futuro, então isso aí é a gente renunciar a cansaço, renunciar a condição fluídica de emissão que a gente fez para estar aqui, implantando uma base que vocês vão deixar para o futuro. Porque nesse ponto de vista a renúncia é com amor, não por sacrifício.

A32. Olhe, veja bem, um **espírita ideal**, pra ele colocar num mundo de expiação e prova é difícil, é difícil pelo seguinte: porque você vai encontrar vários tipos de características de pensamento, de opiniões, de convivência. Então eu sou um espírita que eu posso dizer assim diferente dos outros, porque eu vivo no meio da miséria, eu vivo no meio da necessidade, isso faz com que você renuncie ainda mais e faz com que você não busque mais do que você tem, porque de repente você estar aqui e de repente você estar numa favela, de repente você estar numa favela e você estar num lugar alagado. Então eu convivo aqui há 41 anos, então quando eu passo a olhar aquilo ali junto com Dona Maria Claudia, às vezes eu digo: “Meu Deus, a culpa disso não é religiosa, é política e a gente não pode fazer nada”. Então essa criança que a gente “tá” vendo ali tomando aquela farinha de maisena, que aquilo não é mingau, então outras crianças agora estão tomando Danone, eu não me conformo com aquilo, aquilo não é condição que Deus colocou, entendeu? Então aí eu digo: “Eu não seria um espírita ideal pensando assim”, entendeu? Porque a gente convive, é como se a gente convivesse dentro de umbral aqui em Prazeres, a gente vê diversas situações. Tem alguém querendo fazer uma “liciação” numa menina de

13 anos, veja então, você olha aquilo ali e de repente ou você defende ou você critica. Então você não pode considerar uma criatura ideal, mas uma criatura que você convive com a diversidade de espírito sem misturar-se, é muito mais difícil do que a gente pensa, entendeu? Então é muito mais fácil para um monge, ele “tá” trancado dentro de um convento, então ele “tá” protegido de tudo isso, “mais” nós que convivemos numa situação dessa, e situação deprimente, então de repente você está aqui, aí chega alguém que matou 10 perto de você: “Olhe, acabei de matar um ali”. Aí você olha e diz: “Meu Deus, veja o meio aonde eu vim cair, entendeu? Então eu acredito que seja um meio fortíssimo de expiação e prova, ou você segue o bem ou o mal lhe arrasta, então a verdade é essa. |Então desde da idade de 13 anos, a gente soube separar isso tudo, essa convivência, conviver sem chocar, conviver sem criticar, conviver sem condenar. E sem se envolver, entendeu? Então nesse ponto de vista aí a gente pode dizer: “Eu sou um **espírita ideal**? De forma nenhuma, ideal só teve Chico mesmo, nós somos espíritas em treinamento.

A33. **As diferenças de conduta espírita** é falta de organização, a gente pode dizer isso dentro do nosso meio doutrinário, falta de organização. Nós não temos organização administrativa nem de federativa, nem temos organização dos centros que são aliados à Comissão Estadual do Espiritismo, nem a Federação Espírita Pernambucana. Então a gente sabe que “existe” pessoas boas ali dentro, “mais” “existe” pessoas, meu Deus, que têm que ser orientadas, uma diretriz, entendeu? Então se houvesse, vamos dizer, uma seriedade daqueles que são afiliados à Federação, aqueles que estão na Federação, que deseja avançar o espiritismo, aí nós poderíamos dizer que dentro de 2 anos a gente mudaria essa situação. Agora ficou uma situação bastante complexa, quando uma instituição, ela não é filiada à Federação e é discriminada pela Federação. Então, não é desprezando os outros que você vai erguer os outros, de jeito nenhum, é você se aproximando dos outros, entendeu? Eu me lembro de um exemplo até de uma umbandista que mora aqui, que ela me deu uma lição que eu não esqueci até hoje. Então ela passou uma certa vez aqui pela manhã, eu estava ali, ela olhou pra mim disse: “Olhe, eu admiro o trabalho do hospital, porque você não cobra nada de ninguém”. Então isso era a visão umbandista, não era uma visão de espiritismo. Então, se alguém está fazendo o bem, como disse Jesus naquela época, alguém chegou pra ele, disse: “Olhe Senhor, tem determinado jovem ali que cura em vosso nome, que expulsa o demônio em vosso nome”, e ele disse: “Olhe, se ele faz o bem, o mal ele não vai fazer nunca”. Então eu acho que nesse ponto de vista, as instituições, que se separam por questões administrativas, elas “teria” que ter uma visão aí religiosa, uma visão humana, então se ali “tá” tratando de ser humano, se ali não está cobrando nada do ser humano, vamos dar apoio, se ali existe um lado científico, filosófico, vamos ser humildes, e vamos participar do estudo ali, entendeu? Então, nesse ponto de vista, seria o melhor para as instituições.

A34. Então a gente poderia dizer que, no ponto de vista de Frederico Menezes, a gente poderia dizer que Fred seria um satélite e os centros espíritas as antenas que “ia” receber tudo aquilo que Frederico Menezes passasse, entendeu? Agora, nesse ponto de vista, eu me afastando, eu vou resolver o quê? Eu não vou resolver nada, então não adianta, então aquele que a gente observa que ele é um líder forte dentro do espiritismo, ele deve ser convidado a administrar uma casa, entendeu? Deve mesmo, porque ele tem liderança, ele tem opinião, ele tem conhecimento e acima de tudo a ligação com o plano espiritual dele é muito forte. Então aí nós teríamos o

quê? Um líder como a igreja católica em Pernambuco teve Dom Helder. Então Dom Helder foi um líder que segurou até o fim e ficou na história, entendeu? Então o que falta em nós é isso, o conhecimento foi dado, falta liderança. **Liderança com conhecimento e humildade.**

A35. É. Os três têm que caminhar juntos, porque o comportamento do líder religioso tem que entender que nem tudo que as pessoas pedirem ele vai fazer, pra agradar, e nem todos os problemas ele deve se envolver. Ele é um líder religioso administrativo, educacional, que vai coordenar todas as suas ovelhas de maneira simples e objetiva. Ele consegue tudo se for um líder, se colocar num pedestal ele cai, com certeza ele cai. A casa espírita além de escola, de laboratório, ela é uma oficina de trabalho.

A36. **Com relação ao conhecimento no campo do espiritismo**, eu pretendo, antes de morrer ou desencarnar, adentrar no campo da associação de células cancerígenas com eletromagnetismo. É uma curiosidade nesse campo, que não está psicografado por ninguém, que associação será essa? Porque os portadores de câncer têm o mesmo eletromagnetismo do paciente que tem hipnose e obsessão. Na minha cabeça é um ponto de interrogação, que eu penso 24 horas por dia, por que essa associação? E por que, quando eles se estressam, desenvolve bem rápido, entendeu? O campo hoje científico no espiritismo é mais baseado no perispírito, na mediunidade. A parte mediúnica pelos espíritas já está resolvida, é uma parte que foi fechada por eles, tem muitas coisas para estudar nesse ponto de vista. Questões relacionadas de encarnado a desencarnado, doenças que um transmite ao outro, de espíritos encarnados pra desencarnados, isso é campo morto moderno. Então, como estamos vivenciando uma ciência, essa ciência avança conforme a ciência terrestre avança. Minha maior curiosidade é descobrir essa associação, não tenho curiosidade na área mediúnica, desobsessiva, tenho curiosidade porque já é um campo muito bem estudado, bem elaborado por outros escritores, mas o da doença perispírita ainda é coisa que precisa ser estudada profundamente

A37. Ele vai ser associado, estamos estudando como se deu a origem dessa célula cancerígena. O que e por que causou? A maioria das pessoas que têm câncer têm obsessão gravíssima, não seria uma expiação e prova dentro do câncer, seria alguma questão que está aberta, que a gente tenta descobrir, a gente não conseguiu ainda.

A38. É um resultante de algum processo, dentro do campo energético. No campo doutrinário, não tenho curiosidade nenhuma, isso também “ta” fechado pelas equipes espirituais, não tem o que pesquisar porque a base de pesquisa agora é na área psicológica, nas funções respiratórias. O espiritismo futuro vai fazer o que pregou Allan Kardec, se associar à ciência. Veja o que os espíritos “tão” pregando agora. Kardec não pregou a associação de religião com religião no espiritismo, por isso houve divergência, ele pregou a união da ciência com a religião, não foi religião com religião. No momento que a ciência se une a religião espírita, vai se unir à ciência espírita. E quem não se adaptar a ela nos centros espíritas, vai fechar, ficam ultrapassados, porque sabe-se que os Russos já têm estudos: eletromagnetismo, hipnose, água eletromagnética. Nós estávamos ainda estudando obsessões, eu não

tenho mais a curiosidade de estudar processo obsessivo, porque são coisas ultrapassadas. (Sic)

Observação:

Desta forma, encerra o depoimento do entrevistado n. 19.

Como procuramos informar e justificar no corpo da dissertação a sua inclusão na íntegra, entre os anexos, repetimos, deveu-se, exclusivamente, à espontaneidade e simplicidade do entrevistado quando colocou muitas questões de interesse do pesquisador e que outros entrevistados – talvez por cuidado no que se refere a preservação da pessoa e da instituição a que está filiada, seja na condição de dirigente ou colaborador, seja pela compreensão diferente do “ser espírita”, ou “ser cristão” – buscaram, como é natural, se preservarem através de um discurso contido e cuidadoso. Portanto, as informações do entrevistado 19 facilitando o trabalho do pesquisador quando da análise dos dados. Deixando claro as dificuldades, contradições, intolerância e falta de iniciativa das Federativas para incluir àqueles que não se pautam no “modelo” instituído por elas, muitas vezes exigências pessoais colocadas e cobradas como institucionais.